

INTRODUÇÃO

O sistema prisional brasileiro passa por uma crise sem precedentes. “O sistema prisional brasileiro é um escândalo, precisa ser profissionalizado”, diz Carlos Lopes, embaixador da Organização das Nações Unidas (ONU) no Brasil. Salta aos olhos que as prisões não cumprem nenhuma de suas funções básicas. Não restringem o ir-e-vir dos detentos, pois cerca de 4.500 deles fugiram em 2002 - somente contando os presídios, e sabendo-se que as fugas em distritos policiais são em maior número. Não recuperam quem cumpre a pena, pois se estima que 60% dos que saem acabam presos como reincidentes e outros tantos continuam no crime impunemente. Finalmente, as prisões também não evitam que os presos continuem controlando o crime de dentro das cadeias, como evidencia a ação das facções criminosas no Rio de Janeiro e em São Paulo.

As facções criminosas que hoje dominam e tiranizam as favelas cariocas – Comando Vermelho, Terceiro Comando e Amigos dos Amigos – teriam surgido a partir da Falange Vermelha, suas continuidades e rupturas, que teriam sua origem no convívio entre presos políticos decorrentes de organizações de luta armada brasileira após 1964 no Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM) na Ilha Grande (RJ).

Se levarmos em consideração a teoria de Freud sobre a personalidade, podemos deduzir que uma coisa que influencia muito na criminalidade é o meio onde o indivíduo vive, pois em ambientes sadios, livres de influências e tendências criminosas, dificilmente poderemos encontrar um criminoso, a não ser que este

tenha sido por algum motivo inserido naquele meio. Não adianta erguer muros altos e jogar os presos lá dentro, se os presos não forem tratados como pessoas como a lei manda, estaremos criando feras. A interação da pessoa com o meio onde vive, poderá fazer com que ela tenha tendências, podendo levá-la ao crime ou a ter uma vida normal como a grande maioria das pessoas, pois sabemos que estatisticamente apenas 5% das pessoas delinqüem.

Não podemos dizer que as regiões menos favorecidas são locais onde só vivem criminosos, mas não podemos continuar fingindo que os problemas sociais nesses locais não existem e que é isso que faz com que mentes criminosas se aproveitem da situação para instalar ali seu regime de medo e recrutamento de “aprendizes de marginais”, aumentando exponencialmente a criminalidade, criando-se cada vez mais “Escadinhas, Gordos, Meio-Quilos e Fernandinhos Beira Mar”, que ao invés de serem tratados como marginais, são tratados como verdadeiras “celebridades do crime”.

CAPITULO I. A GRANDE ESCOLA

1.1. Ilha Grande – A escola do crime organizado

Em janeiro de 1502, navegando pelo canal existente entre o continente e a Ilha Grande a expedição do navegador André Gonçalves não imaginava ser uma ilha, julgavam estar entrando em uma enseada. Ao chegar às proximidades da atual cidade de Angra dos Reis, verificou-se o engano: não era uma enseada, por ser o dia em que a Igreja Católica comemora os Santos Reis Magos, ficou a localidade batizada como Angra dos Reis, embora a fundação oficial da cidade tenha se dado em 1608.

Naquela época, a região era habitada por índios, que com o tempo foram sendo escravizados pelos portugueses que foram ocupando as aldeias existentes em locais onde hoje temos: Mangaratiba, Ilha da Gipóia (em frente à Angra dos Reis) e Paraty.

Em meados do século XIX, o Brasil vivia o império de Dom Pedro II. Foi quando surgiu a necessidade de se construir um novo Lazareto¹, em lugar apropriado para abrigar viajantes e imigrantes portadores de cólera, normalmente contraída nos navios. Vários estudos vinham sendo elaborados nesse sentido quando o Imperador Dom Pedro II, no dia 5 de dezembro de 1863, fez sua primeira

¹ Uma espécie de hospital para imigrantes

visita a Angra dos Reis. Em 1884 começou a construção do Lazareto, obra que terminou em 1886, e contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da Vila de Abraão, que foi elevada a distrito, de Angra dos Reis, em 9 de maio de 1891.

O funcionamento do Lazareto seguia o mesmo critério adotado pelos navios de passageiros com relação às classes de passageiros. Existiam pavilhões de primeira, segunda e terceira classe. Havia restaurantes, armazéns para cargas e bagagens, laboratório bacteriológico, enfermaria e farmácia, além de muitos jardins.

O imperador Dom Pedro II teve três passagens pelo Lazareto: em abril de 1886, em agosto de 1889 e na condição de prisioneiro onde aguardou o transporte que o levaria para o exílio. O Lazareto funcionou de 1886 até 1913, tendo atendido 4232 embarcações, das quais 3367 foram desinfetadas.

Após a proclamação da República em 1889, o Lazareto passou por reformas (diga-se de passagem, um curto intervalo de tempo após a sua inauguração, uma rápida deteriorização - fato devido à grande velocidade de sua construção). Foi nessa reforma que foi construído o aqueduto (um duto ou canal para transporte de água - ainda existente) com vazão de mil litros por hora.

Em 1903, foi instalada oficialmente a Colônia Penal de Dois Rios que serviu de presídio a pessoas julgadas por crimes comuns. Em 1940, o Lazareto foi outra vez reformado e modificado para se transformar em presídio - Colônia Penal Cândido Mendes, que recebeu os presos comuns que estavam na Colônia de Dois Rios, a fim de que essa última abrigasse os presos políticos do Estado Novo. Essas transferências foram devidas ao fato de que a Ilha de Fernando de Noronha, na qual estavam sendo aprisionados os presos políticos, foi cedida ao Governo americano para utilização como base Aérea Naval.

O Lazareto abrigou os presos comuns até 1954 quando então foram transferidos de volta para Dois Rios que também mudou de nome para Cândido Mendes. Depois disso o Lazareto foi demolido por ordem de Carlos Lacerda, que na época era Governador do Estado. O aqueduto foi à única coisa que restou inteira.

A Ilha Grande também abrigou presos famosos como Graciliano Ramos, escritor do best seller "Memórias do Cárcere" que tem como cenário a Ilha Grande; Néelson Rodrigues Filho, na época da ditadura, além de contraventores da época como os famosos: Lúcio Flávio (ver filme "Bandidos da Falange") e Madame Satã.

Em 1994, quando foi implodida a Colônia Penal Cândido Mendes na Vila de Dois Rios, foi colocado um ponto final no título que este paraíso ecológico manteve durante tanto tempo "protegido por forças do mal".

1.2. Meias Verdades e Mentiras

Foi nos corredores do Instituto Penal Cândido Mendes que se iniciou a trama para montar a "falange vermelha". A organização nasceu na década de 70, graças à convivência entre presos políticos e presos comuns no presídio de Ilha Grande, que aliou bandidos de nomes famosos nessa falange, como o Escadinha, Meio-quilo, o Gordo, Rogério Lemgruber, entre outros.

Na tese defendida pelo jornalista Carlos Amorim em seu livro "A história secreta do Comando Vermelho", agora relançado como "CV_PCC, A irmandade do crime", alguns fatores nos fazem desconfiar do trabalho de conscientização feito pelos presos políticos na Ilha Grande, do qual teria resultado a mítica Falange Vermelha. No livro, não há declarações de nenhum dos guerrilheiros anistiados, nos

estertores da ditadura militar, que confirmasse a sua tese. O depoimento mais próximo de uma confirmação registrado foi do escritor José Louzeiro, que afirma que Lúcio Flávio já tinha ligações com a esquerda. Embora sem provas, a tese de Amorim se tornou um lugar comum de que se valeram todas as pessoas que estudam o crime organizado no Rio de Janeiro.

O sociólogo Michel Misse², um dos mais respeitados estudiosos do tráfico no Rio de Janeiro, foi a única pessoa que foi contra a tese de que convivência entre os presos enquadrados pela Lei de Segurança Nacional teria resultado no desejo de organização dos antigos assaltantes de banco. Para Misse, o tráfico teria herdado a estrutura organizacional do jogo do bicho, cujos banqueiros encarnaram até a década de 1980 a imagem de periculosidade hoje associada às facções criminosas.

Nas entrevistas de Marquinho Neguinho, protagonista do romance “No coração do comando”, ele sequer fala de presos políticos. Sabia o que era LSN ou Lei de Segurança Nacional, que era a forma como os seus contemporâneos de Ilha Grande se referiam aos assaltantes de banco que organizaram a “Falange Vermelha”, como Japonês e o Professor.

O depoimento de Marquinho era a prova definitiva de que as paredes do Fundão, levantadas como uma reivindicação dos presos políticos para que o mundo soubesse que ali existia uma ditadura, impedia o convívio entre os guerrilheiros e os bandidos LSN e o subsequente trabalho de conscientização que deu origem à tese de Carlos Amorim.

Poeta, que segundo ele, foi repórter policial do jornal O Globo até o dia em que entrevistou Lúcio Flávio, e mesmo lhe disse que assaltava para mudar o Brasil, não vacilou em aceitar o convite para participar de um dos muitos assaltos a banco

² Michel Misse, ver referências bibliográficas.

que deram fama à quadrilha daqueles jovens egressos da classe média tijuicana. Segundo o Poeta, 30% dos ganhos obtidos nesses assaltos eram destinados à luta armada. O Poeta diz ter participado de assaltos com a atriz Beth Mendes. Também fez referências explícitas a Vivaldo Barbosa. Segundo diz, Vivaldo seria o contato de Lúcio Flávio com a esquerda armada.

A professora Adelina Addor, que está elaborando uma tese de doutorado para a USP sobre o Comando Vermelho, destaca André Borges, entre seus maravilhosos achados. Citado de passagem no livro de Carlos Amorim, foi um personagem fundamental na história do crime organizado do Rio de Janeiro. Inclusive pivô de um dos grandes escândalos do primeiro governo de Leonel de Moura Brizola, durante o qual teve um importante cargo no DESIPE. É no mínimo estranho que um homem como ele, depois de ter puxado mais de 20 anos de cadeia, pudesse estar trabalhando em um órgão do governo, cuja finalidade era manter os presos longe do convívio.

André Borges³ já havia pago tudo o que devia à Justiça ao longo de uma pena de mais de 20 anos e que ele seria um personagem fundamental para revelar os bastidores de nossas cadeias, onde funcionários corruptos vendem até o ar que os presos respiram, e são tão importantes para o crime organizado quanto os bandidos, dos quais são no mínimo grandes sócios. O depoimento de Borges comprova todas as hipóteses que Amorim profetizou há mais de 10 anos, em uma época em que ninguém ousava estudar o crime organizado.

André Borges escreveu um livro de memórias “A Fuga dos Transgressores”, onde ele conta como era o diálogo entre a esquerda e os presos comuns que

³ Ver anexo de trechos Transcrição de entrevista com André Borges realizada em 23/01/2004 por Myrian Santos (MS) Marcelo Castañeda (MC)

Amorim intuiu, mas não provou. Um dos episódios fundamentais do livro, a fuga que lhe dá título, comprova uma tese ainda mais delicada que a levantada por Amorim. Essa fuga, segundo Borges, mostra que a esquerda usou os presos comuns para assaltar pela luta armada. Veja um trecho de sua entrevista:

“você tem que ver como é que houve essa inserção e como é que já havia o conhecimento político, ideológico dentro das prisões, que foi feito pelos comunistas daquela época do Estado Novo. Então ficou essa cultura germinando dentro das prisões, ficou presa, porque tinham pessoas de penas longas e essas pessoas ficaram lendo e transmitindo essa cultura, na medida do possível. Então quando eu cheguei lá, na prisão, em 57/58, eu já encontrei um grupo de presos comuns politizados. Os comunistas tinham deixado livros, na biblioteca da penitenciária eu já encontrei “Salário, preço e lucro”, já encontrei ‘Materialismo dialético’, aquele ainda impresso pelo Stalin, da época da Academia da União Soviética, do tempo de Stalin ainda e muitas outras coisas que eu encontrei no presídio. Então havia já uma cultura e uma tradição de politização dentro das prisões, só tem que isso era mais acobertado e não tinha ganhado as luzes, foco, porque não tinha esse impacto da fuga e de vir à tona que havia tudo isso, comunistas... Essas coisas todas vieram à tona nesses acontecimentos. Isto é um corte que estou lhe mostrando que é o corte que eles deram nesse aspecto, o corte sindical... Foi quando eles colocaram os presos políticos, ficaram na nossa galeria, eles participaram da greve de fome com a gente. E o motivo dessa coisa, pra você entender é o seguinte: naquela época, como você sabe, existiam alguns presos que foram militares e que conhecem muito bem essa estratégia de guerra, esse negócio, e muitos, antigos do Partido que tem uma formação ideológica também. Então se começou a questionar justamente o futuro da luta armada porque nós começamos a ver dentro das prisões quem eram

as pessoas que estavam dirigindo esse processo, no convívio com eles. Aí é a mesma coisa, nós estamos sentados aqui conversando, começamos a conversar, então eu começo a medir o teu conhecimento, medir o dela. Se eu tenho algum conhecimento, eu meço o seu como você mede o meu. A gente começou a ver que a luta não ia muito à frente, não.

MC: Na década de 70?

AB: Já. Naquela época já se começava a questionar isso.

MS: André, quando você fala assim “alguns presos foram militares, antigo do Partido” é o Partido Comunista?

AB: É. Porque você sabe que o Partido Comunista teve um grande trabalho dentro dos quartéis, você sabe disso, não é?

MS: Essa politização que você fala que vem muito antes desses grupos de pequena burguesia é em grande parte feita pelo Partido Comunista?

AB: Isso. Foi feita pelo Partido Comunista. Eu antes de ter contato com os caras, eu tinha contato com o Partido. O Partido tinha uma organização fantástica. Por exemplo, existiam guardas penitenciários que eram membros do Partido, então eu tinha contato diretamente com o Partido dentro da prisão. Assim como eu estou conversando com você, aqui, eu conversava com um membro do Partido Comunista dentro da prisão. Recebia jornais, livros, tudo dentro da prisão. Clandestinamente mandava cartas, escrevia. Veja bem, eu não era um membro do Partido porque eu não podia me associar dentro da prisão, porque a minha história era outra, mas era um membro de confiança deles, a ponto deles mandarem quando chegar ‘procura o André lá na prisão’. Quando as pessoas viram e ‘procura o André Borges lá’. Porque já tinha os próprios quadros deles que eram funcionários dentro da prisão tinham me

conhecido e me recomendavam. Havia isso, quando os caras começaram a questionar isso, os presos militares, vendo qual eram os líderes e a gente vendo a falta de disciplina que as pessoas tinham, a falta de conhecimento de guerra, de formação, dessas coisas elementares. Começamos a ver que era uma furada e que tínhamos que começar a discutir isso. Então, pra eles, isso era um acinte, ser levantadas essas coisas quando eles ainda estavam com aquela ilusão de que esse era o caminho certo e que eles seriam os futuros dirigentes do país, que eles iam vencer a revolução, aquela coisa do entusiasmo, da juventude.

MC: Foi mais por porraloquismo?

AB: Pois é. Eles consideravam que a gente era pessoas desbundadas e começamos a questionar isso, porque estávamos vendo as quedas, as grandes lideranças caindo como farinha, o saco furar e cair dois, três, quatro. Então a gente dizia 'o que é isso?'. Isso é falta de experiência e os caras não tem. E como a gente conhecia, a gente vinha estudando essa questão, sabendo que a luta armada era uma coisa de longa duração, de luta, que você precisa ter um conhecimento muito profundo disso pra você poder resistir tantos anos, a gente estava vendo que as pessoas não tinham, a gente estava contando as pessoas que estavam nas lideranças que estavam caindo, então se as pessoas que estavam na linha de frente são essas, qual é o sentido disso? Pra que fazer essa guerra, se essas pessoas é que estão comandando, elas é que estão dando coordenadas e a gente está vendo que elas não têm essa competência. "Mas naquele momento colocar isso era um acinte, era considerado um sacrilégio."

Em outra entrevista realizada⁴ com Eduardo Ulup, EU, em 23 de maio de 2004, que foi detento do Instituto Penal Cândido Mendes, Ilha Grande, por ter participado e organizado ações de guerrilha urbana/rural pelo PCBR, entre os períodos de 1960 e 1970, destaco a seguinte passagem:

“EU: Essa divergência é uma história que hoje já está mais ou menos revelada, que foi que alguns dizem que influenciou na origem dessas organizações criminosas atuais, o Comando Vermelho. Era o fato de que os presos comuns se apresentavam um determinado grupo de presos políticos acreditava que pudesse, assim como aconteceu, digamos, com o André Borges, que pudesse incorporar os presos comuns na categoria de vanguarda da revolução, de incorporá-los como revolucionários. E havia um outro grupo que não acreditava muito bem nessa teoria, que não tinham essa posição, achavam que essa relação com os presos comuns tem que ser uma relação fraterna, mas que deveria se deixar muito clara as diferenças entre uns e outros.

MS: Você era de que grupo?

EU: Desse segundo. O outro grupo não conseguiu assimilar idéias revolucionárias em nenhum momento. A não ser no que se refere à questão da estrutura de organização da gente. Parece-me que se eles assimilaram alguma coisa, a questão do modo de se organizar. Alguns deles aproveitaram realmente, me parece, a experiência dos presos políticos, estudantes de esquerda, da época”.

As origens da Falange Vermelha estariam condicionadas, historicamente, às ações do PCB desde o Estado Novo (1937 – 1945), presidente Getúlio Vargas,

⁴ Ver anexo de trechos Transcrição de entrevista com EU realizada em 23/05/2004 por Myrian Santos (MS) Marcelo Castañeda (MC) e Carolina Alves - e-mail ULUP: ulup@cemtroin.com.br

quando havia uma atmosfera de solidariedade entre presos comuns e presos políticos, o que não se verifica nos discursos dos ex-guerrilheiros, pequenos burgueses, brasileiros (MR-8, PCBR, VPR, VAR - Palmares, etc), sendo que se algum movimento foi revolucionário e originou a Falange Vermelha este movimento foi o MAR (Movimento Armado Revolucionário), surgido em 1968, dentro da Penitenciária Lemos Brito (RJ), do qual fazia parte André Borges.

CAPITULO II. FALANGE VERMELHA E AS FACÇÕES CRIMINOSAS

2.1. A Origem da Falange Vermelha

Na origem da prisão, lá no século XII e seguindo cânones religiosos, mantinha-se um preso por cela para que o clérigo rebelde passasse pelo fenômeno da metanóia - a transformação do coração. Na solidão ele refletia, e pela reflexão chegaria ao arrependimento. Por trás da teoria havia uma sabedoria pragmática: manter um indivíduo por cela garantia a paz. Desde que se encarceraram duas pessoas no mesmo cubículo elas se organizaram contra o carcereiro. E o carcereiro, que também nunca esteve ali de bobo, percebeu bem cedo que é melhor se aliar do que enfrentar a dupla prisioneira.

A diferença é que a facção bandida de agora, a mais bem organizada que já se viu por aqui, têm nome, rostos e muitos "manos" morando juntos nas penitenciárias e nos seis metros quadrados das celas. O número de carcereiros também aumentou, mas a vã filosofia de trabalho continua a mesma: é melhor aliar-se aos presos do que peitá-los. Mais: alguns descobriram que dá para ganhar dinheiro com a massa carcerária. Desde que se prendeu alguém e se pôs outro alguém para tomar conta, quem tranca a cela se une com quem é trancado. E essa união se mantém muitas vezes sobre uma economia informal de corrupção. Leia-se

tráfico de drogas, facilitação de entrada de celulares, venda de celas e de camas e dos mais diversos privilégios, sendo o mais oneroso à fuga.

Assim, a novidade não é a existência das facções dentro das cadeias, mas, a formação delas aqui fora, pois quem está preso dá para reprimir. Já aqueles que operam na rua, ficam difíceis de controlar. Não há a consciência política, trata-se ainda dos "rebeldes primitivos" dos quais nos falou o historiador inglês Eric Hobsbawn - e dificilmente as dimensões das contradições sociais e políticas habitarão a cabeça dos presidiários, mesmo porque bandido é um indivíduo em nada solidário e egoísta. Ou não seria bandido. Dá para perceber, no entanto, que o casamento das facções internas com as de fora caminha para os moldes de organizações fascistas como a máfia ou cosa-nostra.

O que caracteriza o movimento das facções criminosas é a organização, suas pretensões políticas, sua capacidade de reorganizar-se localmente e principalmente, de constituir redes locais de proteção mútua. Em 1979, sob a influência da guerrilha urbana, devido ao contato intermitente com presos políticos, devido ao convívio direto, nasce a Falange Vermelha, uma organização com o intuito de diminuir a violência dentro dos presídios, aumentar a solidariedade entre os presos e reivindicar direitos na prisão – como fizeram os presos políticos. A anistia política não os beneficiou e pela primeira vez assaltantes e presos comuns passaram a usar de argumentos políticos econômicos para neutralizar as suas práticas criminais, e justificar a tentativa de formar uma organização⁵.

De uma organização de dentro dos presídios, a Falange Vermelha, passou a estender suas idéias aos criminosos que continuavam a atuar em liberdade.

⁵ Coelho. 1988. Coelho, 1992.

Com base na compra de “regalias” (proteção, liberdade, armas, fuga, etc.), muitos assaltantes deixaram os presídios, entre 1981 e 1986, passando a aumentar os índices de criminalidades nas cidades, deixou assim a porta aberta para as facções se formarem e chegaram ao tráfico de drogas, que era altamente lucrativa e os mecanismos do governo ainda não podiam e continua sem saber controlar.

2.2. O Comando Vermelho

Alguns rebeldes reincidentes da facção 'Falange Vermelha', que lutavam contra o regime militar e tinham como lema a 'paz, justiça e liberdade' se uniram no final da década de 70, no presídio que ficava situado na Ilha Grande, para formar um grupo contrário ao poderio da época e responsável pelo tráfico de drogas no Estado. Daí nasceu o Comando Vermelho, na época, chefiado pelos presos Willians da Silva Lima, o 'Professor' - agora com 59 anos de idade e 35 de cadeia em Bangu III, Paulo César Chaves e Eucanã de Azevedo.

A partir do momento em que essa facção foi ganhando adeptos seus componentes foram ampliando o poder, investindo em armamentos pesados e se consolidando como uma grande distribuidora de drogas e uma das facções criminosas mais perigosas. Atualmente, o Comando Vermelho domina cerca de 70% do tráfico carioca e atua, não só no tráfico de drogas e armamentos, mas no crime organizado e nos grandes roubos e seqüestros.

"Conseguimos aquilo que a guerrilha não conseguiu: o apoio da população carente. Vou aos morros e vejo crianças com disposição, fumando e vendendo baseado. Futuramente, elas serão três milhões de adolescentes que matarão vocês

- a polícia - nas esquinas. Já pensou o que serão três milhões de adolescentes e dez milhões de desempregados em armas?" - contou o Professor, no livro "Comando Vermelho - A História Secreta do Crime Organizado", de autoria de Carlos Amorim.

Os líderes de hoje estão divididos por regiões e morros. Muitos deles estão presos, principalmente em Bangu I, mas continuam a passar ordens de dentro da cela. Como qualquer grupo organizado, as decisões mais importantes passam por uma espécie de colegiado do comando da organização. Como o crescimento do Comando Vermelho aconteceu muito rápido e seu poderio aumentou na mesma proporção, vários conflitos internos e lutas pelo poder foram aumentando. As discórdias fizeram com que muitos componentes se afastassem e dessem origem a outras facções como o PCC (Primeiro Comando da Capital Paulista), o TC (Terceiro Comando) e o ADA (Amigo dos Amigos).

Esta enorme quadrilha, atualmente, disputa com o Terceiro Comando a hegemonia dos seqüestros, tráfico de drogas, assaltos a bancos, furtos e roubos de carros, cargas, etc, no Estado do Rio de Janeiro. Estes dois bandos, organizado e muito bem armado, desafiam governantes, elaboram suas leis e determinam comportamentos da sociedade carioca.

Algumas coisas curiosas no comportamento do Comando Vermelho, que provam como eles atuam no imaginário da população carioca de forma ostensiva e cruel. O Comando Vermelho foi criado por Rogério Lemgruber (Bagulhão), por isso, até hoje usam as iniciais dele seguido da rubrica do C.V.R. L e tem como quartel general o Complexo do Alemão.

O poder paralelo também foi um ato ousado iniciado pelo Comando Vermelho, onde moradores do Rio de Janeiro ficaram apavorados, quando acordaram e vira o comércio todo fechado por ordem dos traficantes.

O Comando Vermelho aderiu como uma grife a marca de roupas e acessórios Cyclone, por isso se alguém precisar entrar em alguma comunidade de domínio de Terceiro Comando (T.C.) ou Amigo dos Amigos (A.D.A.), deve evitar usar essa marca de roupa ou alguma peça vermelha.

Em junho de 2000, foi divulgada uma letra de rap, que fazia parte do CD do grupo Facção Central, em referência ao Comando Vermelho.

Segue um trecho da música:

"Quem enquadra a mansão, quem trafica. Infelizmente o livro não resolve/O Brasil só me respeita com o revólver/ O juiz ajoelha, o executivo chora/ Para não sentir o calibre da pistola/ Se eu quero roupa, comida, alguém tem de sangrar/ Vou enquadrar uma burguesa/ E atirar para matar/ Vou furtar seus bens/ E ficar bem louco/ Seqüestrar alguém no caixa eletrônico/ A minha quinta série só não adianta/ Se eu tivesse um refém com o meu cano na garganta/ Ai não tem gambé para negociar/ Vai se ferrar é hora de me vingar".

2.3. O Terceiro Comando

O Terceiro Comando, uma das facções mais importantes do Rio, surgiu a partir da divisão do Comando Vermelho (CV), seu principal rival nos dias atuais. Na década de 80, traficantes do CV brigaram entre si, principalmente após a morte do traficante “Gigante”, e começaram a discordar de determinados assuntos internos da facção.

Com isso, uma parte se despreendeu do CV e se uniu na criação de outro grupo criminoso. A partir daí, vários conflitos vêm sendo registrados para o domínio de morros e favelas. Atualmente, o Terceiro Comando domina 12 comunidades na Zona Norte do Rio, que fazem parte da área estratégica, principalmente por ficarem perto da Baía de Guanabara.

2.4. O Amigo dos Amigos (ADA)

No final dos anos 90, o traficante Ernaldo Pinto de Medeiros, o Uê, foi expulso da facção criminosa Comando Vermelho, após planejar a morte de um dos seus líderes, Orlando Jogador, com o apoio de outros criminosos importantes como Celsinho da Vila Vintém e de jovens que estavam rebelados contra o controle das bocas de fumo.

Como alguns traficantes do Comando Vermelho não concordavam em repassar uma porcentagem da verba da venda de drogas para bandidos mais antigos que, muitas vezes, controlavam as bocas de fumo do interior das cadeias,

CAPITULO III. AUTORIDADES E O CAOS

3.1. Problema sem solução

A situação caótica do Rio de Janeiro tem origem no abuso de autoridade da Polícia nas décadas de 50 e 60. Podemos presenciar isto em “Cidade de Deus” de Fernando Meirelles e no documentário “Notícias de uma Guerra Particular” de João Sales. Esses excessos provocaram revoltas sociais, aliado ao contato com presos políticos, no Instituto Penal Cândido Mendes na Ilha Grande, acabaram gerando grupos organizados como a Falange Vermelha, hoje conhecida como Comando Vermelho.

Em Vigiar e Punir, Foucault trata com muita propriedade do tema da “Sociedade Disciplinar”, implantada a partir dos séculos XVII e XVIII, consistindo basicamente num sistema de controle social através da conjugação de várias técnicas de classificação, de seleção, de vigilância, de controle, que se ramificam pelas sociedades a partir de uma cadeia hierárquica vindo do poder central e se multiplicando numa rede de poderes interligados e capilares. O ser humano é selecionado e catalogado individualmente, não no sentido de valorizar suas particularidades que o fazem um ser único, “um mamífero com um grande cérebro”, como disse Huxley, mas para melhor controlá-lo. O sentido é dissecar o corpo social, transformar esta massa amorfa em micro seções individuais, para conhecer e controlar. O Poder nesse sentido é exercido de forma celular. Pois, como diz Foucault, “toda forma de saber produz poder”. Então, podemos avaliar que uma

cabeça pensante, unida a outras podem produzir o bem ou o mal e começar a impor o seu poder, daí o surgimento destas facções criminosas dentro dos presídios e detenções penais.

Porém, devemos reconhecer também que o crime não tem uma causa única, talvez uma preponderante para cada tipo penal, mas nunca esta age em isolado, toda uma conjuntura leva o indivíduo ao crime. Seria muito determinismo afirmar que a pessoa que sofre com as desigualdades de renda irá cometer crimes. Podemos ver que em comunidades carentes a grande maioria da população não comete roubos, enquanto, pessoas com condições sociais melhores cometem.

Rupert Cross defende que o castigo não é o meio mais eficaz de educação de um indivíduo, pelo menos não da forma que ela é usada. Tem-se a impressão de que a pessoa abandona o convívio social, passando a ser um “misantropo”, figura mitológica, que vivia fora do convívio social, devido à sociedade não aceitá-lo por causa de sua aparência. E é justamente isso que fazemos, o homem que pratica um crime, ou até mesmo nem pratica muitas vezes, mas entra no Sistema Penitenciário, passa a carregar um estigma que irá isolá-lo da sociedade. Segundo Jonathan Turner o ser humano vive em constante “ressocialização”, nossas experiências passadas nos tornaram no que somos hoje, é lógico que cada pessoa pode tirar um aprendizado diferente de suas vivências, então o que irá acontecer com o indivíduo que antes de ser preso tinha poucas oportunidades, depois de entrar na prisão sofre violência, e ao voltar ao convívio social que o ignora, o que será? A resposta mais freqüente nós conhecemos “o crime”.

John Howard e Michel Foucault, já defendiam a longas datas a reforma do sistema prisional, visando abolir a pena retributiva. Todavia parece que discutir sobre esse tema é sempre a última opção, a violência vem aumentando e infelizmente as

medidas defendidas pelo poder público são de aumento de pena, diminuição da menoridade penal, a imprensa sensacionalista pede pena de morte e de castigos sub-humanos, onde vamos chegar?

As execuções públicas, na época clássica tinham poder de espetáculo e sempre deram vazão à dramaticidade que às vezes acompanham as pulsões agressivas. Michel Foucault descreve em “Vigiar e Punir”⁶ o quão cruel podiam ser os suplícios impingidos pela punição através do castigo-espetáculo ocorridos até o final do século XVIII e início do século XIX. Atualmente, continuamos às voltas com o crime-espetáculo, que de certa forma não deixa de ser no essencial uma variação do mesmo espetáculo, o espetáculo da agressividade que na época clássica, ocorria em praças públicas. Atualmente, através dos meios de comunicação ela acontece na privacidade acolhedora da casa do sujeito.

É fácil notar como os meios de comunicação servem de suporte, investem e enriquecem as notícias sobre violência, em seu poder de sedução através do espetáculo. Essas notícias são o prato principal e predileto da mídia, que sabe que os patrocinadores têm noção que essas informações refletem a agressividade do sujeito e exercem um tipo de atração que se mantém através da intensificação e reprodução das notícias sobre violência. A avalanche desse tipo de notícia acaba banalizada, quase que absorve e assimila o roubo, o assassinato, o estupro no nosso dia a dia da atualidade.

A agressão, principalmente a física, exige, geralmente, que um dos componentes da situação agressiva seja mais forte que o outro. A sujeição através do castigo físico, no Brasil de hoje, ficou mais hipócrita. Existe, geralmente, atrás dos muros das penitenciárias, das delegacias, das casas de correção para menores,

⁶ Foucault, Michel. *Surveiller et Punir*. Gallimard. Paris. a975. p. 14.

nessas "ilhas de privacidade" onde as violências físicas e mentais andam unidas. Somado ao espancamento, hoje temos, nas prisões, um novo instrumento de castigo físico: a superlotação das cadeias que, junto com a pancadaria nos corpos, constitui-se um instrumento eficiente de controle assujeitador e boicotador da auto-estima dessas pessoas que, em sua esmagadora maioria, são integrantes das classes populares. Tenta-se, assim, reduzir o sujeito à sua insignificância e conduzi-lo a uma disciplinada docilidade alcançada e mantida sob controle e vigilância à base de muita pancada por parte das estruturas de contenção. Nessas "ilhas de privacidade", o sujeito será reprimido através de castigos corporais exemplares, que também são receitados pelos aparelhos de repressão de uma forma geral para diminuir o sentimento de onipotência, de arrogância e de auto-estima. Ou seja, uma forma de aniquilação psíquica.

O quadro não surpreende o juiz Walter Maierovitch, ex-secretário Nacional Antidrogas: "Há uma nova modalidade de crime visível no Rio, que é a Associação Criminosa Especial, caracterizada pelo controle de território social, como ruas, colégios, bairros". Ele explica que o termo foi criado na legislação italiana em 1992 e defende que se torne lei também no Brasil. Outra característica do crime organizado é a formação de tribunais próprios para julgar, condenar e executar. Tim Lopes⁷, tudo indica, foi réu nesse tribunal. O corpo carbonizado encontrado na Vila Cruzeiro – segundo disse a ISTO É uma fonte do governo estadual, as informações da perícia confirmaram a identidade do repórter – o assassinato teria até a "assinatura" da organização criminosa: a "técnica microondas", em que a vítima é incinerada em pneus.

⁷ Tim Lopes, Jornalista da TV GLOBO que foi executado a pedido da facção criminosa, que ele investigava.

A escassez de itens básicos fornecidos pelo Estado estimula o mercado interno nas cadeias. Como faltam uniformes, colchões, produtos de higiene e limpeza, as famílias pobres ou os próprios detentos bancam as despesas com esses artigos e leva comida para complementar o cardápio. O menu do jantar de domingo da Penitenciária do Estado, por exemplo, é sempre o mesmo: arroz-doce. Como é dia de visita e as famílias costumam levar o almoço, a sobra é aproveitada na refeição seguinte. Alguns alimentos são proibidos. Maçã é vetada porque pode ser usada para fazer cachaça artesanal no fundo da cela. E bolacha só entra se for sem recheio, para evitar que a massa doce seja substituída por pasta de cocaína. Mas 30% dos presos não recebem visitas, por isso têm de adquirir os itens lá dentro. O mercado negro das cadeias acaba incentivando a corrupção dos agentes e policiais, assim como a atuação das facções.

O cada um por si dos presos comuns e sua organização mafiosa (descumpriu ordens, morre) conheceu a organização coletiva e as táticas de guerrilha dos presos políticos. Mas as proibições moralistas (não pode maconha, não pode sexo, não pode brigar) dos militantes não encontraram respaldo entre os presos comuns. Desse conflito inicial, os presos ficaram com o conhecimento das táticas e dos modos de operação dos clandestinos.

As quadrilhas determinam ou, pelo menos, aprovam quem trabalha nas áreas estratégicas das prisões: cozinha, faxina ou tarefas administrativas. Esses detentos, que mantêm as cadeias funcionando, são muito respeitados, têm mais regalias e devem ser gente de confiança do crime organizado - mesmo que não tenham sido cooptados pela mega quadrilha. É dessa forma que eles mantêm o controle do sistema. Os presos desenvolveram um código de ética muito particular. 'A palavra não faz curva', costumam dizer.

Eles não aceitam o menor deslize. Dentro de uma cadeia, mexer com a mulher alheia já é motivo para morte. Dívidas não são perdoadas.

A falta de políticas públicas para o atendimento aos presos que pagam suas dívidas com a Justiça e retornam às ruas dispostos a levar uma vida normal ajuda a alimentar a espiral da criminalidade. Quem se recupera, geralmente o faz por conta própria.

Foi essa escola, embalada na omissão do Estado, que formou as atuais lideranças do crime. O cabeça do PCC, 'Marcos Willians Herbas Camacho', o "Marcola", é um exemplo dessa piora progressiva que leva da pré-escola do crime ao doutorado. Preso inicialmente por bater carteiras e furtar toca-fitas, ele passou a metade da vida atrás das grades e hoje está no presídio de segurança máxima em Presidente Bernardes. Outro líder, 'Sandro Henrique da Silva Santos', de 33 anos, o "Gulu", começou com pequenos assaltos. Foi preso pela primeira vez aos 21 anos, depois de uma tentativa de roubo na rodoviária de Santos. Policiais que investigam o PCC descobriram que, quando entrou na cadeia, Gulu foi obrigado a assumir seis homicídios praticados por presos veteranos. Aprendeu a lição: hoje é o maior traficante de drogas da Baixada Santista.

Em março, um detento da Penitenciária Adriano Marrey, em Guarulhos, na Grande São Paulo, foi 'eliminado' porque mandou matar um desafeto na rua sem autorização dos chefões. As facções, que surgiram para reger a vida dentro das prisões, passaram a comandar o crime nas ruas. Dentro das celas, chefes do PCC ordenaram a execução do juiz Antônio José Machado Dias e uma série de ataques à polícia no ano passado. Apenas 11 penitenciárias no Rio de Janeiro e de São Paulo têm bloqueadores de celular, que, mesmo assim, podem ser burlados. Os presos usam parentes e advogados como pombos-correio. Nos últimos dois anos, quatro

defensores foram presos em São Paulo acusados de envolvimento com o bando. Há outros grupos menos expressivos no cárcere.

A mais nova suspeita da polícia é que 'César Roris da Silva', o "Cesinha", ex-líder do PCC destronado por Marcola, esteja articulando outra quadrilha: o Terceiro Comando da Capital (TCC). O perfil dos presos reflete a parcela da sociedade que fica fora da vida econômica. 'É uma massa de pobres, jovens, não-brancos e com pouca escolaridade', diz Marcelo Freixo. Deles, 70% não chegaram a completar o ensino fundamental e cerca de 60% têm entre 18 e 30 anos. É uma concentração desproporcional de jovens, que correspondem a apenas 22% da população brasileira.

A desorganização prolonga a estada de quem já podia ter saído da prisão. 'Uma pesquisa da Fundação Seade mostra que 40% dos pedidos de progressão de regime com avaliações favoráveis dos presídios foram negados pelos juízes. Assim como a pena alternativa, o regime semi-aberto não funciona porque não há fiscalização suficiente. 'É comum os detentos inventarem empregos para passar o dia fora do cárcere', diz Guaracy Mingardi, do Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento de Delinqüente (Ilanud).

O difícil é convencer alguém que esteve sob a mira de um revólver de que o cárcere não é um remédio eficaz. Um estudo da Associação dos Magistrados do Brasil revela que 45% dos juízes pesquisados acreditam que as leis deveriam ser mais severas para coibir a violência. 'Os magistrados estão distantes da realidade. Não visitam presídios e delegacias. Isso faz com que ajam com o senso comum, achando que o problema da segurança pode ser resolvido com prisões', diz Alessandra Teixeira, coordenadora do Núcleo de Pesquisas do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCrim). 'Vivemos uma crise na segurança pública. Vendem-se

soluções mágicas, como se aumentar a pena adiantasse', diz Cláudia Chagas, secretária nacional de Justiça.

Costuma-se defender o aumento do encarceramento com o exemplo dos Estados Unidos, o único país desenvolvido cujo número de detentos cresceu brutalmente. São 2 milhões de presos em cerca de 5 mil presídios. A cada 200 americanos, um está no xadrez. Eles prendem 2,5 vezes mais que o Brasil e cada preso custa US\$ 1.140 por mês. Por lá, as taxas de criminalidade vêm caindo consistentemente desde o fim da década de 80, apesar dos últimos anos de desaceleração econômica. Mas o ponto decisivo para que o banditismo nos EUA acabasse contido foi o investimento pesado no policiamento preventivo, além da intensificação do combate a quadrilhas e da adoção de políticas de inteligência que tornaram mais eficaz a ação dos policiais. Uma pesquisa inglesa mostra que aumentar em 25% a taxa de encarceramento reduz em apenas 1% o total dos delitos.

Mesmo que a estratégia americana de manter muitos presos funcionasse, no Brasil seus custos seriam altíssimos. 'O valor dos produtos de mais da metade dos furtos é inferior a um salário mínimo. O preço que se paga para manter um detento (cerca de R\$ 750 por mês, ou três salários mínimos) é desproporcional ao dano social que ele causa', diz o pesquisador Luiz Carlos Rocha, da Unesp.

Uma opção para desarmar a bomba-relógio são novos modelos de prisões, como os Centros de Ressocialização (CRs), em São Paulo. Já foram criados 17 deles. Abrigam cerca de 300 detentos, menos que uma prisão comum. O custo per capita ali cai quase 40%, para R\$ 460 mensais. O ambiente é mais humanizado e com arquitetura diferente: arejado, sem corredores paralelos e grades nas celas. Isso diminuiu o stress prisional. Os CRs são administrados em parceria com

organizações não-governamentais. Oferecem atendimento jurídico, médico, psicológico e odontológico. Dos presos do CR de Bragança Paulista, quatro de cada dez voltaram para a sala de aula e 70% estão empregados. Para cada três dias de labuta, descontam um da pena. O modelo ainda não foi testado com presos de alta periculosidade e atende apenas 3% dos detentos paulistas. Mas indica um caminho para resolver um problema que vai cobrar um preço cada vez mais alto.

Punir o crime com violência nunca foi solução, nosso sistema penitenciário abusa dessa prática e não consegue alcançar a função social da ressocialização.

CONCLUSÃO

O problema da resposta social ao crime, mostra a evolução humana na forma de tratar o criminoso e o crime, de nada adiantando que os estudiosos das ciências criminais se empenham apenas na dogmática ou no direito positivo, precisamos nos ater no que leva o criminoso a ter o poder. Não podemos continuar no caminho errado, temos que parar e pensar em como solucionar o problema.

Seguir pensamentos ultrapassados, não está nos levando a nada, se há duzentos anos atrás alguns dos países então ditos "civilizados", admitiam como válida a tortura, como meio de obter-se a confissão e como procedimento usual de infligir terríveis sofrimentos físicos e morais ao condenado, na sociedade deste século isto não dá resultado, quem está preso é porque cometeu algum delito, mas não deixa de ser um cidadão que não soube se cuidar sozinho quando era livre - tanto que transgrediu as normas sociais e acabou preso. Ele precisa e quer regras claras que oriente o seu comportamento, justamente o que sozinho não consegue desenvolver, seja social ou psiquicamente.

Se não houver essa clareza de normas e ordens, ele próprio usurpa a função do Estado Democrático de Direito, só que do seu jeito: fazendo justiça com as próprias mãos.

O preso quer promotores e juízes que sejam complacentes com ele, mas o preso, por ser bandido, não tem essa complacência com seus iguais. Deve-se mantê-lo preso e para isso precisa-se do carcereiro. Mas enquanto existir preso e carcereiro há o risco de conluio entre ambos e de corrupção. Não temos saída.

As facções criminosas estão aí e ninguém pode negar, envolvem a todos, dominam e tiranizam a população carioca, deixando sua marca em toda a cidade.

A origem da Falange Vermelha está condicionada, historicamente, às ações do PCB desde o Estado Novo (1937 – 1945), presidente Getúlio Vargas, quando havia uma atmosfera de solidariedade entre presos comuns e presos políticos, o que não se verifica nos discursos dos ex-guerrilheiros, pequenos burgueses, brasileiros (MR-8, PCBR, VPR, VAR-Palmares, etc).

Se algum movimento revolucionário originou a Falange Vermelha este movimento foi o MAR (Movimento Armado Revolucionário), surgido em 1968 dentro da Penitenciária Lemos Brito (RJ). O contato intermitente com presos políticos e pela resposta da causa e efeito das lutas por direitos dentro da prisão, os assaltantes de bancos, igualmente enquadrados na Lei de Segurança Nacional, passaram a utilizar-se dos argumentos políticos e econômicos para neutralizar suas práticas criminais e justificar a formação da organização.

A Falange Vermelha é mais um código de ética do que uma organização hierárquica, a fim de diminuir a violência entre os presos através de comportamentos impostos pela violência. A partir do momento em que o tráfico de drogas passa a ser um negócio lucrativo é que surgem as facções criminosas, sendo o Comando Vermelho a primeira delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMORIM, Carlos. **“Comando Vermelho - A História secreta do Crime Organizado”**, Rio de Janeiro - Recorde – 5º ed. 1995.
2. COELHO E. **“Da Falange Vermelha a Escadinha: O Poder nas Prisões”**. Presença Política e Cultura. nº 11 – 106 a 114, 1988.
3. COELHO, M.P. **“Crime Organizado e pobreza: uma nova associação”**, in Policia Militar, Estado e Modernidade: os desafios da Modernidade. Belo Horizonte, fundação João Pinheiro.
4. FERREIRA, E. R. **“Prisões, Presos, Agentes de Segurança Penitenciária, Direitos Humanos”**. 1.ed. São Paulo: Loyola.
5. FOCAULT, Michel. **“L’Histoire de la Sexualité I - La volonté de savoir”**. Paris, Gallimard, 1976.
6. FOUCAULT, M. **“Vigiar e Punir”**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
7. MISSE, Michel (1998) – **“O final da cadeia. Interpretações sobre a violência no Rio”**, in Guilherme Castelo Branco e Luis Felipe Baeta Neves (orgs.), Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência. Rio de Janeiro e Londrina, editora Nau e UEL.
8. ROCHA, Gilberto S. **“Introdução ao Nascimento da Psicanálise no Brasil”**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989. p. 86.
9. SENNET, Richard. **“Carne e pedra — o corpo e a cidade na civilização ocidental”**. Rio de Janeiro, Recorde, 1994.

APÊNDICE

- 1) Entrevista com André Borges realizada em 23.01.2004**

- 2) Entrevista com Eduardo Ulup (EU) realizada em 23.05.2004**

TRANSCRIÇÃO

Entrevista com André Borges realizada em 23/01/2004

Participantes:

André Borges (AB) - Myrian Santos (MS) - Marcelo Castañeda (MC)

Fita 1 A:

MS: Sou Myrian, professora da Uerj, e o Marcelo está trabalhando comigo e a pesquisa da gente é levantar a história das prisões da Ilha Grande, aí estamos procurando quem esteve por lá, que pode contar um pouco da história.

AB: Ta legal...

MS: A gente queria saber um pouco de você, de seus dados, seu nome todo, para gente situar um pouco e o que você lembra da Ilha Grande, principalmente sua opinião sobre aquilo lá. Uma das coisas que a gente tem levantado é uma distância muito grande entre as leis todas nossas que a gente tem e o que acontece nos presídios, a gente está trabalhando com isso, por isso estamos procurando relatos orais.

AB: meu nome é André Borges, sou conhecido como André Borges [MS pergunta a MC se está gravando] e fiquei muitos anos preso. Várias vezes na Ilha Grande sumariando processos e conheço um pouco, mas a Ilha Grande é uma história muito grande.

MS: 100 anos...

AB: Muito grande. A Ilha antes de ser presídio era uma série de coisas, não é bem leprosário, esqueci o termo agora, era onde as pessoas ficavam aquarteladas, tinha

um nome próprio isso, as pessoas ficavam ali. Depois foi criado o presídio, primeiro para presos comuns e depois utilizados para presos políticos...

MS: Lazaretos...

AB: Lazaretos tal... Depois foram utilizados para presos políticos também. Vários presos famosos estiveram lá na Ilha nessa época, inclusive esse aí que foi Ministro da Indústria, depois eu lembro o nome dele, esteve por lá preso, fugiu de lá, foi para a Europa e quando voltou, voltou anistiado. Tiveram uma série de... Naquela época da Revolução da...

MS: da Armada

AB: da Armada, né, pessoal passou por lá, alguns estiveram presos, inclusive o Graciliano Ramos teve preso lá na Ilha, passou uma temporada lá, conviveu com os presos e até, baseado em alguns relatos, escreveu alguns textos e conta algumas coisas. E essa Ilha foi criada como uma espécie de uma, lá na Ilha Grande, onde eu estive como uma espécie de uma colônia agrícola. Então no início...

MS: Você esteve lá pela primeira vez em que ano?

AB: Estive lá pela primeira vez em 58.

MS: Deve ter muita história então... 1958... E era a Colônia Agrícola? Você pegou as turmas de trabalho lá? Tinha o trabalho...

AB: Tinha as turmas... O regime era o seguinte: a gente sempre acordava cedo, bastante cedo e enfrentava no banho de madrugada, praticamente, cinco horas da manhã, banheiro coletivo, a água muito fria, porque uma coisa que a Ilha tem de bom até hoje, deve ter, é a água, muito ferrosa, muito saborosa, você chegava lá, acostumado a beber essa água com cloro, com esses negócios e tal, essa água ruim, você chegava, tomava água, você até parava de comer, ficava só tomando

água, enchia a barriga de água, de tão saborosa que era fresquinha... E a alimentação também não era ruim nessa época, porque lá eles tinham aviários, eles criavam porcos, eles tinham a turma de pesca, tinha visto horta, então quer dizer que a alimentação até não era de má qualidade, assim se tratando de qualidade, talvez, com certeza que não fosse lá essas coisas e tal, mas até não era má. E tinha as turmas: então às pessoas que não iam para os pátios, quando se formavam as turmas, uns quatro ou cinco tiravam as turmas para trabalhar fora: a turma da viga, a turma da estrada, a turma da pesca...

MS: Você ficou em que turma lá?

AB: Olha, eu fiquei na turma de limpeza, que era uma turma que ficava ali limpando a própria Vila, ali de Dois Rios, onde ficava o presídio

MS: Eram as pessoas que eles tinham mais confiança que eles deixavam ali provavelmente... Não?

AB: O critério não era bem esse não. O critério era o seguinte...

MS: Eu tenho aqui que o diretor do presídio na época era o Capitão Joaquim Murilo Maldonado. Você lembra dele?

AB: Me lembro do Maldonado...

MS: Desculpe, eu interrompi você estava falando do critério...

AB: Então... O critério é que essa era uma turma de trabalho leve, eram pessoas que tinham deficiências, que tinham dificuldade de trabalhar com coisas pesadas, que tinham recomendação médica também, porque tinham pessoas que tinham problemas, então como todo mundo tinha que ficar trabalhando, então eles botavam essas pessoas, mais novas, eles botavam nesse trabalho que ficava por ali mesmo

na periferia do presídio, na Vila... Era limpar aquelas ruas, capinar, zelar pela limpeza da rua, da Vila.

MS: Como era visto o trabalho entre as pessoas que estavam presas? Era um castigo? Tinha muita dificuldade?

AB: Em si a Ilha Grande era um castigo, porque, por exemplo, para você ir para Ilha Grande, era necessário que você tivesse cometido algum deslize aqui, nesses presídios, nas penitenciárias, então, de acordo com determinada falta, você era enviado, como castigo, para a Ilha Grande. Ela em si já era um castigo. A ida para a Ilha, você se deslocar do centro da cidade para a Ilha já era uma forma de punição e lá tinham as punições peculiares de lá...

MS: Que eram?

AB: Havia espancamentos, os guardas da Ilha Grande, logo no início, na sua grande maioria, eram gaúchos, porque foi naquela época que o Getúlio reabriu o presídio para presos políticos, naquela época do Estado Novo, e a maioria desses guardas foram trazidos do Rio Grande do Sul. Assim como o Napoleão em Caiena, aí perguntaram para ele, que ia precisar de guarda, quais seriam as melhores pessoas para tomar conta de bandidos, ao que ele respondeu que os próprios bandidos. Então foi quando eles começaram a usar, lá na França, aquele pessoal daquela ilha da Córsega como guardas e mandavam para Caiena. A mesma coisa praticamente, mais ou menos isso, Getúlio fez aqui, então traziam aqueles truculentos gaúchos, porque precisavam ser pessoas estranhas ao meio, como os caras fizeram aqui no Brasil para criar a PE, traziam pessoas de Santa Catarina, os barrigas verdes, porque eram pessoas que tinham um porte bem mais avantajado e que também não teria nenhum vínculo com a população que iria lidar. Na realidade, essa era uma técnica da polícia de criar essa desvinculação entre o cara que vai exercer essa

função e a população que ele vai dominar, no caso, para não ter aquele vínculo. Dessa forma vieram os gaúchos, então com isso se reproduziu, porque muitos vieram para lá e aí se casaram na Ilha, constituíram família e ficaram por lá até se aposentar e quando se aposentaram foram morar na Ilha mesmo tinha uma casa para eles, tinham acomodações, então ficou aquele caldo de cultura de polícia da Ilha Grande, aquele guarda que era de lá mesmo, então fazia carreira ali, então eles tinham domínio da Ilha.

MS: Isso era diferente dos outros presídios? Para vocês era claro?

AB: Claro.

MC: Antes da Ilha você tinha vindo de onde?

AB: Daqui dos presídios do Rio.

MS: Passou pelo Ary Franco, isso?

AB: Naquela época não havia Ary Franco, nem Água Santa, o que havia era o PP. Foi quando foi inaugurado o PP.

MS: A Ilha Grande era para cumprir pena, depois do julgamento... No livro o Graciliano conta isso...

AB: Isso em tese, porque durante o Estado Novo não houve esse critério não, porque prendiam as pessoas pela “ordem do chefe”, então não precisava estar condenado, de processo, de nada, mandavam arbitrariamente, que era chamada a “ordem do chefe”, então, nesse período, não iam apenas, para a Ilha Grande, pessoas que estivessem sido legalmente presas, processadas e condenadas. Esse era o critério geral, mas nem sempre se fazia assim. Então quando chegou esse período do Estado Novo, eles mandavam para a Ilha, qualquer pessoa que eles achassem que deviam prender era a “ordem de chefe”, não tinha justificativa, era a

“ordem do chefe” e acabou, manda pra lá, prende, ficava lá quanto tempo eles achavam que deveria ficar. Mas, fora disso, o critério seria esse: as pessoas iriam para lá depois de presas legalmente, processadas e condenadas, iriam para a Ilha. Os presídios daqui foram criados para concentrar, hoje continuam as cabines abarrotadas e eles precisam criar novas vagas e novas dependências. Naquela época era a mesma coisa, existia esse problema no sistema. O que é hoje o presídio Hélio Gomes era uma construção onde eles fariam um hospital, passaram anos a obra ficou abandonada, assim como aqui na Uerj, se criou o Esqueleto. O que eles deveriam ter feito lá era outra universidade ao invés de criar um presídio. Mas infelizmente fizeram isso. Então quer dizer que eles criaram, nessa construção, devido aos presídios estarem superlotados, eles criaram esse presídio, o Hélio Gomes. Eu tive a infelicidade de ser uma das primeiras pessoas a ir para lá porque estava preso nessa época, quando inauguraram o presídio, eu fui numa das primeiras levas.

MC: Em qual ano?

AB: Não saberia precisar o ano, mas por aí, essa época, 57 por aí assim...

MS: Mas o que é importante para mim é isso que você me contou agora, de que vocês já tinham essa idéia de que a Ilha Grande era um presídio diferente...

AB: Isso não era só a nossa idéia, não, é porque era esse o critério, tinham essas desvantagens, por exemplo, tinha a desvantagem de que você ficava afastado do continente, ficava totalmente sobre o arbítrio deles, as visitas eram difíceis, não só pela distância como pela questão econômica também... E na sua grande maioria as pessoas não têm muito esse vínculo com família, então ficava realmente a mercê disso. E lá tinha essa atividade, as pessoas trabalhavam, jogavam bola e tinham as

oficinas também, lá tinha principalmente carpintaria, lavanderia, essas coisas, como em quase todos os presídios.

MS: Os outros também tinham essas oficinas de trabalho?

AB: Nos considerados penitenciários mesmo, já em regime, tinha.

MS: Tinha algum sistema de, por exemplo, avaliar bom comportamento, se o preso tinha bom comportamento?

AB: Tinha.

MS: Tinha na Ilha Grande também?

AB: Também tinha sim, no geral isso existe, isso é um critério, porque o sistema penitenciário, no Rio principalmente, ele foi um dos mais modernos, na sua época, porque, inclusive a estrutura da penitenciária aqui ela é feito em moldes bem modernos. O Dr. Paim, eles foram numa comissão de pessoas ao exterior, aos EUA e outros países, estudar as coisas, e então vieram de lá com esse projeto. O projeto vem e o mesmo, em termos de presídio, era bastante avançado. Naquela época já eram celas individuais...

MS: E vocês ficavam em celas individuais naquela época?

AB: Não, isso depois houve, os presídios vêm desde a época da detenção, que eram os presídios antigos, mas depois, eles fizeram isso, foi uma comissão posterior, foi quando começou a ser construído, porque tem a frente, que eles conservaram que era a frente antiga, mais para trás, eles fizeram construções novas.

MS: Aonde?

AB: Na Lemos de Brito, aquela entrada ali do presídio tem aqueles portais que se conservaram, agora para dentro eles conservaram uma parte e pra dentro eles construíram os pavilhões novos. E esses pavilhões novos eram dentro disso, da filosofia moderna, alimentação, as pessoas moravam em cubículo individual, no máximo com duas pessoas. E tinha toda a condição higiênica de uma prisão mesmo, tinha lavatório, tinha vaso sanitário, tinha uma cama daquela que abre e fecha presa na parede, luz e o piso de cerâmica, você vê, imagina, naquela época o piso já era de cerâmica.

MC: Isso não na Ilha, mas na Lemos de Brito.

AB: Não, aqui na Lemos de Brito, to falando aqui, nós estamos no início do sistema. Lá não, lá era, eram, na sua maioria, celas coletivas. Só na primeira galeria que tinha, onde ficavam os faxinas, essas coisas, é que tinham celas que comportavam até quatro pessoas, de acordo com a necessidade, e da segunda galeria em diante era mais ou menos celas que comportavam entre quinze e vinte pessoas, eram celas mais coletivas.

MC: Mas isso já representava superlotação ou era capacidade da cela?

AB: Não, porque era difícil a Ilha ficar superlotada, porque o critério para ir para a Ilha era esse: o elemento indisciplinado, quer dizer, dentro do critério criminológico da administração penitenciária, certo? E tinham essas desvantagens e tinham essas outras vantagens que era você pegar sol, respirar um ar mais puro, beber uma água melhor e, às vezes, até a alimentação bem melhor na Ilha. Agora, o regime de disciplina era mais duro, havia espancamentos...

MC: Era constante?

AB: É geralmente era constante. A disciplina lá era realmente mais rigorosa, havia essa questão do espancamento, então os caras usavam um cacete de este tamanho...

MC: Mais de um metro.

AB: De madeira mesmo, então você já viu como é que é...

MS: Tem uma questão que nós procuramos investigar: o que o Estado dava para vocês quando vocês entraram nessa época? Eles davam condições de sobrevivência dentro dos presídios? Davam cigarros, roupas?

AB: Davam, uma coisa que pode parecer paradoxal era isso...

MS: Você lembra quando que mudou isso? É uma coisa muito importante.

AB: Tudo... Mudou muito... Naquela época, o que a penitenciária, aqui no Rio, ela era federal, não sei se você se recorda disso, era uma penitenciária federal, porque aqui era o Distrito Federal...

MS: Em 60 é que vai para Brasília.

AB: Então uma penitenciária federal, então tinha mais verba, que era ligada diretamente ao Ministério da Justiça, as verbas eram maiores porque aqui era a capital e tinha uma série de coisas, então o sujeito lá dentro, quando ele chegava, nessa época, ele recebia muita coisa, em se tratando da época atual, ele recebia um par de botinas, recebia umas duas calças, daquele brim preto, uma camisa de cor branca, recebia lençol, uma colcha branca, um cobertor, te dão desses vagabundos, mas um cobertor, e recebia uma japonsa, muito frio, recebia uma japonsa, e recebia

cigarro, sabonete, pasta, papel higiênico e cigarro, eles pagavam três maços de cigarro por semana, imagina? E aí você ainda recebia o pecúlio...

MC: O pecúlio era o que?

AB: O pecúlio...

MS: Porque trabalhava?

AB: Não, porque existia, isso é uma lei, mas existe dentro do conceito deles de recuperação, então era atribuído ao preso, mesmo que ele não trabalhasse o pecúlio, por exemplo, se ele tivesse família, quando ele saísse, enquanto ele estivesse preso, esse dinheiro podia ser utilizado pela família, porque dentro das normas, a família não pode ser atingida pelo fato do sujeito estar preso, e uma parte desse dinheiro, era depositado numa carteira pro preso, pra juntar, pra quando ele saísse da prisão, não ver esse vexame que se vê atualmente, o sujeito sai sem documentação, sem ter para aonde ir, sem ter nada, nem para apanhar uma condução. Então havia essa preocupação formal, que não se cumpria, de uma certa maneira, como tudo no Brasil, mas havia essa formalização, esse direito. Então, em termos dessas condições do presídio, o sistema era muito melhor do que é hoje, porque você recebia tudo isso e ainda tinha o trabalho, porque o pecúlio também era resultado do trabalho, porque tinham as oficinas. Você chegava lá, você ficava numa quarentena, de observação, e depois você ia trabalhar numa oficina, de acordo com sua aptidão. Por exemplo, aqui na penitenciária tinha oficina de alfaiataria, tinha sapataria, tinha tipografia, tinha obras, funeral, tinha a lavanderia, tinha o pessoal que trabalhava na cozinha, os faxinas de galeria, porque tinham as galerias. As galerias comportavam cada lado do pavilhão, o pavilhão era grande assim, o corredor, a administração, cada lado do pavilhão comportava quarenta presos, cada galeria, cada parte da galeria comportava quarenta presos.

MC: Isso na Lemos de Brito.

AB: Isso no sistema, que era o Lemos de Brito e a Milton Dias Moreira, que era o sistema onde havia essa modernização, mas o local mais, como se diz, em termos de “melhor”, mesmo, era a penitenciária Lemos de Brito, porque ela era tida como uma espécie de vitrine do sistema. Se fosse lá um professor universitário pedir para fazer uma visita, iam encaminhar para a Lemos de Brito. E as coisas funcionavam naquele padrão de vitrine, de que tinham que mostrar.

MS: André, você, quando entrou na Ilha Grande, você lembra de usar uniforme...

AB: Como era?

MS: Como era essa roupa... Era o brim...

AB: Era essa roupa que ia daqui pra lá, porque o sujeito ia preso geralmente das penitenciárias, então a roupa que ele levava já era aquela roupa normal mesmo.

MS: E aí você diz que entrou lá em 1958 e ficou até quando?

AB: Ah, eu fiquei uma temporada porque eu iria bem verdade que estava sumariando processos, tinha uma série de processos e aí eu sempre descia para sumariar. Ia de seis em seis meses, de ano, de acordo com o de acordo eu descia, me chamavam, eu descia, passava uma semana aqui, sumariava os processos e depois subia para a Ilha novamente. Então eu levei muito tempo nesse trânsito. E a última vez que eu fiquei lá, passei assim, uns três anos ou quatro anos, que foi já ultimamente, já na condição de preso político, porque houve, no tempo que fiquei cumprindo pena, foi o tempo que vieram os presos políticos, e eu tinha uma atividade já política, nos incorporamos e participamos de uma fuga armada na Lemos de Brito, criamos um acampamento de guerrilha, depois eu fui recapturado, aí já voltei na condição de preso político, voltei novamente pra Ilha. Aí foi, na época,

em função dessa fuga, as pessoas foram transferidas da penitenciária, aqui, todos os presos políticos que ficaram, que não participaram da fuga, como os presos comuns, também foram mandados para Ilha Grande.

MS: Isso foi na época em que estavam tentando desativar a Ilha Grande, aí mandaram alguns para que esses...

AB: Não, não foi isso foi em função, realmente, dessa situação política, aí quando desativaram a Ilha Grande, pelo contrário, eles trouxeram as pessoas da Ilha Grande para cá, o inverso, quando começou essa idéia de desativar a Ilha Grande, eles tiveram que trazer as pessoas para cá, pro continente. Isso se deu em função dessa fuga de 69, aquela época de ditadura e essa fuga era uma fuga de conteúdo político, pessoas que estavam participando de um processo, já conhecidas dos órgãos de segurança, do SNI. E aí, nós, alguns foram para o exterior, frente o seqüestro, depois outros foram embora para o exterior e os que ficaram aqui, dentre esses que ficaram eu fui um deles e fui recapturado... Aí voltei para abrir o processo...

MS: Você entrou naquela Lei de Segurança Nacional?

AB: É.

MS: Então você ficou preso naquele período em que juntaram os presos políticos com todos aqueles assaltantes de banco, o pessoal do Fundão, conta um pouco dessa época, porque é uma época histórica importante...

AB: Isso aí é o seguinte: existe um descompasso nessa história porque tem muitas pessoas que estão escrevendo a respeito disso e que tem, às vezes por ignorância e, às vezes por questão ideológica, tem distorcido um pouco dessa história. Então, essa história é a seguinte: como eu te falei, a Ilha Grande reabriu no tempo do Estado Novo... Presos políticos, depois, acabou e voltou aquela coisa normal, só os

presos comuns. Com esse negócio de 69 e com a nossa fuga, então a Ilha foi reaberta para receber presos políticos. Por quê? Porque eles temiam que nessa fuga, como ficaram algumas pessoas, alguns presos políticos que não participaram da fuga, ficaram aí, e que como tinha muitos comuns que conviviam com os presos políticos lá, eles temiam que o pessoal que tivesse fugido voltasse para buscar o resto dos presos políticos e alguns comuns que conviviam. Então o que é que eles fizeram? Na dúvida, eles não sabiam como é que tinha sido feito aquilo, então eles fizeram o seguinte: eles removeram parte deste coletivo ou aquelas pessoas que eles consideravam mais ligadas aos presos comuns entre os presos políticos, mandaram para o coletivo da Ilha Grande. E o restante dos presos políticos eles mandaram para Ilha Grande também, mas para a primeira galeria, onde as pessoas ficavam isoladas. E aí é que então, se organizou o primeiro coletivo dos presos políticos da Ilha Grande, que eram ex-militares, pessoas do Partido, aquelas organizações que haviam naquela época, convergência, não sei o que. E depois é que começaram a chegar, a serem presos e aí enviados para lá, depois de passar pela...

Fita 1 B:

AB: Eles eram enviados para Ilha Grande e, dentro disso, desse manejo deles, eles colocaram os presos que eram assaltantes de banco, comuns, que estavam enquadrados na Lei de Segurança Nacional, dentro da galeria dos presos políticos, com o propósito de justificar a alegação deles de que não havia preso político no Brasil, havia assaltantes de banco. Como todos estavam enquadrados na mesma lei, misturaram, foi quando houve a primeira leva de presos, essa mistura. E aí, como dentro do coletivo político já estava eu, já estava outro companheiro que já morreu o Godoi, que tinham participado que estavam nesta conotação anterior de preso

comum, mas que tinham participado desta fuga e que depois foram, nesta recaptura, já foram enquadrados como presos políticos. E aí já estava lá dentro da galeria dos presos políticos.

MC: Então você estava lá quando eles chegaram?

AB: Já, quando eles começaram a chegar eu já estava lá, quer dizer, as primeiras turmas, veja bem, as primeiras turmas que chegaram antes, um pouquinho antes, negócio de meses antes, época do pessoal que tinha tomado Brasília, pessoal que tinha participado do Caparaó, pessoal que tinha aquele negócio do Sindicato dos Metalúrgicos, Associação de Marinheiros, essas pessoas já estavam presas, e como eram militantes, porque haviam muitos presos políticos militares, que a maior parte das pessoas desconhece, não é da história das organizações, mas havia muita gente presa já, havia o pessoal do Caparaó, do movimento de 31, havia o pessoal que requer a tomada de Brasília, lembra ali, aquela região ali de Brasília, Lins, Luís Carlos Prestes e alguns companheiros nossos, num processo, foi que comandou, junto com os oficiais, sargentos e oficiais de Brasília, havia o pessoal da Associação dos Marinheiros, que tavam.

MS: Estavam antes de você...

MC: Isso era antes do golpe?

AB: É, antes do golpe, mas depois eles foram remetidos para as penitenciárias, eles ficavam em quartéis, ficavam por aí, nos presídios, mas aí eles foram alguns ficavam em Juiz de Fora, outros ficaram em Brasília, presos na Marinha, essas coisas e tal. Então depois eles foram remetidos para o Rio de Janeiro, pra penitenciária Lemos de Brito, aí aconteceu essa fuga, tá entendendo. E como resultado...

MS: Lembra em que ano foi essa fuga?

AB: Foi em 69, em maio de 69, e aí foi quando houve esse remanejamento dos presos, convivendo mais com esses presos políticos e dos políticos que não participaram daquela fuga, mas que eles desconfiavam que depois eles iriam buscá-los, como realmente era o propósito da gente. Aí foi quando a galeria, a Ilha Grande foi reaberta, novamente para presos políticos, mas esse extrato social que foi pra lá, não era diretamente pessoal de organizações. Era um pessoal que era militar, que estava envolvido em questões políticas, mas que era militar, que tinha seguro contra isso, aquele caso dos sargentos, que os caras não queriam que os caras fossem ... Então muita gente foi presa ali, processada, expulsa, de uma forma mais silenciosa assim, mas foram para os presídios, então estavam lá na penitenciária. E aí, depois, essas pessoas foram as que constituíram o primeiro coletivo político lá da Ilha Grande.

MS: Quem mais, além de você e do Godoi, esse primeiro coletivo da Ilha Grande?

AB: Ah, não chegou a estar lá nesse coletivo, mas participou da fuga, foi o Roberto Cietro.

MS: Ele está vivo você sabe?

AB: Não, ele foi morto na tortura, lá na PE.

MS: Como é que você lembra desse primeiro coletivo?

AB: Aí, quando fui recapturado, eu fui já pra Ilha Grande na condição de preso político, só tem que o sistema não absorvia isso, porque para ele era inconcebível, na cabeça daqueles policiais, daqueles guardas, para eles era inconcebível que uma pessoa que estivesse cumprindo pena, como eu, embora fosse da marinha

mercante, estivesse cumprindo pena na condição de comum, que agora fosse admitido como preso político.

MC: Você era preso comum?

AB: Eu já era preso comum...

MC: Militar?

AB: Eu sou da marinha, da marinha mercante. Então quer dizer, que fosse admitido, agora, e respeitado como preso político, tanto é que quando eu fui remetido, já recapturado, para a Ilha Grande, eles não me colocaram logo de cara na galeria de presos políticos, eles me colocaram junto com os presos comuns, por duas razões: uma, porque havia essa rejeição deles por parte desse novo status meu, e o outro é porque nessa fuga havia morrido guarda, ficado o outro baleado e eles sempre tiveram como norma, deles, todos os guardas que matam, os policiais... Eles mataram, principalmente dentro da cadeia, geralmente são assassinados. Então, mas como eles temiam, porque os caras diziam “mas o André, tal, tá lá pela auditoria, o ofício que teve aqui é da auditoria militar, se matar vai dar problema”, ele está processado pelo regime da auditoria militar.

MC: Tinha esse lado, mas tinha o outro lado da rigurosidade maior, não é?

AB: É, mais a rejeição deles, “mas que nada, aqui quem manda é a gente”, aí me colocaram lá no meio dos presos comuns com esses dois motivos: primeiro, por rejeitarem esse novo status, segundo, porque eles achavam que se eu ficasse no meio dos presos comuns, esses podiam atingir o objetivo deles, que eles não podiam fazer diretamente, que era o de me assassinar, por causa da morte dos guardas, porque eles atribuíram isso a mim, porque eu fui um dos únicos recapturados nessa fuga, o resto foi para o exterior, então quer dizer: descarrega em

cima do André. Mas como me assassinar diretamente implicaria eles serem enquadrados, já que eu estava pela Lei de Segurança Nacional, processado pela auditoria. Então eles queriam arrumar uma maneira de me eliminar indiretamente, pelos próprios presos.

MC: Na época havia um conflito muito forte?

AB: Criou um conflito e daí eles fizeram o seguinte, porque lá, todas as pessoas que fogem, essas pessoas vão pro isolamento. Tem pessoas que ficaram até um ano, dois, três isolados.

MS: Isoladas onde?

AB: Isolados na Ilha Grande.

MS: Ah, ta.

AB: Então, eles me botaram no isolamento, porque lá era onde ficavam aqueles caras que fugiam, específicos.

MC: Era uma cela específica?

AB: Era uma cela coletiva isolada, não andava para nada, só comia e cumpria pena ali dentro, não tomava sol, não tinha direito a nada.

MC: Era o isolamento.

AB: Isolamento... Então eles tinham me botado dentro numa cela dessas, julgando que ...

MS: Sozinho, André?

AB: Não, com o coletivo, com as pessoas que estavam lá, isoladas.

MS: Então é isso, todo esse pessoal acusado ficava nesse isolamento, são vinte e três horas sem poder sair, não é? Então você passou por isso lá?

AB: É, todas as pessoas que cometiam delitos, lá no critério deles, na Ilha Grande, ficaram isoladas. E quando eu cheguei então eles me botaram dentro de um isolamento desses, com esse objetivo: de me sacanear, primeiro, porque eles não mandaram os presos políticos, e segundo... A vingança que a gente está com medo de fazer diretamente, de assassiná-lo, porque pode ser que dê problema, porque tá enquadrado agora processado pelo exército. Conclusão: fiquei algum tempo no meio deles, mas o que eles não conheciam o que eles não sabiam, porque ficavam muito tempo na Ilha, é que eu tinha um excelente relacionamento com os presos comuns, porque fui professor deles, conheci muita gente... E quando chegavam lá no cubículo, os caras diziam: “pô, André...”

MC: Você foi professor quando?

AB: Aqui na Lemos de Brito, trabalhei na escola deles, no programa de alfabetização, isso é outra história praticamente, então quer dizer que eu tive uma certa ascensão sobre eles, primeiro porque vinha do meio deles, e segundo porque tinha adquirido algum conhecimento e tinha chegado a ser professor lá na escola, era professor deles. Então quando eu cheguei no isolamento, as pessoas chegavam “pô, André, você é um dos nossos...” Eles sabiam da hostilidade que a polícia tinha, então chegava na hora de fazer a refeição, eles falavam “não vai lá, pra tu não criar problema, deixa que a gente apanha sua comida, apanha os negócios pra você”. Eu ficava lá e os caras iam buscar comida. E quando eles iam ver eu estava conversando, dando aula pros caras. Eles ficavam pau da vida, porque eles esperavam que a reação fosse outra, porque eles diziam pros caras “aí, ta vendo, a cadeia tá dura”, porque foi na época que eles endureceram a cadeia, em função disso, “ta vendo, a cadeia tá dura por causa desse filho da puta aí”, desculpe a expressão, para jogar os caras contra mim. Mas eles não sabiam dessa outra coisa,

que era mais subterrânea de todo esse trabalho político dentro das prisões, então a maior parte daqueles grandes bandidos, matadores, eram todos meus amigos. Então o tiro saiu pela culatra, ao invés de ser hostilizado, pelo contrário, os caras...

MC: E depois, eles te deslocaram de novo?

AB: Aí, depois, como eles não podiam fazer isso eles passaram a ficar me espancando quase que diariamente, como quem diz “a gente vai matando”, porque esse era o processo deles, teve espancamento um dia, dois dias, eles passaram uns dois a três meses dando porrada quase todos os dias.

MS: Sem motivo nenhum?

AB: Não, só simplesmente porque tinha fugido e porque tinha matado um guarda, segundo eles, que não era nada disso.

MC: Não foi você, não é?

AB: Isso.

MC: Eles não tinham nem como provar...

AB: Não, eles sabiam a própria polícia sabia disso, tá entendendo? Bom, mas aí eu era um preso bom para descarregar a ira deles... Mas chegou ao conhecimento do pessoal da galeria, e as pessoas que estavam lá, que tinham ligação comigo, já sabiam da minha participação nos fatos da política. Então começaram a pressionar as auditorias e a administração para me levar para lá, “não, o André é preso político, nós queremos ele aqui no meio, tem que parar com esses espancamentos, parar de dar sopa para a lei...”. Então começou aquela pressão dos presos políticos, que iam na auditoria, denunciavam, mandavam recursos para Brasília, pressionavam mesmo. Aí como eles não puderam mais resistir isso, não havia como mais, foi esgotando a capacidade de manobra deles, eles então resolveram me transferir, eu

e outro companheiro, Godoi, José Michel Godoi, que era preso comum e tinha esse status de preso político, tinha sido recapturado também, aí eles nos mandaram para a galeria dos presos políticos, ficava então no primeiro andar do próprio presídio. Mas ainda assim, como se diz, para nos liberar legalmente, para gozar de todos os direitos que essa nova condição dá, nós ficamos isolados, dentro da galeria, mas isolados no cubículo, cubículo para dois, eu e meu companheiro. Já estava dentro do coletivo, é como se estivesse aqui, mas ficava isolado naquela sala lá, sem ter contato com vocês. Nós ficamos dentro da galeria, mas isolados.

MC: Isso não era o Fundão?

AB: Não, ainda não era o Fundão, era outra coisa, porque até essa época ainda não havia tido essa mistura dos presos. O nosso caso era um caso muito específico porque nós tínhamos participado de uma fuga junto com eles, montado acampamento de guerrilha, junto com eles, parte para a ação política já, uma outra coisa. Essa mistura veio depois...

MC: Na década de 70?

AB: Essa mistura veio depois, então eles nos colocaram isolados, passa um tempo, negócio de uns seis meses, e a gente ficava pro lado que quase não tomava sol. Aí fizemos uma pressão, já que não podia sair do cubículo pelo menos que fosse do outro lado onde o sol nascia, pela manhã, mesmo pela grade a gente podia pegar sol, mesmo porque o cubículo ficava mais quente, porque daquele lado o calor do sol, porque do outro lado era muito frio, no inverno. Pressionamos, pressionamos, eles nos tiraram daquele lado e nos colocaram do lado do sol, mas sempre isolados. Mas, de qualquer maneira, a gente recebia as coisas dos presos políticos, jornais, aquela cobertura, de solidariedade.

MS: Era melhor do que no lugar dos presos comuns?

AB: Muito melhor, porque eu passava a ter o convívio com eles e recebia essa solidariedade deles, que eles já tinham, então eles mandavam coisas para a gente. Aí ficamos um tempo, negócio de uns oito meses nessa condição, aí quando foi um belo dia eles resolveram nos liberar. Chamaram a gente e disseram “podem ir para o banho de sol”, dia lindo, de manhã, na hora do banho de sol. Aí nós fomos para o banho de sol e passamos a conviver realmente junto com os presos políticos, participando do coletivo.

MS-Foram só vocês dois ou tinha mais gente ?

AB-Só nós dois, eram os dois que tinham participado disso, porque o outro tinha sido assassinado na tortura, o Cietro, e esses outros não tinham sido incluídos. Então, depois, como foi chegando mais gente e o espaço lá foi ficando pequeno, que era uma coisa que eles tinham improvisado em função da fuga, enquanto isso eles estavam construindo em cima, reformularam, reconstruíram uma galeria que era de cubículo grande fizeram tudo de cubículos individuais, nessa outra parte. Dividiram os cubículos que davam para vinte, trinta, que eram cubículos coletivos, já fizeram celas mais individuais, cada cela dava para duas pessoas, no máximo. Aí nós mudamos da galeria de baixo do prédio para a segunda galeria, no andar de cima, nessa galeria que foi reinaugurada, reconstruída. Aí ficamos lá. Então, já nesse espaço, é que começou a se pensar na organização de uma greve de fome, da primeira greve de fome dos presos políticos. E quando a gente estava em plena articulação da greve, numa noite, os caras abriram a galeria e botaram os presos comuns dentro da nossa galeria... Só tem que eu e o outro companheiro conhecemos todo mundo, a referência para eles éramos nós “Cadê o André?”, “Ah,

o André mora aqui”. Chamaram-me, passei a receber as pessoas, conversar com eles a mostrar como é que era...

MS: Foi um elo de transição.

AB: Conclusão: “que é que tá havendo aí?”, disse “olha, tá havendo uma greve de fome”, “vamos participar, vai todo mundo participar da greve”. Então o tiro saiu pela culatra da repressão porque ela esperava que houvesse desavenças, essas coisas. E como havia essa ligação, esse conhecimento, a gente harmonizou, as pessoas se integraram ao coletivo e passaram a participar com a gente e participaram da greve de fome. Chegaram nesse período da greve de fome e chegaram a articular a greve de fome.

MS: Quem eram essas pessoas, você lembra? Que chegaram, era o André Torres, esse pessoal, não?

AB: Hein?

MS: Era André Torres, esse pessoal...

AB: O André, eu conheci o André Torres, lá na PE. Nessa época, era algumas dessas pessoas, não sei se ele estava nesta leva, não me recordo, acho que ele não estava.

MS: Você lembra de alguém que entrou nesse período?

AB: Lembro do Ricardo Duran, era uma porção deles, era o Ricardo Duran, o Sachas, agora já faz tantos anos, mas com o tempo posso me recordar, tava o William, parece. Bom, estava o grupo deles e participaram da greve de fome, ficaram integrados.

MC: Esses eram os presos comuns?

MS: Não, esses era os que vieram da Lei de Segurança Nacional.

AB: Eram presos comuns, mas estavam enquadrados, a partir daquelas coisas que estavam na rua fazendo assalto a banco foram enquadrados também na Lei de Segurança Nacional. Mas só tem que a gente já conhecia porque tinha cumprido pena juntos, muitos anos, esse vai e vem e a gente conhecia a maioria deles. Então houve esse entrosamento, eles participaram e ficaram convivendo com a gente nessa galeria. E aí começou a haver uma coisa, que eu vou contar pra vocês aqui, que é uma coisa que, eu estou escrevendo um livro sobre isso, está praticamente pronto, só falta editar.

MS - Sobre esse período?

AB-É sobre esse período, o título é até “A fuga dos transgressores” e muito dessas coisas que eu estou contando pra vocês fazem parte, justamente porque estou tentando resgatar essa história que não foi contada desta maneira e que a imprensa também... Quero desmistificar isso, resgatar essa parte da história.

MS-O que você acha que foi mal contado?

AB-Olha, eu acho que foi mal contado pelo seguinte: pelo desvio que existe, ideológico, na dita “esquerda”... Sempre foi divulgado na imprensa de que esses ensinamentos e essas transferências de conhecimentos políticos foi feito naquela época por esses presos de organização, daqui, daquele movimento da pequena burguesia organizada. Então como eles tinham canais de imprensa, essas coisas todas e tava na moda, então se divulgou muito de que todo esse trabalho... E eles nunca tiveram a humildade de dizer que não era bem isso, que quando eles chegaram lá havia já um trabalho político junto aos presos... Que vem desde a

história do Partido Comunista da época de Vargas, desde o Graciliano Ramos e eu estou resgatando isso, mostrando que não é essa a história, a história é outra. Mas até por falta de humildade e porque tem hegemonia de certas coisas, aquela luta distorcida, do errôneo pela hegemonia, porque ela é conduzida de uma maneira errada, então levou eles a escamotear isso, a querer realmente sustentar esse qualhardete de que eles é que tinham feito e isso ficou espalhado pela imprensa e, hoje, as pessoas não tem essa visão ?

MS-Tem

AB-Mas não é, isso não é uma verdade, isso foi resultado dessa deformação, desse desvio, como eles fazem também com relação ao problema do movimento sindical. Eu também sou sindicalista, fui vice-presidente nacional da CGC, fui secretário de Sindicato (?), e tive toda uma atuação nesse meio sindical, então quando eles fizeram...

MS-Mas você tinha vínculo com algum partido político?

AB-Hein...

MS-Você enquanto sindicalista ou era sindicalista mesmo, você tinha vínculo com algum partido?

AB-Eu fui filiado ao Partido Socialista, assim que cheguei aqui no Rio, mas não tinha nenhuma militância, mas essa atividade eu tive depois que saí. Porque quando eu fui preso, recapturado, lá na PE, me recordo que eles tinham dissolvido todos os sindicatos, recorda disso? Inclusive, eles tinham destituído o Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, de vinha Valdir Vicente, aí fui conhecer o Valdir Vicente preso, lá na PE e aí nasceu essa amizade com ele. E quando eu saí, eu entrei para o Sindicato dos Escritores, então passei a ter uma militância no meio

sindical e nós filiamos o nosso sindicato a CGC, por essa amizade que fizemos lá na PE, que fizemos com Valdir Vicente, que era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, nos conhecemos ali, naquele momento difícil, e conservamos essa amizade e passei a militar no movimento sindical através dele e de outros amigos dele, já como membro do Sindicato dos Escritores, participava de congressos, outra história. Mas estou só tocando nisso para mostrar o exemplo do que eles fizeram com o movimento sindical. Então eles procuram contar que o movimento sindical é a partir de São Bernardo, certo? E quem é estudioso nisso, eu sou uma pessoa estudiosa porque, depois eu passei a estudar isso, a medida em que eu passei a militar no movimento sindical, eu passei a estudar essas coisas e ter contato com as lideranças, então peguei toda essa história, o sentido da história. Aí, eles passam a contar essa história do sindicalismo a partir de lá, dão um corte na história como se o movimento sindical... Porque se você pegar o movimento sindical você vai ver que vem desde a época dos anarquistas, toda uma vida histórica muito antes do PT nem pensar em existir.

MC-Essa questão é complicada porque é esse setor, exatamente esse setor do sindicalismo, que domina hoje todo tipo de negociação, tanto que eles colocam como se a história tivesse começado neles...

AB-Mas não é, isso é uma mistificação muito grande, e que quem pode distinguir, porque tem muitas pessoas que não dominam isso, então eles empurram, vão levando então você não conhece nem procura se aprofundar nisso, então passa a ser uma verdade daquelas: uma notícia repetida mil vezes então ela acaba se tornando uma verdade. Então para muitas pessoas, isso, a história dos presos comuns é uma verdade porque foi repetida pelos canalhas milhares de vezes, como a história do sindicalismo também. Mas não é essa a verdade. A verdade é outra, eu

conheço porque participo então eu estou querendo desmistificar uma parte muito grande desta história porque eu tive essa felicidade de participar de tudo isso, de sobreviver e sem nenhuma mazela que me impedisse disso. E eu tenho o dever, muitos companheiros, então eu tenho o dever de contar essa história para que o Brasil não passe por outras coisas porque a repetição de certas coisas seria terrível para nossa história. Eles deram esse tipo corte querendo aparecer, incentivados pela imprensa, porque eles também tinham uma militância muito grande na imprensa, cartunistas, pessoal desse extrato social, da esquerda pequeno burguesa, não é bem o PT, foi o que mais se desenvolveu e o que mais praticou isso, mas existe essa outra conotação, me refiro a esse segmento social da pequena burguesia organizada com aquela tintura de esquerda. Então isso foi divulgado, então você vê, essa parte toda que estou procurando para resgatar é uma parte da história, e eu não estou inventando nada, é uma história que foi contada por outro ângulo. É só você ler “Memórias do Cárcere”, aí você vê a intenção maliciosa de querer solapar essa parte da história, porque você não pode solapar o que está escrito, você não escreveu isso, está escrito, pega “Memórias do Cárcere” e você vai ver isso. E depoimentos de outros como Prestes, inclusive. Você tem toda uma história do convívio dos presos comuns com os presos políticos e isso eu estou relatando no meu livro porque eu tive essa preocupação, tive a sorte, não só de conviver com isso, como tive a sorte de me instruir e pesquisar a história, para saber como é que foi, para poder pesquisar aquilo que eu não tinha vivido.

MC-Eu estou lembrando uma passagem do livro do William, ele diz que não era nem tão, você podia até ser o “elo de ligação”, porque não era tão fácil de ter essa ligação do preso político - preso comum com essa pequena burguesia organizada.

AB-Claro.

MC-Porque parece que eles ficaram com medo quando chegaram lá, se distanciaram.

AB-Eles sempre tiveram, e um problema que eu vou revelar a vocês que estou colocando isso no livro, eu estou colocando isso porque eu não sei que utilização vocês vão fazer desse material, então se for utilizado sabe que tem que se reportar a eles também. Por exemplo, essa é uma parte da história que estou escrevendo no livro que vai criar muita polêmica, que nunca foi colocada. As pessoas acadêmicas, o meio acadêmico, os meios políticos, o meio de uma forma geral desconhecem isso. Porque não é interessante que isso venha a tona porque vai desmistificar uma série de coisas que estão encasteladas, sedimentadas, que vão ruir, porque quando vem a coisa da verdade, você sabe? Mas André, por que isso ficou oculto tanto tempo? Porque as pessoas que poderiam denunciar isso não tinham essa facilidade que eu tenho de falar, de estudar, de escrever e de continuar tendo um crédito político, mesmo depois do aprisionamento. Não tinham esses canais, essas pessoas não tinham. E eu tive essa felicidade de desenvolver tudo isso e consegui, até o presente momento, manter a saúde, aqui no Rio de Janeiro e continuar militando politicamente, desenvolvendo todos os tipos de atividades que eu desenvolvia antes. Por isso eu estou sendo portador desta coisa. Então, eles não tiveram essa humildade de dizer “não é bem assim, existe uma história”, isso que eu estou falando, não é bem aí, claro que as coisas. E esses que procuram colocar de que esses conhecimentos foram transferidos, do ponto de vista de organização, para os presos comuns, aí eu tenho, como esse escritor agora que tem escrito muito sobre o Comando, tal de Amorim, não sei o que Amorim...

MS-Eu tenho o livro dele...

AB-Você tem, não é? Então você vê, os caras procuram estudar essa questão do crime organizado como se fosse um resultado desse aprendizado político.

MS-Carlos Amorim.

AB-Aí eu pergunto para vocês, veja se isso tem cabimento, eu sou uma pessoa estudiosa, vocês são acadêmicos, são estudiosos pela própria natureza...

Fita 2 B:

AB-... Mundo do criminoso de forma organizada, se você ver a história, então eu tenho feito uma crítica a essa colocação dele, porque ele quer, eu não sei com que intuito, restringir isso, que é uma instituição universal a um momento x. Por que? Por interesse, por ligações, por depoimentos. Porque também as fontes de informação dele tem sido essa camada social e a repressão.

MS-Mas tem também o livro do William e do André Torres, o que você acha deles?

AB-Sobre esses assuntos eu não entro muito. Por exemplo, o livro do André é um livro limitado...

MS-À história dele.

AB-Ao que foi a estada dele na Ilha, mas não teve essa amplitude, não era uma pessoa estudiosa, você vê, é diferente de você estar ali, é uma coisa mais limitada. O livro do William, embora o William esteja muito mais avançado do que isso, mas ele não teve essa vivência também.

MS-Ele chegou depois.

AB-Depois, ele não participou da fuga, ele não encontrou com as pessoas, ele não teve essa vivência, porque como ele se tornou uma liderança rapidamente no meio

do Comando, ele passou a ter uma atividade delimitada pela estratégia, pelas vivências daquele grupo, dependendo das estratégias e das táticas daquilo que eles criaram, daquela ilusão que eles criaram, de transformar isso numa força política, sem o estudo mais aprofundado de como poder desenvolver isso. A minha visão é isso. Apesar de tudo isso, é meu amigo, conheci o William novinho de execução, convivi com ele, um excelente poeta.

MC-Também?

AB-Também. Tínhamos um grupo de teatro lá, para você ver que havia todo um trabalho político dentro das prisões muito antes do movimento de 69.

MC-Realmente ele não entra tão fundo, mas acho que ele chega a destacar...

AB-Não sei por que razão ele não entrou, o William conhece parte dessa coisa. Por exemplo, ele participou do Festival de Poesia, que eu organizei dentro da prisão, participou desse nosso grupo de trabalho mais amplo. Por exemplo, eu fui presidente da liga de esportes da penitenciária, William foi meu vice-presidente. Agora não sei por que ele, talvez não sei a razão, por essas limitações que eu estou te colocando, talvez houve interesse de não entrar em determinados assuntos, para que ele não colocasse isso.

MS-Esse período que você ficou lá com ele, você chegou a pegar a primeira greve de fome, você ficou quanto tempo lá?

AB-Um quatro anos.

MS-Ficou isso tudo! Você sabe da história do relógio? Como é que começou? O grupo se separou novamente? Conta pra gente

AB-Vou contar pra vocês, isso tudo vai ser contado no livro...

MS-Me dá o nome direitinho...

AB-“A fuga dos transgressores”. É o seguinte: você tem que ver como é que houve essa inserção e como é que já havia o conhecimento político, ideológico dentro das prisões, que foi feito pelos comunistas daquela época do Estado Novo. Então ficou essa cultura germinando dentro das prisões, ficou presa, porque tinham pessoas de penas longas e essas pessoas ficaram lendo e transmitindo essa cultura, na medida do possível. Então quando eu cheguei lá, na prisão, em 57/58, eu já encontrei um grupo de presos comuns politizados. Os comunistas tinham deixado livros, na biblioteca da penitenciária eu já encontrei “Salário, preço e lucro”, já encontrei “Materialismo dialético”, aquele ainda impresso pelo Stalin, da época da Academia da União Soviética, do tempo de Stalin ainda e muitas outras coisas que eu encontrei no presídio. Então havia já uma cultura e uma tradição de politização dentro das prisões, só tem que isso era mais acobertado e não tinha ganhado as luzes, foco, porque não tinha esse impacto da fuga e de vir à tona que havia tudo isso, comunistas... Essas coisas todas vieram à tona nesses acontecimentos. Isto é um corte que estou lhe mostrando que é o corte que eles deram nesse aspecto, o corte sindical... Foi quando eles colocaram os presos, ficaram na nossa galeria, eles participaram da greve de fome com a gente. E o motivo dessa coisa, pra você entender é o seguinte: naquela época, como você sabe, existiam alguns presos que foram militares e que conhecem muito bem essa estratégia de guerra, esse negócio, e muitos, antigos do Partido que tem uma formação ideológica também. Então se começou a questionar justamente o futuro da luta armada porque nós começamos a ver dentro das prisões quem eram as pessoas que estavam dirigindo esse processo, no convívio com eles. Aí é a mesma coisa, nós estamos sentados aqui conversando, começamos a conversar, então eu começo a medir o teu conhecimento, medir o

dela. Se eu tenho algum conhecimento, eu meço o seu como você mede o meu. A gente começou a ver que a luta não ia muito à frente, não.

MC-Na década de 70?

AB-Já. Naquela época já se começava a questionar isso.

MS-André, quando você fala assim “alguns presos foram militares, antigos do Partido” é o Partido Comunista?

AB-É. Porque você sabe que o Partido Comunista teve um grande trabalho dentro dos quartéis, você sabe disso, não é?

MS-Essa politização que você fala que vem muito antes desses grupos de pequena burguesia é em grande parte feita pelo Partido Comunista?

AB-Issso. Foi feita pelo Partido Comunista. Eu antes de ter contato com os caras, eu tinha contato com o Partido. O Partido tinha uma organização fanática. Por exemplo, existiam guardas penitenciários que eram membros do Partido, então eu tinha contato diretamente com o Partido dentro da prisão. Assim como eu estou conversando com você, aqui, eu conversava com um membro do Partido Comunista dentro da prisão. Recebia jornais, livros, tudo dentro da prisão. Clandestinamente mandava cartas, escrevia. Veja bem, eu não era um membro do Partido porque eu não podia me associar dentro da prisão, porque a minha história era outra, mas era um membro de confiança deles, a ponto deles mandarem quando chegar “procura o André lá na prisão”. Quando as pessoas viram e “procura o André Borges lá”. Porque já tinha os próprios quadros deles que eram funcionários dentro da prisão tinham me conhecido e me recomendavam. Havia isso, quando os caras começaram a questionar isso, os presos militares, vendo qual eram os líderes e a gente vendo a falta de disciplina que as pessoas tinham, a falta de conhecimento de guerra, de

formação, dessas coisas elementares. Começamos a ver que era uma furada e que tínhamos que começar a rediscutir isso. Então, pra eles, isso era um acinte, ser levantadas essas coisas quando eles ainda estavam com aquela ilusão de que esse era o caminho certo e que eles seriam os futuros dirigentes do país, que eles iam vencer a revolução, aquela coisa do entusiasmo, da juventude.

MC-Foi mais por porraloquismo?

AB-Pois é. Eles consideravam que a gente éramos pessoas desbundadas e começamos a questionar isso, porque estávamos vendo as quedas, as grandes lideranças caindo como farinha, o saco furar e cair dois, três, quatro. Então a gente dizia “o que é isso?”. Isso é falta de experiência e os caras não tem. E como a gente conhecia, a gente vinha estudando essa questão, sabendo que a luta armada era uma coisa de longa duração, de luta, que você precisa ter um conhecimento muito profundo disso pra você poder resistir tantos anos, a gente estava vendo que as pessoas não tinham, a gente estava contando às pessoas que estavam nas lideranças que estavam caindo, então se as pessoas que estavam na linha de frente são essas, qual é o sentido disso? Pra que fazer essa guerra, se essas pessoas é que estão comandando, elas é que estão dando coordenadas e a gente está vendo que elas não têm essa competência. Mas naquele momento colocar isso era um acinte, era considerado um sacrilégio.

MS-Por eles?

AB-É. Por eles, justamente. Pra nós, não. Pra nós era uma visão que a gente vinha amadurecendo. Então, conclusão: no banho de sol, nas discussões dentro dos cubículos, esse assunto perpassava. Então eles diziam “me admiro vocês com esse papo enquanto os companheiros estão lá na rua se sacrificando, morrendo, os

assaltos continuam os seqüestros dos embaixadores e vocês com esse papo...”.

Com isso foi surgindo uma divergência dentro do coletivo político.

MC-Entre os mais antigos...

AB-... E os recém-chegados, que era o pessoal de organização...

MC-Da pequena burguesia. Eram universitários?

AB-A razão dessa divergência tinha dois pólos: um, era esse entendimento e essa crítica já levantada naquela época quanto ao futuro da luta armada.

MS-Iso com vocês, mas o pessoal da LSN não estava preocupado com isso.

AB-Não, eles não poderiam. Nós é que começamos a levantar essa questão. Porque eles se sentiam como as pessoas que realmente seriam o futuro e com isso eles eram intolerantes, como o PT está sendo agora no governo. Essa intolerância, essa coisa já própria do sujeito ignorante, geralmente esse comportamento é próprio do ignorante. Isso perpassava nas discussões, então tiveram dois pontos: um era esse, a visão que a gente tinha, crítica já, da luta armada, e a outra questão era a luta política dentro da galeria porque, como eu coloquei para vocês, o primeiro coletivo político organizado na Ilha Grande foi organizado por uma facção desses presos que lhe falei, que eram do Partido e que eram presos militares, da Marinha. Então como eles foram os primeiros a organizar esse coletivo, eles ficaram com o comando, que era uma coisa natural do coletivo por essa razão, por já ter mais experiência da prisão, porque já estavam presos a mais tempo do que eles e porque tinham convivido com os presos comuns e tinham um excelente relacionamento com todos os presos, com os guardas, então conheciam os macetes da cadeia, como são as coisas, como acontecem. Como esses presos tinham isso, esse Know-how, porque tinham passado todo esse tempo já convivendo com gente lá, a própria lei, como é

que faz as coisas dentro da cadeia, como é que pode fazer, um certo sigilo, tinham esse domínio. E eles, ao chegarem dentro da Ilha Grande, já encontravam essa organização nas mãos de outras pessoas, que era o controle político da Ilha Grande e como eles se julgavam as lideranças do movimento armado, os caras bem mais bem capacitados para encaminhar esse processo, não queriam aceitar ser dirigidos por um coletivo que era de bunda mole pra eles, que eram de caras retrógrados, daqueles caras que não queriam participar da luta armada, que não podiam dirigir eles. E aí começaram a questionar esse coletivo político. Foi a origem dessa divergência, dessa rachadura que veio depois se consumir no coletivo. Como eles tinham muita gente da pequena burguesia, teve alguns caras da pequena burguesia que foram os sensatos em entender isso, era o mesmo extrato social, mesmo nível, mesma cultura, mas tiveram mais perspicácia política de conversar com a gente e a gente “olha isso é por causa disso, disso” e os caras perceberam “é realmente tem isso”.

MS-Você lembra de nomes dessa época que estavam lá com você? Você falou desse Ministro da Indústria...

AB-Não. Esse não é da nossa época, ele é da época antes, é da história do presídio, daquele movimento muito mais anterior a esse.

MS-E dessa época?

AB-Dessa época tem o Runco, um cara que é jornalista, Eduardo Runco, tinha o Rui, Rui Xavier, que é jornalista também, até muitos jornalistas. Depois eu me lembro de alguns, com o tempo, que eu tenho anotado lá.

MS-E você particularmente entrou em conflito direto com esse grupo?

AB-Eu não entrei em conflito direto, mas participei dessa discussão toda pela seguinte razão: primeiro, porque quando eu fui pra dentro do coletivo era uma época que estavam realizando uma eleição, para eleger uma comissão eleitoral do coletivo e como eu me dava muito bem com esse pessoal que estava dominando o coletivo, que eram as pessoas que tinham fugido, junto com os militares. Era uma pessoa que tinha muito crédito perante eles, não só porque estava aliado ao pessoal deles, porque participei de uma fuga, de ação, acampamento de guerrilha, junto com eles, com a facção deles. E depois porque eu tinha uma experiência da prisão: “como vai se organizar um novo coletivo, vamos indicar o André para fazer parte desta comissão, ele já tá aqui dentro com a gente, conhece todo mundo, já resolve tudo”. Conclusão: eu fiquei como suplente da comissão política do coletivo, e depois saiu o companheiro que era o efetivo, foi solto, então assumi a vaga como suplente. Então eu participava das discussões porque eu era membro do coletivo e lidava com os dois lados, porque os caras tinham alguma relação comigo porque eles achavam que eu estava participando do processo revolucionário e como eles também estavam...Participei da comissão, eles questionavam que essa luta política era a hegemonia, o domínio do coletivo político, pelas razões que já coloquei. E a minha posição era a de que, considerando a visão política daquele momento que a gente estava que eu também achava que a comissão deveria ser reformulada, pela seguinte razão: porque havia uma camada, um extrato social diferente dentro da galeria e que esse extrato estava participando realmente do processo e como eles agora estavam chegando dos quartéis e indo para lá, eles se tornaram um coletivo, que pela quantidade que eles representavam, eles tinham direito realmente de participar, era uma coisa política. Eu compreendia a conotação, qual era o

fundamento, mas na questão política tinha de haver uma reorganização, um equilíbrio, absorver outras forças, outra visão, porque eles fazem parte do coletivo agora. Tudo bem que eles não estavam aqui quando foi organizado o coletivo, foi organizado dessa maneira, tudo bem, mas agora a situação é outra, eles estão questionando, então eu era uma das pessoas que, na hora da discussão, tinha essa...

MS-Fazia uma inversão...

AB-Fazia uma inversão, não pode, a gente tem que entender, são as contradições, a gente tem que conviver com elas. Estamos aqui, nosso espaço físico é esse aqui. Conclusão: foi reformulada a comissão. Mas como esse era um dos problemas, o outro era o problema da luta, que era uma contradição mais insolúvel, como comprovou que era insolúvel, a gente estava com a visão de que realmente aquilo ia acabar no que acabou, essa não desapareceu. Houve isso, foi a raiz do nascimento dessa divergência dentro do coletivo. Isso não é contado. Eu acho que nunca ninguém contou isso pra vocês.

MS-Não.

MC-A crítica da luta armada...

AB-Nesse momento a gente começou a pensar na greve de fome porque a gente tinha que montar uma forma de resistir. A gente tinha o exemplo daquela prisão lá em Buenos Aires, onde eles mataram os presos políticos, lembra? Aqui a repressão tá muito forte ainda e a gente tem que procurar uma maneira de sair daqui, da Ilha Grande porque eles podem fuzilar a gente aqui. Então vamos bolar uma greve, é uma maneira de chamar a opinião pública, mobilizar a opinião pública pra gente sair daqui. Então começamos essa discussão de fazer uma greve. Uns achavam, como

os militares, tinham uma visão mais estreita desse aspecto, outros foram contra ter uma greve porque achavam que isso iria acirrar o governo e até piorar a nossa situação, em vez daquilo que estava, ser pior, que era a visão deles. E os outros presos de organização, não, achavam que a gente tinha que de qualquer maneira fazer e as conseqüências a gente tinha que bancar, mas tinha que fazer. Eu achei também que devia fazer, então ajudei a puxar o processo porque tinha essa vibração com os dois lados. Conclusão: fizemos à greve, nessa época chegaram os presos da Lei de Segurança Nacional, estava em plena organização, participaram da greve e ganhamos a greve, que era o nosso objetivo. Ganhamos nossas reivindicações que era abrir a galeria porque a gente ficava trancado, deixar a galeria aberta, porque era um cubículo pros dois lados. Então ficava todo mundo trancado dentro dos cubículos. Então abriram as galerias para gente andar, ir ao corredor, bater papo, tomar um café, ter aquele convívio. Conclusão: visitas, jornais, livros que eles não deixavam entrar, um banho de sol com mais horas, tinha que ter bola para jogar futebol, quer dizer, uma série de reivindicações dentro daquelas necessidades.

MS-Os presos comuns já tinham isso...

AB-Já tinham, então nós podíamos ter. Conclusão: nesse lance da greve de fome aconteceu um negócio importante porque, antes do término da greve, os caras da polícia, eles quiseram fazer o seguinte, para tentar desmobilizar a gente da greve, para cansar, a gente já estava lá em cima, já tinha passado para a galeria de cima. Falaram o seguinte: esvaziaram as celas, como de castigo, e tiraram a gente da galeria e forçaram a gente levar o colchão pra gente ir lá para as celas, voltar aquelas celas antigas, que era para desmobilizar a gente. E nesse negócio de fazer isso, aquela coisa normal, aconteceu que os presos da Lei de Segurança Nacional,

a maioria se alojou num cubículo. Sabe aquela coisa, aquela atração, aquela coisa normal de grupo? Então as pessoas “vem pra cá, fulano...”.

MC-Era “panelinha”?

AB-Não era bem uma “panelinha”, não. Mas era ação oficial da identidade de grupo, eles eram um todo, então se identificavam mais. Quando eu cheguei lá, eles “pô, André, vem pra cá...”. “Ah, legal...”, fui pra lá. Depois que serenou tudo, disseram assim “olha, a gente está sabendo que vai ser tirada uma comissão política para discutir com a Administração e foi oportuno você vir pra cá, pra cela porque a gente está discutindo isso aqui”. Eles, já nesse momento, representavam um terço do coletivo.

MS-Eles quem?

AB-Os presos da Lei de Segurança Nacional. Eles diziam “pô, André, nós não somos considerados aqui e a gente acha que a gente tem que ter alguém nessa comissão que vai discutir com a repressão. Vai discutir, nós estamos nesse barco, nós temos que ter alguém nosso lá para a gente saber o que está acontecendo, a gente está no processo, tem que participar da questão política, da discussão. E a sua vinda pra cá, pra essa cela, foi, portanto, porque a gente estava pensando justamente que você era a pessoa indicada para representar a gente nessa comissão porque você goza da nossa confiança e goza da confiança dos presos políticos. Você está aqui como preso político, então você é uma pessoa que não pode deixar de participar disso e a gente estava querendo conversar isso contigo e a ocasião foi essa porque você veio pra cá”. Aí eu falei “se vocês pensam assim, tudo bem...”. Aí eles colocaram isso pro coletivo. Eles, no momento, reagiram um pouco porque havia um certo preconceito. Você sabe como é que é, essas questões que não são ditas, mas que são entendidas ? Mas como havia uma questão política, de

força inclusive, para não dividir o coletivo “ah, tudo bem, o André tem que participar...”. Conclusão: participei da comissão que foi negociar a greve com a repressão. Os caras da repressão, muito inábeis, não aceitaram a nossa reivindicação e criaram, nos deram motivos pra gente suspender as negociações com eles. Eles foram inábeis porque podiam estar negando, mas ter uma abertura para discutir com a gente, então foram inábeis no sentido do tratamento, que a gente achou que não foi um tratamento bom.

MS-Issos vocês conversaram com os diretores? Você lembra?

AB-Não. Talvez tenha sido com pessoas, com o Chefe de Segurança...

MS-Você lembra de um tal Capitão Calheiro?

AB-Lembro.

MS-Ele realmente era muito durão lá?

AB-Era. Então devido a essa inabilidade a gente resolveu não negociar mais com eles. Para provocar, eles colocaram o fogão lá pra baixo e começaram a fritar bife para ver se... Aí a gente já estava no quarto, quinto dia de greve de fome. Então eles, a gente não queria mais diálogo com eles, para forçar a desestabilização colocaram o fogão lá pra baixo e começaram a fritar bifés, você imagina? Aqueles bifés... Conclusão: como estava todo mundo firme, não adiantou que isso não teve influência. Eles não conseguiram. Quando foi uma bela tarde, nós vimos um helicóptero rodando a Ilha. E quando passa um helicóptero lá na Ilha, só pode ser autoridade, por que quem é que vai pra ali? “Quem será?”. Pousou. Então aquilo atraiu a atenção de todo mundo, dos presos comuns, todo mundo, os caras tão sabendo que a gente tá em greve, aquele clima dentro da Ilha, todo mundo sabendo que os presos estão em greve, podem eles invadirem, matar, pode ter uma série de

coisas ali. E o pessoal da Lei de Segurança também falando “é greve de fome...”. Então aquele clima criado.

MC-Teve conflito com os guardas?

AB-Não, não teve conflito, mas os caras reivindicavam, falavam alto, não podiam falar, mas eles falavam, os caras jogando bola lá no campo, aí você olha, na grade, “e aí fulano, como é que é?”, eles falavam “a greve vai continuar”. Conclusão: o avião chegou, pousou, “como é vai ser isso? Vem o homem aí”. Passou uma hora mais ou menos, chegou um emissário deles, mandou convidar a gente para conversar com eles. Eles tinham mandado porque a gente tinha fechado negociação, mandaram um cara, vai pegar mal pra eles, então mandaram um cara que tinha pleno poder para negociar com a gente. Então o cara chegou lá, a gente colocou os negócios. “Não, tudo bem, é isso que vocês querem? Está aceito. Pode ir pro pátio, acaba a greve, abre as galerias, deixa eles da maneira que eles quiserem...”. Aquilo foi uma vitória espetacular, imagina a gente isolada ali... Aí passamos a receber visita íntima, que não tinha jornais, livros, trabalho manual, ter ferramentas para trabalhar, sabe essas coisas todas. O coletivo se reorganizou melhor e tudo, mas na reunião que nós fizemos logo depois da greve, nós fizemos uma reunião na galeria, ampla, de avaliação. Nessa reunião, um dos companheiros, que eu não vou declinar o nome porque não é interessante colocar nomes, prefiro colocar as coisas mais de uma maneira política, na sua avaliação, ele deixou transparecer para os caras que os comuns tinham sido utilizados como massa de manobra naquela greve.

MS-Mas ele era de que grupo?

AB-Ele era do pessoal da pequena burguesia e deixou na sua falação, ele teve aquela inabilidade de deixar nas entrelinhas de ter havido esse lance. E os caras

perceberam, na falação dele, os caras perceberam e depois me chamaram “André, pó, a gente participou desta greve, o cara lá falou, deu a entender que a gente foi usado como massa de manobra, a gente não gostou muito disso...”. Aí eu comecei “não é nada disso, vocês participaram da greve, tiveram representação, uma conquista...”.

MC-Na verdade a conquista não foi deles, eles não tiveram conquista os comuns...

Fita 2 A:

AB-... Tinham o entendimento no pensamento deles. Tinha que ter um entendimento só “tá todo mundo aqui, tô vendo os caras chamando de PB, outros de bunda mole, que é que tá havendo ?” Aí eu tentava explicar pra eles, na linguagem deles, o que estava havendo. Então, mediante esse papo, eles passavam a olhar para as pessoas e identificar as características: “tá vendo aquele garotão lá? É PB”, “e o que é que é isso?” “É o pessoal que mora na Zona Sul, pessoal que vem de universidade”, “ah, quer dizer que é isso?”. Então eles passaram também a chamar os caras de PB porque era uma maneira de diferenciar, então eles começaram a participar dessa luta já com essa visão. Mas só tem que eles eram mais agressivos porque a visão deles de resolver as diferenças era diferente da nossa. Mas, nesse racha que houve na galeria, eles tinham ficado do lado dos PBs. Mas mesmo estando do lado deles, eles procuravam conversar comigo, eu estava do outro lado, mas ali era uma identificação. “Mas por que esse lado?” Porque eles achavam que aquele era o lado bom, que era o lado mais revolucionário. Eu dizia “não, não é isso não. É isso, isso, isso”, começamos a conversar e eles começaram a entender o porque da divergência, embora todo mundo estivesse ali como revolucionário, mas havia essa diferença de classe, a visão, então eles começaram a entender isso. E isso era ruim para essa facção porque ia fazer com que eles saíssem da base deles,

eles estavam contando com isso para o domínio político do coletivo e usavam essas pessoas nesse sentido, mas com o convívio e as discussões, eles viram que essas pessoas iam começar a entender as manobras que foram feitas e a tendência deles era esvaziar eles e eles voltarem a ficar isolados dentro da galeria, numa situação inferior a que eles estavam, porque antes havia essa divergência, mas não havia o antagonismo político, a gente convivia. Com esse negócio, foi acirrando, e se voltasse àquela situação, eles iam perder o apoio dessas pessoas e iam ficar só aquelas lideranças, que eram poucas, os caras da liderança da luta armada, e aquela massa de coletivo, que era um terço do coletivo. Eles temiam que essas pessoas, como são mais radicais, na luta política, não tivessem o mesmo comportamento que a gente estava tendo em dirigir, em esgrimir a luta ideológica, mas de uma maneira política, diplomática, que eles iriam partir para a violência porque eles não tinham essa polidez, essa compreensão, então podiam radicalizar a luta, matar alguém lá dentro, sabe como é, essas coisas... Eles começaram a temer isso, que eles fizessem isso. Como resolver isso? Ao invés de conversar com a gente, não, tiraram a posição de espancar um dos presos comuns para criar um fato consumado para pedir a retirada deles da galeria, isso entre eles. Um dia, fomos surpreendidos por aquilo, eles chamaram os guardas e levantaram a acusação de que o Ricardo e mais um outro companheiro parecem que com o nome de Branquinho, tinham furtado um relógio e, em função disso, eles tinham espancado os caras. Conclusão: quando foi no outro dia, isso foi num dia de tarde ou de noite, quando foi no outro dia, um dia ou dois depois, e eles tiveram uma felicidade de não reagirem, de reagirem bem, politicamente, “a gente não gostou”. Quando foi no outro dia, os cubículos, porque eles moravam, pela atividade, eles moravam juntos, os cubículos comportavam um, dois, então eles moravam juntos, mesmo estando no

coletivo, eles moravam nos cubículos deles, eles tinham os cubículos deles, eram praticamente um terço do coletivo. Então os cubículos deles amanheceram trancados e, por cima da porta, tinha um quadrado e uma grade para entrar ventilação, ar. Então eles chegavam lá em cima e perguntavam nossa galeria aberta: “o que houve que a gente tá trancado e vocês aí?”. Então começaram aqueles questionamentos, “como é que vocês estão trancados? O que houve?”. Aí é que eles foram entender o que é que tinha sido feito que os caras da pequena burguesia se contataram com todas as suas famílias, fizeram uma articulação, criaram um fato consumado para haver a separação e para retirar eles de dentro da galeria porque nessa reviravolta que podia ter, politicamente, eles iam perder o apoio dessas pessoas e temiam, isso era nossa interpretação, só isso poderia ter levado, porque senão ia discutir “olha, houve um roubo de um relógio aqui na galeria, vamos sentar pra discutir o que a gente vai fazer...”. Aí nós fomos pegos de surpresa. Digamos que os caras tenham reagido. Espancam o cara, vamos que eles tivessem reagido e esfaqueado um, dois três dentro da galeria? Como é que ia ficar isso? Não é uma medida política. Uma medida política é “olha, houve o furto de um relógio aqui, vamos ver como é que a gente vai encaminhar isso não fica bem, vamos discutir”.

MC-Tomaram uma decisão particular...

AB-Sem comunicar a gente! Aí fomos surpreendidos por isso e como eles já tinham armado tudo isso, que era um negócio premeditado porque esse grupo tinha justamente essa mania, que é mania dele, a mania característica de fazer a política de assunto consumado, tá entendendo? Faz e é o seguinte: vai ter que bancar. Aí nós fomos surpreendidos por isso, a gente não gostou...

MC-Os que espancaram é que ficaram presos?

AB-Eles ficaram trancados e os caras da repressão levantaram um muro, o famoso muro da galeria, entendeu a origem?

MS-Não entendo bem esse muro, eu já ouvi muito falar...

➤ AB pede papel a fim de tentar mostrar um esboço do que era a galeria.

AB-Eles deixaram os caras trancados nos cubículos deles e construíram um muro, digamos, pegaram um terço, não bem a metade, mas um terço, aí construíram um muro até em cima com uma porta...

MS-O pessoal ficava solto dos dois lados, mas um não comunicava com o outro...

AB-Mas separado um do outro... Quando eles tinham que ir pro sol, eles passavam por dentro da nossa galeria, quando tinham que voltar, quando tinham que sair, sempre passavam por lá e os caras trancavam a nossa galeria para eles passarem...

A porta eles chapearam porque era de grade e ficava muito visível, todo mundo se vendo e, pra evitar, eles chapearam as grades, então era como se fosse um paredão. Conclusão: o que é que eles fizeram os presos comuns? Eles escreveram assim na porta da galeria 3: "Presos políticos do proletariado". Então quando a porta se abria, porque eles escreveram no lado de dentro, a porta se abria para fora, então quando a porta se abria para fora, você lia aquilo, "presos políticos do proletariado". Organizou-se no coletivo e passaram a ter reivindicações próprias deles, as luta deles, próprias. Então foi assim a origem desse Fundão. Foi assim que surgiu o Fundão. Foi em cima de uma questão política, não foi assim como os caras dizem. Isso é uma coisa que eu coloco...

MC-O roubo do relógio foi só o estopim, então.

AB-Foi. Aquilo foi um negócio premeditado, aquilo foi usado. A estratégia era essa, essa que eu te coloquei, militarmente: “olha, é o seguinte: a gente, aparentemente, ganhou essa luta, mas a gente vai perder porque a gente já viu, em longo prazo, que os caras vão passar para lá”. Porque não tem sustentação, a própria realidade mostrou. Está vendo qual é a realidade? Qual é a realidade de hoje? É que aquela premissa era verdadeira. Cadê a revolução? Cadê as pessoas? Hoje estão todas acomodadas, tratando da sua vida. Cadê a verdade que era esgrimada? Era mentira, quer dizer, não era bem mentira, era uma coisa que não era real.

MC-Era um estado de espírito momentâneo deles...

AB-Conclusão: passou a se desenvolver a vida deles lá e a nossa aqui.

MC-A LSN então ficava desse lado?

AB-É. Desse lado era a LSN.

MC-Inclusive o pessoal que era assaltante de banco?

AB-Todo mundo ficava desse lado.

MS-André, quanto tempo mais você ficou, conviveu com eles?

AB-Eu convivi até a gente descer, depois tiveram outras greves de fome...

MS-Teve outras greves, todo mundo participando, os dois grupos?

AB-Não. Só a gente. Eles fizeram, assim que eles saíram, eles fizeram uma greve de fome. Os caras lá espancaram um companheiro deles. Eles, em protesto, cortaram a cabeça, rasparam o cabelo, todo mundo ficou careca, sabe aquelas coisas. Aí os caras viram que a estratégia tinha que dissolvê-los porque estava se criando um grupo perigoso pro sistema porque era pessoas já mais abominadas. A

estratégia do sistema era dissolvê-los nos presídios, nos vários estabelecimentos. Então eles fizeram à greve de fome, as reivindicações deles. Então a administração resolveu dissolvê-los: botava cinco num estabelecimento penal, três noutra, dois noutra, dissolveu eles dentro dos outros presídios e, numa dessas divisões, teve alguns que foram para Água Santa e eles tinham uma liderança, que essa é importante vocês terem, Néilson Nogueira de Souza.

MC-Que morreu numa greve de fome...

AB-Que morreu na greve de fome...

MS-Essa greve que você falou foi antes ou depois de separarem eles, que eles raspavam a cabeça?

AB-Foi depois. Já depois da separação.

MC-O William menciona muito o Néilson no livro dele...

AB-O Néilson era uma das lideranças deles do ponto de vista político. É um cara legal...

MC-Na morte dele parece que ele ficou 43 dias em greve de fome...

MS-Ah, eu lembro dessa greve de fome...

MC-O próprio William tirou o apoio dele, ficou ele sozinho e morreu.

AB-Eles dizem que talvez o Néilson Nogueira seja o primeiro preso que morreu numa greve de fome no Brasil em defesa dos direitos humanos dos presos.

MS-Você participou dessa greve de fome deles?

AB-Não, porque eu estava em outro coletivo.

MS-Ah, isso foi deles?

AB-Issso foi só deles. Eles foram dispersos e o resto é isso, você sabe essa vida deles, esses presos...

MS-E quando que você saiu de lá?

AB-Quando eu saí?

MS-74, 75...

AB-Eu saí numa sexta-feira, 13. Vê só que sorte, daí passou a ser o meu número de sorte e sexta-feira, meu dia. Numa sexta-feira, 13 de julho de 1979.

MS-Então você ainda ficou dentro da Ilha Grande um bom tempo...

AB-Mas depois nós fizemos outra greve lá para descer pro continente, porque essa primeira greve foi uma greve para ter essas melhorias dentro da situação do momento que a gente estava vivendo. Depois nós fizemos uma outra greve lá que era uma preparação para essa greve que houve da anistia. A gente estava discutindo lá que devia fazer uma mobilização dos presos políticos para ter esse projeto da anistia.

MC-Projeto polêmico até porque absolveu uma parte e a outra continuou, aumentou o clima de revolta.

AB-Nós organizamos essa greve, tivemos êxito também, fizemos uns 15 dias de greve, tivemos êxito. E os caras aceitaram a nossa reivindicação principal que era descer para o continente, vir pra cá, pro Rio, porque teríamos melhores condições de articular a greve pela anistia, os contatos. Os caras negociaram com a gente inclusive "olha, nós estamos sem acomodação pra deixar vocês lá embaixo em Bangu. É o seguinte a gente vai tirar vocês aqui da Ilha Grande e colocar vocês lá

em Bangu enquanto a gente prepara uma acomodação melhor pra vocês lá embaixo porque já é lá mesmo, né?”. Tudo bem. Foi feita essa negociação. Nós perdemos e ficamos na Penitenciária Esmeraldino Bandeira, aqui em Bangu. Eles esvaziaram o pavilhão pra gente e nós ficamos lá, esperando que fosse ser complementada a obra que eles fizeram aqui no Milton Dias Moreira, no pavilhão Bandeira. Eles esvaziaram o pavilhão, remodelaram e criaram embaixo acomodações pra gente, dependência especial. Prepararam e nos trouxeram de Bangu para habitar esse estabelecimento. Nós ficamos ali, organizamos o resto da greve de fome, eu participando das reuniões. Eu tinha um advogado, o nome do meu advogado é Márcio Donniche e ele estava tratando para abreviar a minha liberdade. Quando foi um dia ele me chamou lá e disse “olha, a gente conseguiu abreviar sua liberdade, derrubou o resto da tua pena e você tá solto. Eu vim aqui conversar contigo para ver o dia para a gente marcar uma saída sua, com imprensa, advogado, pessoas amigas, companheiros, fazer uma recepção, o que é que você acha? Você tem esse direito de escolher pelos anos que você passou preso e a gente já conversou isso. O dia que você escolher é o dia que você vai ser solto. Já está praticamente solto, é só aquela formalização”. Eu fiquei pensando, na terça-feira, sexta-feira é um dia legal, é o dia da muvuca, eu disse “Márcio, sexta-feira!”, ele disse “Tá legal. Então eu vou mandar uma mala pra você levar seus bagulhos e quando for sexta-feira, entre 15 e 16 horas, a gente está aqui na porta te esperando, o povo da imprensa, companheiros, minha filha, minha mulher. Neste dia eu fui solto e fui pra casa do meu advogado que morava ali na Nascimento Silva, em Ipanema. Fomos pra lá, passamos a noite bebendo, você imagina, depois de tantos anos preso, tomar uísque até de manhã. De manhã fui pra praia, foi gozado porque encontrei com pessoas que iam visitar a gente e diziam “pô André, o que é que você está fazendo

aqui”?”. Não entendiam o processo porque estavam esperando que a gente saísse na greve da anistia e, de repente, me encontram em Ipanema, de manhã, tomando banho. Conclusão, mas antes disso, quando ele me falou, a gente estava organizando a greve de fome, essa greve de fome que demorou trinta dias”.

MC-Que o Néelson levou até 43 dias?

AB-Não.

MC-O Néelson era da LSN, não era?

AB-Não. O Néelson da LSN, que militava no MR-8, é o Néelson Rodrigues.

MC-O outro era da...

AB-Era do pessoal da Lei de Segurança Nacional.

MS-André, eu tenho uns registros aqui que mostram que até 1970 tinha muito pouca fuga na Ilha Grande e que, depois de 1975, aumentam muito as fugas. E em alguns lugares eles dizem que depois é que esse pessoal daqui entra pro coletivo da Ilha Grande, tudo misturado, que ele exerce uma liderança muito grande, que fazem uma carta comum, brigam com pessoal da falange do Jacaré. Você presenciou isso?

AB-Eles organizaram uma cooperativa.

MS-Você estava por lá nessa época?

AB-Estava (pausa para atender telefone)

MS-Tenho duas informações aqui, uma um pouquinho depois que você saiu, em 79, que é a guerra deles com a Falange do Jacaré, que matam um monte de gente e assumem a liderança.

AB-Eu estava lá, mas só tem que essas coisas eu não participei, porque eu estava já no coletivo político. Eles é que saíram do nosso coletivo, houve a separação, eu

continuei no coletivo político. Então, até por questão de segurança, eu evitava porque não havia como, era um retrocesso eu estar no coletivo político e participar. É como agora, todas essas pessoas dessa luta, todos são meus amigos: William, finado Dênis, Japonês, todo esse pessoal, porque eu fiz trabalho político lá dentro. Então todos eles são meus amigos. William é meu amigão mesmo. Mas só tem que eu fiquei isolado realmente, então não tinha sentido nenhum voltar a participar de uma coisa que estava mais atrasada coletivamente do que onde eu estava porque eu era um preso político, não iria voltar a atuar no meio dos presos comuns, isso é um processo que eu posso ajudar até, mas sem me envolver diretamente em certas coisas que também é um retrocesso, não é nem uma discriminação, mas é um problema político. O patamar político é muito mais acima do que aquilo, então aquilo tá ali, eu posso ajudar, mas não vou retroceder a uma luta que, para mim, está superada porque estou numa frente de luta muito mais avançada. Tem certas pessoas que não entendem isso, mas essa é que a verdade. Então quando houve essas coisas eu não participava diretamente, então alguns dados me fogem porque eu procurava me meter.

MS-Por que isso?

AB-Porque não tinha como votar, mas quando eu saí.

MS-Das fugas, eu queria saber se você tem alguma coisa pra falar sobre as fugas, você concorda com isso que dizem que até 70 tem poucas fugas.

AB-Eu acompanhei, a gente acompanhava e sabia das informações, as informações chegavam pra mim, como eu era homem de confiança deles. Eu sabia das fugas, sabia que ia morrer fulano de tal, sabia de tudo. Até hoje eu tenho aceitação política. Por exemplo, eu fui presidente do Conselho da Comarca da comunidade do Rio de

Janeiro, que é um órgão que fiscaliza o sistema penitenciário então eu ia, depois disso, dentro das prisões. Estive com William, tive com o Japonês.

MS-Como é que funciona esse Conselho da Comarca?

AB-Esse Conselho é criado por uma lei federal e ele é um órgão que funciona junto a Vara de Execuções Penais, mas com autonomia, não é dependente. Porque como a função é fiscalizar a política penitenciária e a política penitenciária, do ponto de vista jurídico, é respaldada pela Vara de Execuções Criminais, então ele funciona junto, mas sem nenhuma dependência, ele tem autonomia total. Então ele é um Conselho que fiscaliza a política penitenciária do Estado. Então, depois de tudo isso, eu voltava à penitenciária como presidente do Conselho que ia fiscalizar a política da penitenciária. Então isso era a maior ironia porque os caras lá que me conheciam, como preso comum, como preso político, quando eu entrava acompanhado de promotores, imprensa.

MS-Como é que você avalia o trabalho desse Conselho? Consegue negociar algumas coisas?

AB-Consegue, muita coisa.

MS-Tem até hoje?

AB-Tem. Eu fui presidente dois mandatos e eu ainda sou membro do Conselho só tem que quase não estou indo lá porque estou com outras atividades. Mas fui a muitos presídios, encaminhei muitas lutas, delegacias, esses lugares todos eu ia, na Ilha Grande, conversar com as pessoas, conversar com eles, conversar com todos os presos. A gente tinha direito de entrevistar o preso, de falar, de pedir “olha, quero bater um papo com ele aqui, reservadamente, sem a presença de nenhum funcionário. A gente tinha a regalia de entrevistar o diretor, ver como está a política,

como é que está indo. Tinha uma certa ironia porque os caras ficavam assim”pô, esse cara ficou preso aqui, como é que pode ? A gente não matou esse filho da mãe, o cara agora está aí com todo o respaldo.

MC: Isso na década de 80?

AB: Não. Isso que eu fui presidente do Conselho agora. Não faz muito, faz, no máximo, quatro anos atrás, agora está para ser no segundo ou terceiro mandato, que até o Marcelo do PT é que é o presidente do Conselho.

MS: André conta um pouco da tua vida. Você entrou para a marinha quando? Você casou antes de ser preso?

AB: Eu era da Marinha Mercante, eu extraviei, fui preso, depois me transformei em preso político, casei na Fortaleza de Santa Cruz, casei na capela mais antiga que existe no Rio de Janeiro, sabia que é a capela Santa Bárbara, lá dentro da Fortaleza?

MS: E como é que você a conheceu?

AB: Eu conheci minha esposa através de correspondência.

MS: Em que ano, lembra?

AB: O ano eu não me lembro. Eu me lembro quando eu me casei. Me casei em 74. Me casei na Fortaleza de Santa Cruz e foi um negócio muito gozado porque estava naquela situação e eu obtive licença para que alguns companheiros meus, a família da minha mulher e alguns companheiros meus comparecessem. Eu fui lá e eles concordaram, tem um caseiro na porta dessa capela. Pastor Nemias que nos casou. Foi um negócio gozado porque minha mulher foi toda de vermelho, com uma rosa branca, você imagina, naquela época, a simbologia disso para gente que era preso político, a gente ainda estava naquele rolo todo. E quando ela entrou de vermelho na

capela “oooohhhh”, aquele murmuro, aqui dentro do estômago da baleia, as pessoas ficaram apreensivas que houvesse uma manifestação deles, cheio de oficiais, caras de chão, aquele murmuro “oooohhhh”, ficou aquele suspense, como é que esses caras vão reagir, a mulher toda de vermelho. Mas reagiram bem, não teve nenhuma manifestação de desagravo, se comportaram de maneira perfeita. Depois tomei champagne numa sala, tipo uma recepção. Depois voltei pra Ilha Grande e nós fizemos essa greve que lhe falei, voltamos pra cá. Como eu estava te falando, ao estar já solto, eu ainda estava participando das discussões políticas porque a greve ainda não havia sido deflagrada, eu saí um mês antes da greve, acho que não chegou há um mês.

Fita 2 B:

AB-... Uma reunião pedi a palavra e disse “antes de iniciar a reunião eu queria dar um informe pra vocês”. Os caras me deram a palavra e eu disse “olha, é o seguinte: eu tive agora conversando com meu advogado”, que eles sabiam que os caras me chamaram pra conversar com o advogado, “tive agora conversando com meu advogado e ele me trouxe a seguinte notícia: de que eu vou ser solto sexta-feira”. Primeiro muitos não acreditaram tá de gozação com a gente, ficaram assim no riso, depois ficou aquele silêncio e eu disse “queria que vocês me dispensassem das discussões porque eu não gostaria de continuar influenciando num processo que não vou mais participar, mas queria me colocar à disposição de vocês aqui do coletivo para ver em que eu posso ajudar lá fora no processo”. “Ah, tudo bem, tá ótimo. Primeiro que você não deve sair da reunião porque você participou de todo processo, você é da nossa confiança, não tem por que sair, isso não tem problema, apesar de você ir embora, você pode continuar participando. E outra coisa, lá na rua, a gente vai fazer chegar um manifesto da nossa greve pra você ler lá na rua e pra você ficar

divulgando, ficar pedindo apoio pra greve, então a sua tarefa pode ser essa”. “Tudo bem”. Saí, fui pra casa do meu advogado, depois fui pra Búzios, eu tinha contato com o pessoal do partido, onde arrumaram uma casa pra eu passar oito dias em Búzios com minha mulher e meu filho. Depois eles mandaram clandestinamente o documento, o manifesto e as pessoas vieram me buscar lá em Búzios quando teve o primeiro ato político público pela anistia no Teatro Casa Grande, eu não me recordo o dia, mas depois você pode levantar isso que deve ter dado no jornal e a mesa desse ato era composta pelo meu advogado, Márcio Donniche, a mulher do Rubem Fonseca, a mulher do Manoel Celsinho, o representante da OAB no Rio e eu. Então coube a mim neste ato ler o manifesto de greve de fome dos presos políticos, foi um negócio emocionante, você imagina, teatro lotado, muita gente. Eu li e fiquei participando, fui em muitas teses, fui onde havia manifestação, em Nova Iguaçu, todo lugar eu ia, panfletando. Felizmente houve a greve e foi um êxito e é isso: nós ficamos juntos aqui, continuando esse processo.

MS-Durante esse processo todo você diz que foi professor, você estudou durante o tempo que você estava preso também? Você teve essa oportunidade?

AB-Ainda assim.

MS-O Partido Comunista ajudava, mandava livros?

AB-Eu ainda hoje sou um estudante, mas estudava assim, por exemplo, quando eu cheguei lá na penitenciária...

MS-Porque procurando a história de lá a gente tem como acervo vários livros lá na Ilha Grande, desde aquela época.

AB-Pois é, naquela época, quando eu cheguei lá, eu já encontrei na biblioteca lá, isso antes de eu ter contato realmente com a Editorial Vitória, eu já encontrei lá...

MS-O que é que é a Editorial Vitória?

AB-É uma editora do Partido, aí como você está meio desatualizada.

MS-Eu não sei nada do Partido Comunista...

AB-Eu já encontrei lá “Materialismo Dialético”, já encontrei “Salário, Preço e Lucro”.

MS-Eles deixavam vocês lerem?

AB-Esses livros estavam lá porque os comunistas quando eles estiveram lá eles praticamente tomaram conta da biblioteca porque eram pessoas instruídas. Para eles não ofereciam nenhum perigo. Eram pessoas que militavam pessoal da classe média, tanto é que representava um grupo político. Eles tinham que trabalhar, os presos, no que gostavam, vai trabalhar na biblioteca, então deixava um monte de livros dentro da biblioteca já. Eles é que tomavam conta da biblioteca, faziam cartazes, então tinha uma porção de, aí li todos aqueles romances, lembra de uma coleção que tinha, “Romances do povo”, que era pela Editorial Vitória também, que eram romances, coisas lindíssimas, coisas de alto nível literário, por exemplo, “Assim foi temperado o aço”, já ouviu falar? Esse livro é espetacular. Todos esses livros que eu vou te falar, se você puder lê-los você vai gostar muito: “Assim foi temperado o aço”, “Tempestade”, esse autor conta a história da resistência daquela luta de 45, da guerra, toda história, desde a invasão da França, a resistência, até a chegada das tropas soviéticas em Berlim, conta isso, conta a história da guerra. “Dias e noites”, conta a batalha de Stalingrado, aquela batalha famosa, que os americanos entraram conta essa história. “A estirpe do dragão”, que é a história da revolução na China. “Aldeia em Agosto”, que é a história daquela resistência da Mandchúria, dos chineses. “A greve”, de Alina Paim, tudo isso dentro da biblioteca.

MS: E os outros companheiros sabiam que você tinha esse vínculo maior com o Partido Comunista, que você era pessoa de confiança do Partido, ou você não falava disso?

AB: Não. Muitos sabiam. Por exemplo, o Marco Antônio.

MS: Eu tenho uns amigos hoje que vinculados ao PCB que a única coisa que eles têm em comum é que entrar no PT ou a revolução armada era inadequada. Até avaliação do Luís Werneck, que é um acadêmico, que foi quadro do PT, eles fazem uma avaliação que é inconseqüente.

AB: O Werneck é um cara direitista, por, que teve um pessoal direitista no Partido. Werneck, esse que é filósofo agora, o Gorender, tive até um pega com o Gorender, num curso aqui na UERJ, vinha sempre umas pessoas, numa dessas aulas veio esse Gorender falar, estive questionando ele sobre esse negócio da ditadura do proletariado, essa visão tradicional. Então deixei ele meio enrolado porque ele não esperava que fosse encontrar num público daquele, pessoas que tivessem determinado conhecimento. Deixei ele meio enrolado, mostrei para ele que não era bem assim, que ele era um revisionista. Então houve isso, tem uns caras que tem uma ponderação e tem uns caras que realmente são revisionistas, que são anti-revolucionários mesmo, que estão no meio do partido justamente para freiar e desencaminhar a luta, é essa a tarefa deles, eles não estão ali gratuitamente não.

MS: Essa ala mais a esquerda do PT é o que: são os prestistas que eles dizem ou esse já é outro grupo?

AB: Não. Até que o Prestes não era muito à esquerda. A ala mais coisa foi esse pessoal que morreu, era o Marighella, era o Mário Alves, algumas pessoas que realmente fizeram a opção pela luta armada. Em parte alguns tinham razão em não

embarcar na luta armada por essa avaliação que eu te mostrei que nós fizemos lá dentro. Nem todo mundo que não optou pela luta armada era revisionista, optou porque até realmente, por ter conhecimento e saber que isso era um processo muito demorado, um processo longo, tinha que ter uma coisa com preparo, não podia ter sido assim como foi, coisa de porraloquice. Isso tem essas pessoas que são honestas que são revolucionárias, mas que tinham conhecimento suficiente para evitar esse tipo de erro. E tem os que eram contra a revolução não por isso, eram contra por questão de princípios porque não são revolucionários e o papel deles é justamente travar a revolução, então eles têm que ter argumentação para travar ali dentro, tem que travar ali mesmo entende esse papel? Então, esse é que era o papel deles, Gorender, esse pessoal dele, não tem nada de comunismo nem porra nenhuma. O marxismo dele é o marxismo de negócio, de venda, de status, de negociação acadêmica, para isso, vai ter sempre esse papel porque para estar nesses meios não pode dizer que não é marxista senão você não vai ser admitido, você tem que estar, para fazer esse trabalho, você tem que estar no meio. Então tem duas diferenças: um, é que por questão de princípio, por conhecimento, saber que o processo armado é um processo longo, que requer conhecimento histórico, tático e, principalmente, teórico, uma formação teórica muito boa. E tem aquele que tem tudo isso mas que não é revolucionário, é revisionista, ele está ali para deter o processo, desqualificar a luta, desqualificar o partido, “que é muito bom, mas...”, detonar o espírito revolucionário da doutrina. Por exemplo, quando eles colocam assim ter o poder na, sem a ditadura do proletariado, é ter essa liberdade de direito. Você está vendo como está nosso comércio? Então você acha que nessa democracia você vai poder fazer alguma coisa por mais inteligente que você seja? Os caras estão entregando o país democraticamente, votou na entrega do país.

Você acha que uma democracia dessas é democracia e nós poderíamos admitir num regime revolucionário uma democracia dessas? Não pode. Então por que a ditadura do proletariado? Porque vai impedir essas coisas, então eles são contra. Não é nada disso porque o que eu disse a ele: isso aqui não é uma ditadura? Aqui pra nós, é uma ditadura econômica, é uma ditadura porque vê como é que está o país democraticamente: desemprego, gente passando fome, salários de merda, os professores não ganham nada. Quer dizer, como é que tá isso? É tudo democraticamente. Eu te pergunto: nós temos que rever essa democracia? Temos que rever. Que democracia é essa? Temos que começar a questionar isso: democracia pra quem? Pra eles entregarem o país como estão entregando? É isso, é essa democracia, você acha que a gente deve deixar ela persistir? Não. Eu sou contra esse tipo de democracia, acreditar que ela é utilizada para desenvolver um trabalho revolucionário, não é acreditar que ela seja benéfica para o país, para o nosso futuro como nação. Não, ela é tendenciosa. Nós temos que acabar com essa forma de democracia, onde eles estão entregando a nação, entregando nosso ouro, nosso mineral, querendo entregar a Petrobrás. Nós vamos permitir isso? Então essas pessoas são essas que defendem essa democracia, Gorender, esses caras todos estão alinhados dentro disso, então eles estão realmente macumunados, são ideólogos, com essa conotação de marxistas para se tingir, para poder estar no meio, desvirtuando as coisas, nas discussões teóricas dessas coisas, na hora de discutir essas questões. Esse é que é o papel deles.

MS: Mas tem um outro, uma outra vertente, um outro trabalho?

AB: E tem o outro cara que é realmente uma pessoa marxista, revolucionário e que é prudente não porque seja revisionista. É porque tem zelo realmente pelo que defende de que a revolução se realiza sem que a gente sofra um retrocesso, que a

gente não desperdice vidas. Vai morrer, numa revolução morre muita gente. Não é isso, é que não seja útil esse sacrifício, que não seja inútil. Uma coisa é você fazer um sacrifício no sentido realmente daquilo que você acredita e realizar aquilo. Agora, outra coisa é você fazer um sacrifício inútil. Não tem sentido exigir de você um sacrifício inútil quando eu sei que não cabe. Então existe essa visão.

MS: Mas então as pessoas que eram desse seu grupo político com essa visão, dentro dessa história toda que você contou pra gente, eram minoria porque a maior parte dos presos vinham dessa pequena burguesia organizada.

AB: É. Porque o que houve é o seguinte: aquele processo lá.

MS: Você falou dos militares, tinha muita influência do PC entre militares? Como é que eles foram parar lá?

AB: Tinha. Porque tem muitas coisas que pessoas que foram expulsas e que não chegaram a ser processadas, mas que eram comunistas porque eles fizeram um trabalho na corporação muito grande, nas forças militares. Então eles chegavam a processar, mas davam baixas. Então teve muita gente nesse meio porque os comunistas tiveram muita influência dentro das forças armadas, existiam células comunistas, generais, coronéis, eles tinham um trabalho muito grande, muito grande mesmo. Naquela época, dentro do sistema penitenciário, tinham quadros comunistas que eram guardas penitenciários com os quais eu tinha contato, como te falei, tanto que me reunia e conversava com os caras dentro da prisão como estou conversando agora. A pergunta que você fez: porque eles sabiam da minha existência. Então, por exemplo, o Marco Antônio quando veio pra prisão.

MS: Você está falando do Márcio Moreira Alves, quando você falou “Alves”?

AB: Não. Era o Mário Alves que foi da direção geral do PC. O Márcio e outros companheiros quando chegaram lá já foram me procurar por indicação daqui de fora. “Olha lá você procura o André”. Porque eu já era uma pessoa com vínculos, as atividades que a gente desenvolvia o trabalho que a gente fez. Então já existia isso tudo porque havia já uma cultura dentro da prisão. Quando chegou lá, quando essas pessoas chegaram lá a gente já tinha lido livros marxistas, já tinha estudado muita coisa. Por exemplo, eu estava lendo, eu sempre tive essa tendência para ler, para estudar. Então quando eu cheguei lá eu fui trabalhar na encadernação. Eles tinham uma oficina de encadernação e douração. Sabe o que é douração? Aquelas lombadas que eles dão em ouro, dourado. Eu sou dourador e sou encadernador. Então como eu gostava disso eu fui trabalhar na encadernação. Encadernar livros comecei a encadernar livros e sei fazer aquelas lombadas douradas, sou dourador. Hoje em dia essas coisas estão superadas como profissão, mas eu aprendi isso e lá na encadernação, como era uma oficina muito bem montada, as pessoa que tinham coleções de livros, por exemplo, você é um estudante, tem sua coleção de livros, você ia na penitenciária e mandava encadernar. Eles aceitavam o trabalho, mandava lá pra dentro, pedia o recibo e quando ficasse pronto você ia lá pagar e recebia. Lá o trabalho era muito bom, as pessoas eram excelentes e era barato. Então você mandava encadernar sua coleção de livros em couro, dourado, era um luxo, aquilo baratinho porque o trabalho do preso era mal pago, barato. Fui trabalhar lá e a pessoa que me ensinou isso era uma das pessoas, presos que já estavam lá, era um dos presos que tinham convivido com os presos políticos naquela época e foi uma das pessoas que me repassou uma série de coisas, as histórias, uma pessoa

que começou a me orientar nisso. Aproveitou essa tendência que eu já tinha e transferiu para mim esse know-how que ele já tinha de anos lendo e estudando.

MS: Isso foi em que presídio?

AB: Lá na Lemos de Brito. Já tive a sorte de encontrar uma pessoa assim com quem eu fui trabalhar ser aprendiz dele, ele me ensinou a profissão e, como eu te falei, as pessoas iam encadernar livros lá. Então, o que a gente fazia? Eu, por exemplo, falava com o chefe da encadernação, que era um preso antigo “olha, escolhi uns quatros, vou levar esses livros pro cubículo para estudar”, “leva, cuidado só para não estragar”. Porque não eram livros nossos, eram dos fregueses. Então eu tive a felicidade de ler as melhores coisas que o pensamento humano já produziu. Foram anos só lendo, estudando e os livros que eu não podia comprar eu lia das coleções das pessoas que mandavam. Eu li o livro “O Capital” em espanhol, você imagina ler “O Capital” em espanhol, naquela época? Hoje já tem mais edições. Li outros livros que tinha naquela época, tinha muitos livros marxistas publicados em espanhol.

MS: Era proibido

AB: Aí era publicado em espanhol. Muitos caras mandavam encadernar os livros lá, então eu aproveitei para ler muita coisa, modelos de instituição em criminologia, psicologia, então eu pegava e escolhia o que me interessava de cada freguês. Tive a oportunidade de ler “História Universal”, de Cesare (?). Porque nessa história nós ganhamos livros da Editorial Vitória, de outra editora. Então é isso, eu lidei com os livros, eu passei a minha vida toda dentro da prisão lidando somente com livros, estudando e participando politicamente.

MS: Um autodidata.

AB: Mais um autodidata. E continuo estudando, tanto que aqui fora estou estudando.

MS: Durante esse tempo todo, enquanto estou fazendo a história dos presídios, tem algumas coisas, em relação à lei, que acontecem e são tão diferentes. Por exemplo, as leis, algumas são muito boas, mas na prática tudo é muito diferente. Uma das coisas que eu não compreendo, não vejo que seja tão difícil, é separar os presos. Você teve problemas com isso? De colocarem você junto com presos muito perigosos?

AB: Você vê como é o conhecimento. O ser, por mais ignorante que seja ele respeita o conhecimento, negócio muito importante. Olha, eu era tratado por esses nossos amigos lá com o maior respeito. Eles nem sacanagem falavam na minha frente, sabe aquelas brincadeiras, quando eu chegava eles falavam “olha o professor André aí, para com esse papo...”. Sabe aquela conversa normal. Eles me consideravam professor deles. Eu escrevia carta para eles, cuidava dos assuntos particulares deles. A experiência que eu tive é de que as pessoas respeitam o conhecimento por mais ignorante que ele seja e, por essa razão, eu sobrevivi a tudo isso que você vê porque sempre houve esse respeito, porque o trabalho que eu fazia, eles reconheceram que era um trabalho realmente em prol deles, sempre estava contra a administração, enfrentava os guardas, eles viam isso e como os caras não tinham essa segurança para ter esse tipo de comportamento, eles admiravam pelo comportamento que eu tinha perante a administração. Então adquiri aquele respeito por eles pelo meu confronto com a administração, até porque conversava com eles, mostrava, sempre junto com eles, trabalhei lá fui professor deles. Ia no pátio buscar eles para as aulas e os guardas ficavam admirados. Dava aula pra eles e nunca tive nem um problema com isso. Lidei com os bandidos mais qualificados, matadores, os malucos.

Fita 3 A:

AB: Tudo isso para você entender o que realmente não foi ainda passado porque as pessoas que podiam passar isso não tiveram essa oportunidade. Uma vez vim fazer uma palestra aqui, já fiz palestras aqui nesta universidade, aliás, tenho sido chamado para dar palestras em muitos lugares. Já fiz umas duas palestras na Puc, na Cândido Mendes, aqui na Uerj, na Suesc, ali naquela da Urca, a UFRJ.

MS: Sobre o que você faz essas palestras?

AB: Olha, eu tenho feito palestras mais nesse campo justamente do que é o Direito na teoria e o que é o Direito na prática e também sobre a questão, por exemplo, como eu te falei que eu sou sindicalista, então uma vez fui chamado para dar uma palestra ali na Universidade da Cidade, tem mais essa. Um dia uma pessoa me telefonou, vou contar essa porque foi gozado, eu não conhecia a pessoa. “Alô. O senhor é que é o André Borges?”. “Perfeitamente”. “Eu sou fulana de tal, a gente não se conhece, mas eu sou amiga de um amigo seu, o Poerner, escritor e eu estava precisando de uma pessoa para fazer uma palestra, ele me indicou você, me deu seu telefone, pediu pra ligar para você e eu tô ligando para saber se há meios da gente bater um papo, se você quer fazer uma palestra aqui, eu sou da Universidade da Cidade, sou professora lá e tô procurando uma pessoa para fazer que é um tema, que é um tema de domínio”. “Que é que você quer afinal?”. “É falar sobre sindicalismo”. Falei “tá bom, então”. “No dia tal, horário tal, de manhã cedo, nove horas da manhã, nove e meia, oito e meia e a gente não se conhece, como é que a gente vai fazer pra se encontrar?” Aí eu dei o lugar onde a gente podia se encontrar. “Vou passar de carro, te panho aí”. Nos encontramos e fomos pra lá. Eram os quintoanistas de Direito, estavam se formando, quase se formando, sobre a questão sindical, questão de trabalho. E eu tenho uma tese a respeito disso que

então aproveitei e fiz a palestra. Aqui na universidade, as pessoas vêm para se preparar para o mercado de trabalho, então você sai daqui sociólogo, você sai daqui engenheiro, você sai daqui historiador, você sai daqui médica e você vai para o mercado de trabalho. Então você tá numa universidade, recebe uma instrução, mas nunca ninguém coloca para você essa questão de que você está sendo preparado para o mercado de trabalho, que você precisa conhecer a legislação, que você precisa saber disso, que você está aqui se preparando justamente para ganhar um canudo e que essas profissões estão organizadas, que elas têm sindicatos. E a minha tese é de que aqui na universidade, uma grade ou algum item do currículo que as pessoas que estão finalizando o curso tivessem uma orientação sobre essa questão porque estão indo para uma universidade para se formar para o mercado de trabalho, aprendem a profissão, mas não sabem a legislação dessa relação de trabalho, quem são os sindicatos, as lutas sindicais, as lutas dos trabalhadores, então você sai daqui e não sabe de nada. Aí você vai se formar sociólogo. Tem sindicato dos sociólogos?

MS: Tem.

AB: Então você vai participar do sindicato dos sociólogos, aí você sabe as reivindicações da sua categoria, aí você vê como é essa relação sua com o mercado de trabalho. Na maioria das pessoas não acontece isso? Mas aqui a gente não sabe você vai trabalhar e aí é que você vai dar de encontro com tudo isso quando você poderia sair daqui, no meu entendimento, no mínimo, com uma noção sobre isso, dos sindicatos, das relações trabalhistas, como é que isso foi conquistado.

MS-Aqui a gente é proibido de falar mercado de trabalho porque aqui os alunos acham se falar que está preparando para o mercado de trabalho, os alunos diziam que está preparando para o mercado, que é burguesia...

AB-A minha defesa é que deveria haver isso aqui, essa preparação, então eu fiz as palestras nesse sentido mostrando isso e mostrando para eles o que é o sindicalismo, como é a subvenção, como funciona, a necessidade disso porque eu sou instrutor sindical, sou uma espécie de professor dessas coisas que eu estou lhe falando, de como preparar os líderes sindicais, como é a preparação, tem um outro campo, eu sou uma pessoa de preparar lideranças sindicais, eu sou instrutor sindical. Então eu dei e os caras ficaram maravilhados com a aula porque realmente ninguém sabia de nada. “Então você vai chegar lá e vai acontecer isso, isso, isso, você tem que entender como é isso”. E aí entrava na questão da economia pros caras entenderem porque, como é que surgiu a greve, como é que se acha que esses direitos que você tem surgiram de graça? Então se você entrar aí, você vai olhar e como é que surgiu? Surgiram assim, assim, assim. Qual é a finalidade do sindicato? É essa, essa, essa. Você tem que conhecer todas essas coisas, você vai para o mercado de trabalho e você vai se adequar a essas coisas, você vai ter necessidade disso. Por que a universidade não te dá esse conhecimento? Não é universidade?

MS-Lembra que eu te perguntei, em 58, se vocês ganhavam roupa e até cigarro, três maços de cigarro? Pelo que eu tenho levantado, a partir de 75, com a fusão do Estado, uma penúria total do Estado e não dava mais nada...

AB - Isso. Nada.

MS-Você acha que é certo eu dizer que, por conta disso, essas organizações criminosas tiveram mais espaço para controlar? Porque o preso entra e não tem como, faz para sobreviver. Como foi, por exemplo, em 75 você ainda estava lá, a partir de 75 como é que você fazia para conseguir escova de dente, colchão, cobertor?

AB-Nessa época eu já não estava mais na condição de preso comum, eu passei pra condição de preso político já em 69 mesmo.

MS-Aí você não sabia mais. Você não tem conhecimento? Como é que é essa história? Isso é que eu estou te perguntando...

AB-Tenho. Por exemplo, o que acontecia? O sujeito não tem família, o que acontece? A maior parte dos presos é você sabe essa migração que existe no país. Por exemplo, eu sou do Pará, olha só onde eu estou. Você imagina como eu fiz para chegar aqui? Eu vim clandestino num navio. Como eu, muitas pessoas vieram num pau-de-arara. Então, quer dizer, você não tem vínculo com a família, inclusive muita coisas eu estou colocando no livro isso, essa análise justamente. O que é ter visita na prisão? Você imagina uma pessoa que está presa, não tem amigo, não tem parente, não tem visita? Essa era a condição de miséria, penúria total. Você não tem recursos, você não tem parente, você não tem amigo, você não recebe nada da rua. Então você tem que sobreviver dentro da prisão. Naquela época ainda se dava isso e hoje que não se dá mais? Então eles tinham, por exemplo, que fazer trabalhos manuais. Alguns faziam redes, tinha aquelas redes de plásticos, caixinha de não sei o que de papelão, os caras inventavam. Compravam chifre de boi e faziam pente, então tinha todo um trabalho, tinha uma coisa antiga dentro das prisões, os caras inventam, tem poder de criação. Por exemplo, quando eu estava na Ilha Grande, eu tinha muitas correspondências, eu sempre tive muitas amizades porque eu sabia que estrategicamente você não pode ficar isolado. Então era uma das coisas que os homens não sabiam. Por exemplo, a gente recebia visita do Paschoal Carlos Magno, aqui na Lemos de Brito. Eles nunca iam entender como é que o Paschoal Carlos Magno vai conversar com esses presos. Que é que esses caras têm? Ele chegava com pacotes de livros pra dar pra gente. Muitos queriam levar ele lá pro gabinete.

Pô, o cara é embaixador, chega de limusine na porta chapéu de couro. Ele dizia “não, não quero não, eu venho aqui pra visitar os meus amigos, eu vou lá com eles, estão ensaiando uma peça de teatro”. Não ia pro gabinete, os caras ficavam pau da vida, não podiam fazer nada, ele era embaixador da cultura. Os caras ficavam humilhados. Ele ia pra lá conversar com a gente. Eu estava fazendo essa dissertação para colocar o problema da sobrevivência. Os caras não tinham como sobreviver e inventavam isso. Eu quando estava na Ilha, por exemplo, não tinha papel para escrever cartão, cartão postal, tem essa mania de se mandar cartão pras pessoas, né? Então, eu desenvolvi uma técnica. É o seguinte: eu pegava as revista com aquelas fotografias bonitas, eu recortava a revista, aí colava, você colando um papel em cima do outro, tem uma técnica que eu descobri que você cola direitinho, ele encarta, fica durinho como se fosse um cartão, aí cortava direitinho, aí pegava tinta plástica e passava nele. Depois, pegava um verniz copal e passava em cima, recortava direitinho, desenhava os selos, tudo, fazia as linhas. Então ficava um cartão postal, aí mandava para as minhas amigas, escrevia. Elas perguntavam “pô, André, onde é que você comprou esse cartão?”. Porque era um cartão fora do mercado e eu fazia lá. As pessoas inventavam e vendiam os cartões, cartões de natal. As pessoas pegavam o macarrão, sabe que o macarrão é uma cola? Não tinha cola. Sabe o que os caras faziam? Pegavam o macarrão, dissolvia ele, tirava da comida deles, que era um prato, dividia, cada um pegava um pouquinho, “vamos fazer uma cola pra fazer um trabalho manual”. Amassava ele, aquilo fica uma cola.

MS: Mais arroz né?

AB: Macarrão também. Aí pegava papel velho, papel jornal, ia passando e colava um papel no outro e então você fazia uma peça de papelão, fazia uma série de coisas, objetos, porta-retratos, depois pintava aquilo com tinta de esmalte.

MS: Essa parte criativa eu entendo, mas eu te pergunto e a escova de dente, a pasta de dente?

AB: Pois é.

MS: Depois que o Estado deixou de dar isso, como é que as pessoas arrumavam essas coisas?

AB: As pessoas fazem isso que eu estou te falando: desenvolve essa parte criativa e conseguem aquilo. Você troca: “me dá esse retrato, toma um sabonete ou uma pasta, me dá esse negócio aí pra eu dar pro meu filho”.

MS: Você não fica endividado com essas pessoas que controlam isso?

AB: Não. Porque isso aí não tem nada. Os caras sabem que você está vivendo daquilo, os caras que controlam as coisas sabem que você tá fazendo bagulho pra vender, você não tá vendendo tóxicos, não tá jogando, você tá tendo uma vida. Então os caras respeitam isso, sabem que aquilo é o seu trabalho. Os caras até compram, às vezes nem precisam, mas compram pra te ajudar justamente porque sabem que aquela é a maneira que você tem de sobreviver, outros escrevem cartas, tinha um advogado que eu tô colocando aqui, um cara espetacular que nunca estudou e era o nosso advogado, era o cara que fazia as petições. Uma letra porque ele escrevia sempre a mão, naquela época era difícil conseguir máquina, tinha uma caligrafia impecável. O recurso parecia ter sido feito por um calígrafo. Altamente fundamentado pelos códigos, ganhava o dinheiro dele daquela maneira. Chegava no pátio, ele estava lá instalado, com uma bolsa, com um código de processos, uma sacola, sentado ali, uma pasta, instalava o escritório dele ali. Isso eu tô colocando no livro também, são esses personagens. Sobreviviam bem, ganhava dinheiro. Existiam

muitas maneiras de sobrevivência, as pessoas criavam e faziam trabalhos manuais também.

MC: O que eu ia perguntar é o seguinte: em 58, você tinha o Estado muito presente, você, quando foi conselheiro da comarca, foi até recentemente, e a gente em sociologia tem algumas teorias que discutem a tendência que é a passagem de um Estado preocupado com a socialização do preso para um Estado que está preocupado somente com o isolamento de determinadas camadas da população. Você vê essa tendência refletida? Você que esteve lá em 58 enquanto preso, e nessa situação, que é final da década de 90, se for quatro anos atrás. Você vê isso hoje? Essa tendência de isolar camadas mais baixas da população do que essa tendência que o Estado tinha de socializar, até mesmo na época de vocês, porque presos políticos seriam pessoas que saíram da ordem normal pra tentar uma modificação do sistema, então eles teriam que ser regenerados. Você nota essa tendência do Estado de não mais atuar como regenerador e sim somente isolando determinados setores sociais?

AB: Eu acho o seguinte: o Estado diz uma coisa, as leis, aquele negócio do Direito na prática. Primeiramente, se refere às palestras que eu fazia em universidades. Por exemplo, o estudante de Direito diz que a finalidade da prisão é recuperar o preso. Então nós sabemos que os fatores de recuperação são educação e trabalho, certo? Sem isso não pode haver recuperação, mas a estrutura montada, os interesses de Estado levam a que esses critérios, pra eles, não sejam aplicados. E no lugar deles são aplicados os critérios do sistema que são segurança e disciplina. Então, em função da segurança e da disciplina, são anulados todos os princípios e critérios reais da prisão. Por que seria isso? Porque pra você dar trabalho, você tem que estar deslocando as pessoas, você tem que ter ferramentas, você tem que ter uma

série de coisas que tem que facilitar que as pessoas transitem dentro da prisão, pra estudar, pra fazer. Isso, segundo eles, facilita a fuga, facilita a agressão, a violência. E aí o chefe de segurança é que toma o poder da casa porque alega que isso é perigoso, vai impondo a norma que interessa ao sistema. Porque como o sistema diz que é isso, mas na realidade não é, não se luta pra isso, o Estado não quer isso. O cara chega lá: “não, Sr. Diretor, não pode ser assim não, isso tem que ser assim, vagabundo tem que estar é na tranca. Que negócio é esse de trabalho e de estudar? Esses caras não vão trabalhar nunca. Pra quê estudo ? Pra quê perder tempo com isso ? O negócio é cumprir a pena trancado porque isso facilita pra eles e não tem o trabalho de pegar você, levar pra escola. Se torna mais fácil e já que eles não tem, na realidade, esse objetivo, logo o diretor diz “é, você está com a razão.” Quem vai tratar disso tudo é o chefe de segurança, o diretor vai lá tomar o cafezinho dele, bater um papo, na sua maioria. Então o chefe de segurança chega pra ele e impõe a ele “não pode ser assim não, esses negócios de regalias”

MC: Como é que a gente vê essas cenas, além das rebeliões, mas quando sai no Jornal Nacional, celular, o cara fumando maconha dentro do presídio, recentemente isso?

AB: Mas sempre se fumou.

MC: Até nessa questão do tráfico, o William mesmo afirma que a droga entrava como agrado e não como mercadoria. Era mais agrado para quem estava lá dentro.

AB: É. Mas tinha os caras que traficam sim, tinha, sempre houve, isso sempre houve, o tráfico sempre houve. Só tem que agora, devido a conjuntura, há maior divulgação disso, até porque interessa, a título de “combater”, se faz a divulgação do mercado, da cocaína, onde é que tem cocaína boa, onde é que tem maconha boa,

quanto é que tá custando. Isso é feito sorrateiramente, pelos meios que interessam, com a rubrica de combater o crime organizado.

MC: Eles combatem, mas divulgam ao mesmo tempo.

AB: Esse combate é entre aspas, é somente para ajudar a divulgação porque como eles iriam fazer? “Compre cocaína aqui que é mais barato!”. “Aqui nós temos uma maconha boa!”. Precisa ter um pretexto para dizer isso senão você vai ser enquadrado. Por exemplo, os Estados Unidos fazem uma campanha enorme contra a cocaína, vai vendo só como é que é isso na prática.

MC: E são os maiores consumidores.

AB: Pois é. Então você vê na prática esse “combate”, mas, no entanto o maior mercado consumidor é dos Estados Unidos e rola mais grana que em muitas multinacionais. E esse dinheiro circula no sistema econômico-financeiro deles. Então eu te pergunto: que combate realmente eles fazem? Eles não fazem nenhum combate. Eles apenas estão disputando um comércio que não está sobre o controle deles. É simplesmente isso: uma luta de quadrilhas para o domínio porque hoje a cocaína está movimentando mais dinheiro do que fábrica de automóvel e com menos investimentos.

MC: Só perde para armas.

AB: Então o que eles estão fazendo, sabe por que eles combatem? Tu acha que é porque eles são contra a cocaína? Não. Porque lá no mercado deles, todo mundo fuma, todo mundo cheira e eles não combatem lá, não tem esse combate. Eles estão combatendo porque está movimentando uma grana enorme e essa grana não está sobre o controle deles.

MC: Tem essa questão econômica que é o que determina.

AB: No dia em que a cocaína passar a ser oficializada, legal, acabou esse combate porque vão passar a controlar o refino, a produção. Então a cocaína deixa de ser esse lobo que eles apresentam agora. A gente sabe que não é bem isso. Tem muita gente boa que usa maconha, usa cocaína, não é esse o fator do crime, eles distorcem isso. Quer saber? Eu conheço muita gente que trabalha que é escritor, que é professor, que é isso, que é aquilo, que vive uma vida decente, honesta, e que é viciado, usa cocaína normalmente, faz seu trabalho, não rouba ninguém, não assalta ninguém, não estupra ninguém, tem uma vida honrada, mas é viciado. Então isso não é fator de crime não. Fator de crime é outro, agora eles querem justamente deslocar qual a real, aí entra nosso teórico, nosso Gorenstein da vida, escondendo essa realidade, de que não existe nada disso, não existe combate. Então isso é uma coisa que eu também tenho feito nas palestras que eu tenho dado e eu tenho dito o seguinte, porque geralmente quando eu vou fazer essas palestras as pessoas tocam nessa questão do crime organizado. Tá, tem crime organizado. Você quer se referir a que tipo de crime organizado, o crime organizado marginal ou crime organizado oficial? Isso tudo dentro desse projeto que mostra o Direito teórico e o Direito prático, vai desmistificando todas essas coisas e o que é o crime organizado oficial e o que é o crime organizado marginal. Porque, na realidade, é isso. Por exemplo, a filha do juiz usa, Copacabana todo mundo usa cocaína, não tem batida, ninguém é preso nem desmoralizado, não existe nada disso todo mundo sabe que todo mundo usa ali, mas é um problema de classe. As maiores quadrilhas de traficantes estão nos apartamentos e não nos barracos.

MC: Na formação do que você chama de crime organizado marginal, você acha que no Rio de Janeiro, esse contato, o surgimento do Comando Vermelho,

especificamente, tem uma ligação forte na Ilha Grande? Porque o William, por exemplo, parte do pressuposto de que o Comando foi invenção da mídia e do sistema. Eu já tenho uma opinião de que a partir de determinado momento ele já agia dentro dessa visão que o sistema estava propondo que seria o Comando Vermelho como organização hierárquica, ele define isso como início da década de 80 e o final da de 90. O nome Comando foi mencionado num relatório de polícia e, intensificado pela mídia, foi inculcado. Até que ponto isso aconteceu ou até que ponto o próprio William ele age como uma espécie de liderança desse tipo de facção?

AB: Olha é o seguinte: isso aí existe, esse fator que ele coloca.

MC: Da mídia?

AB: Realmente existe isso. Ao sistema interessa essa divulgação, até porque essa é uma forma de esvaziamento da luta política e social, é desviar a atenção, é o que se chama de uma cortina de fumaça, pra desviar da população a real situação de falência do sistema neoliberal. Essa é a primeira razão, desviar a atenção. Então os problemas da sociedade não são esses. Problema é a falange, é o crime organizado, o resto está tudo bem. Se não existisse isso estaríamos no paraíso. Então essa é a primeira estratégia deles.

TRANSCRIÇÃO

ENTREVISTA REALIZADA COM EDUARDO ULUP (EU) EM 23.05.2004

FOI DETENTO DO INSTITUTO PENAL CÂNDIDO MENDES / ILHA GRANDE / RJ POR TER PARTICIPADO / ORGANIZADO AÇÕES DE GUERRILHA URBANA / RURAL PELA ORGANIZAÇÃO DE ESQUERDA ARMADA PCBR, QUE ATUOU NO BRASIL NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970.

ENTREVISTADORES:

MYRIAN SANTOS - MARCELO CASTAÑEDA - CAROLINA ALVES.

2 – 1970. Você era da ALN?

EU – Não. Eu era do PCBR. Era dessa organização, PCBR.

1 – Vou pedir para você contar as trajetórias de suas prisões até chegar à Ilha Grande.

EU – Até chegar lá? Fui preso em março de 1970 em companhia de minha mulher atual, Lilian.

1 – Qual seu nome todo e o nome dela todo?

EU – Meu nome é Carlos Eduardo Rszack Ulup e o dela é Lilian Mozer Shalders.

1 – Ela também era do PCBR?

EU – Era então em março de 1970 nós fomos presos em Cascadura e conduzidos ao DOI-CODI.

1 – Foram presos em alguma ação?

EU – Não. Essa história é inacreditável, mas é verdade porque, na realidade, já estava me preparando para sair do Rio, porque muitos companheiros tinham sido presos e a organização, aqui no Rio, estava completamente desbaratada. E a pessoa, a única com quem eu tinha contato permanente também havia desaparecido. Eu e Lilian conversamos e resolvemos ir embora. “Não há mais o que fazer aqui, não sabemos nem com quem falar mais” e pegamos um ônibus. Na realidade nós raciocinamos assim: “talvez houvesse alguma possibilidade de encontrar alguém”. Então pegamos um ônibus. Nessa época morávamos em Marechal Hermes e no trajeto do ônibus passamos pela Rua Padre Telêmaco, o ônibus parou no ponto e quando eu olho para a calçada, eu vejo essa moça, com quem eu fazia contato. Ela reapareceu ali, naquele instante. Eu vi a moça e num impulso eu disse para Lilian: “Você desce aqui, eu atravesso a roleta, pago e venho para cá”. Lilian desceu.

1 – Vocês caíram junto com a moça.

EU – A moça estava dando um ponto frio para ganhar tempo e a Lilian assim que desceu e foi falar com ela foi imediatamente presa e eu acabei sendo preso na volta, enfim fomos levados para o DOI-CODI. Dali foi para o DOPS, que já era uma situação um pouco mais leve, inclusive há vários relatos a respeito da vida no DOPS, muito mais do que no DOI-CODI, embora haja uma descrição muito boa do que ocorria no DOI-CODI no livro relançado do Álvaro Caldas *Tirando o capuz*, que ele relançou acrescentando duas histórias. Do DOPS fomos para Ilha Grande.

1 – Do DOPS para lá direto?

EU – Do DOPS para a Ilha Grande. Pode Ter havido isso eu não lembro, uma passagem pelo complexo penitenciário da Lemos Brito, no presídio Hélio Gomes, que funcionava como um depósito de presos, de passagem. Tive tantas passagens

por lá, idas e voltas, por conta das idas à auditoria militar, que já não recordo muito bem se passaram por lá na saída do DOPS, da Rua da Relação e dali, do depósito de presos, conduzido para a Ilha Grande.

1 – Qual era a imagem que você tinha antes de chegar à Ilha Grande? O que você esperava? Era melhor ou pior? Que é que você sabia da Ilha Grande? Você lembra?

EU – Pela literatura eu já sabia que era a chamada “Ilha do Inferno”, havia essa denominação e tinha também uma idéia disso pelas histórias de Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere*. Essa era a imagem do inferno. A gente não tinha uma idéia muito clara do que é que viria, mas a imagem não era nada boa.

1 – Antes de você contar o que você lembra de lá, como surgiu o PCBR?

EU – Ele surgiu de uma dissidência do PCB, Partidão, originária no sexto Congresso.

1 – E vocês tinham boas relações com que organizações na época? Lembra?

EU – Com a ALN, boas relações. Havia uma característica no PCBR que era uma divergência, uma sutileza em torno da questão da luta armada. O PCBR era favorável à luta armada, mas com diversas finalidades. A ALN era bem mais agressiva nesse sentido. A VPR, o PC do B, eu me lembro inclusive que houve uma reunião entre dirigentes do PCBR e do PC do B, que eu assisti parcialmente. Essas eram as organizações com as quais éramos mais afinados, havia inclusive ações conjuntas.

1 – Você chegou à Ilha Grande: o que você lembra dessa época? Quem estava lá com você? Que é que você lembra? Como era a vida lá?

EU – O que me impressionou foi um fato que contrariou minhas expectativas: eu não tinha conhecimento de que na galeria reservada aos presos políticos já havia uma

grande quantidade de presos decorrentes do movimento de 64, dos marinheiros. Isso me surpreendeu bastante. Eu não fazia idéia da presença desses marinheiros lá, além de outras categorias – ferroviários, lavradores, gente do campo, que eles costumavam chamar de camponeses. Eles tinham um nível de organização considerável, bastante forte dentro da cadeia. Houve uma certa parte de conflito, de atrito com a nossa chegada, do pessoal das esquerdas, mais atuantes naquela época. E se formou uma zona de atrito ali porque eles não desvendavam a sua organização interna. Nós levamos muito tempo para conseguir enxergar o nível de organização que existia. Eles não nos permitiam muita proximidade. Havia um diálogo, uma relação, mas “vocês lá, nós cá” e isso não se devia, propriamente, me parece, a divergências políticas. Se devia à estratificação social de cada um desses grupos, que eram de estratificação popular mesmo, na sua maioria, e nós vínhamos de outra camada, na nossa maioria. Tanto que a diferença entre as coisas que chegavam das famílias dos presos, havia uma diferença gritante na qualidade, na quantidade das coisas que chegavam isso era muito marcante ali. E até nós chegarmos a uma espécie de consenso, devido às dificuldades da prisão, isso levou bastante tempo e culminou numa greve de fome que nós fizemos. Naturalmente havia presos que tinham um status especial, do ponto de vista de prestígio entre nós, como é o caso do André Borges.

2 – Você ficou lá até 1975?

EU – Não, eu fiquei lá até dezembro de 1971 e desta data até o início de fevereiro de 1972, quando fui transferido para o atual Batalhão de Choque, ali na Frei Caneca, Regimento Caetano de Farias, até que o juiz Salgado reconheceu que eu tinha direito à prisão especial pelo fato de ser jornalista, mas aí já era o final da cadeia. No julgamento da auditoria militar nós fomos absolvidos e já era a porta de saída.

2 – Foram dois anos de Ilha Grande?

EU – Um ano, onze meses e três dias: um ano e dez meses na Ilha e um mês e três dias no Caetano de Farias.

1 – Não foi muito agradável pela contagem. Você lembra de outras pessoas que estiveram junto com você que a gente também possa entrevistar? Como chegar nesse grupo da nova esquerda?

EU – Eu creio que sim. Em março de 1970 eu fui preso. É preciso lembrar quando cheguei na Ilha, isso eu não me lembro exatamente, quando eu cheguei.

1 – Quem é que você lembra de ter encontrado?

EU – Vocês querem indicações de pessoas? Vocês já entrevistaram o Luiz Carlos de Souza Santos, o Bocão?

1 – A gente só entrevistou de presos políticos que passaram por lá: Fernando Palha, Néelson Lott e André Borges.

EU – O André Borges tem um relato muito especial porque ele ficou inclusive em solitária, durante muito tempo, ele relatou isso.

1 – Ele contou que quando chegou foi isolado junto com o Godoy.

EU – Que mais tarde se suicidou quando saiu da cadeia.

1 – Mais de quem você lembra? Luiz Carlos...

EU -... O cronista...

1 – Que ele era?

EU – Ele é citado numa nota recente do Elio Gaspari sobre o livro do Álvaro Caldas.

1 – Sabe como é que a gente o encontra?

EU – Eu sei, tem o telefone dele aqui, Luiz Carlos... Tem que ser do Rio de Janeiro? Porque eu fiquei preso na mesma cela durante muito tempo, na maior parte do tempo com João Manuel Fernandes, só que ele é de Santa Catarina, ele mora lá. É uma recordação muito viva porque nós ficamos juntos durante muito tempo. O Sílvio Renan...

1 – O João Manuel Fernandes era do PCBR também?

EU – Não. Era do MR-8 debrayista, do Regis Debray. O Sílvio Renan é do Rio também. Sílvio Renan de Medeiros.

1 – Vocês se identificavam por organizações, claramente, o pessoal da nova esquerda.

EU – No início sim. Você diz dentro da cadeia?

1 – É você sabe exatamente a que organização pertencia cada preso.

EU – O Sílvio era PCBR e o Luiz Carlos, MR-8 debrayista. Rui Xavier, jornalista em SP, de vez em quando aparece no Rio, mas mora em São Paulo. Rui Cardoso de Abreu Xavier é o nome dele.

1 – Tem o Fernando também.

EU – Fernando Palha. O Colombo, que fez o seqüestro do Caravelle.

1 – O Fernando disse que foi para lá porque tinha participado de um seqüestro. Qual foi?

EU – O seqüestro do avião, o mesmo do Colombo, mas eu gostaria de checar isso.

1 – Você encontrou o Néelson Rodrigues Filho lá?

EU – Não me lembro dele. Agora, Marco Antônio Maranhão, também está no Rio, Marcão. Paulo Henrique, não me lembra o nome todo dele, mas esse tem como

achar, era da ALN. Você está interessada nas pessoas da chamada nova esquerda da época?

1 – Estou interessada em todo mundo, pois a idéia é reconstruir esse período histórico, então quanto mais detalhes você lembrar... Até o Fernando sugeriu de levar vocês para a Ilha Grande.

EU – Eu fui a favor da implosão.

1 – Hoje é o campus da Uerj.

EU – Deveria ser utilizado de uma forma mais positiva.

1 – Quanto mais detalhes melhor para que nós possamos reconstruir melhor.

EU – Deixa-me partir do seguinte: nós tínhamos um conjunto, eu me lembro bem, no pico da ocupação da galeria, nós tínhamos 120 homens.

1 – O que você lembra da galeria? Descreve para a gente.

EU – Com o detalhe que nós estávamos misturados aos presos chamados presos comuns, considerados de Segurança Nacional.

2 – Estava quem? William...

EU – William era um líder, um sujeito marcante.

1 – Você lembra dele?

EU – Lembro.

1 – Esse grupo do William, que foi preso pela Lei de Segurança Nacional, também se diferenciava do grupo dos marinheiros?

EU – Exatamente.

1 – E ficava todo mundo junto?

EU – Ficava todo mundo junto.

1 – Então você está me descrevendo pelo menos três grupos.

EU – Três, pelo menos, exatamente. O grupo de marinheiros, ferroviários, lavradores, que o pessoal vem de um estrato social mais popular; o grupo dos assaltantes de banco. Na realidade, podemos falar de quatro grupos, porque você tem o grupo de presos comuns de Segurança Nacional, já que o regime não reconhecia a existência de presos políticos. Eu acho que o grupo do André também se diferenciava dos presos comuns porque eles tinham o Godoy e o próprio André, tinham uma proximidade maior com os presos políticos, a essa altura do campeonato, do que com os presos comuns. O discurso deles já havia mudado, imagino que tivesse mudado porque eu já conheci com outro discurso, já não eram mais presos comuns, não tinham mais essas características, já estavam mudando. Então, nós temos aí quatro grupos que a gente pode classificar. E quem mais?

1 – Esses marinheiros eram organizados pelo PCB?

EU – Me parece que a influência do PCB entre os marinheiros era muito forte. Posso citar um dos líderes deles: o sargento Veloso era uma figura marcante, tinha muita liderança dentro da cadeia. Tinha também um grupo de dirigentes, o problema é que eu não lembro dos nomes de todos: Ubirajara, que era ferroviário, conhecido como Bira. E havia também os presos estrangeiros, pelo menos um venezuelano e um peruano.

1 – Eles estavam lá por conta de que?

EU – O venezuelano por conta da guerrilha na fronteira amazônica.

1 – Ele era ligado ao PC do B?

EU – Não, ele era uma figura muito difícil de se dizer a que ele era ligado. Ele tinha participado, pelo menos declarou isso, da guerrilha na Amazônia, de incursões guerrilheiras na Amazônia. Não posso dizer se ele estava ligado de alguma forma à Guerrilha do Pará, no Araguaia, mas acho que não. Segundo ele, operava mais na Amazônia. O peruano era também uma figura um pouco estranha, inclusive chegou a ser preso novamente depois. Isso é mais ou menos recente. Eles me chamaram atenção por isso. Então nós tínhamos uma comissão coordenadora da qual cheguei a fazer parte.

1 – Quem fazia parte?

EU – João Manuel, Cláudio, Otoni esteve lá, eu não sei se está no Rio, ele era paulista, se destacava por ser um sujeito muito alto.

1 – Essa comissão coordenadora era desse grupo de presos políticos?

EU – Sim.

1 – Das organizações?

EU – Essa comissão era o Veloso, João Manuel.

1 – Representava a galeria?

EU – Nós tínhamos eleições permanentes na galeria. Essa comissão tinha uma dissidência, uma divergência interna, pois os diferentes grupos não se integravam politicamente. Havia uma divergência com relação ao tráfico entre os presos comuns, não considerando aí o André Borges e o Godoy como presos comuns. Havia uma divergência em relação ao tráfico entre os presos comuns de Segurança Nacional.

1 – Que é que você lembra? Como era?

EU – Essa divergência é uma história que hoje já está mais ou menos revelada, que foi que alguns dizem que influenciou na origem dessas organizações criminosas atuais, o Comando Vermelho. Era o fato de que os presos comuns se apresentavam um determinado grupo de presos políticos acreditava que pudesse, assim como aconteceu, digamos, com o André Borges, que pudesse incorporar os presos comuns na categoria de vanguarda da revolução, de incorporá-los como revolucionários. E havia um outro grupo que não acreditava muito bem nessa teoria, que não tinham essa posição, achavam que essa relação com os presos comuns tem que ser uma relação fraterna, mas que deveria se deixar muito clara as diferenças entre uns e outros.

1 – Você era de que grupo?

EU – Desse segundo. O outro grupo não conseguiu assimilar idéias revolucionárias em nenhum momento. A não ser no que se refere à questão da estrutura de organização da gente. Parece-me que se eles assimilaram alguma coisa, a questão do modo de se organizar. Alguns deles aproveitaram realmente, me parece, a experiência dos presos políticos, estudantes de esquerda, da época.

1 – Esse primeiro grupo que você falou o que é que eles faziam em termos da incorporação dos presos comuns?

EU – Eles se aliavam aos presos comuns em determinadas situações, isto é um pouco difícil de recordar, é uma coisa até mais comportamental mesmo, eles se ligavam muito aos presos comuns dentro da cadeia e se agrupavam muito com os presos comuns e incorporavam a linguagem, o que, aliás, aconteceu com muitos de nós, inclusive comigo. Houve uma época em que eu falava exatamente para poder entender a linguagem. Eu sei que incorporei a linguagem e falava na linguagem dos comuns. Aprendi uma série de palavras que eu nunca tinha usado na vida.

1 – Tipo o que?

EU – Samango.

1 – O que era?

EU – Era policial, por exemplo. Isso é uma palavra que me chamou atenção. Eu até uso essa palavra num roteiro que escrevi para um trabalho de audiovisual.

1 – Principalmente devia ser para denominar as questões das prisões, os presos deviam ter um vocabulário grande.

EU – Exatamente. Você diz que quem devia ter?

1 – O preso comum.

EU – O preso comum tinha um vocabulário muito extenso. A cana-dura era quando a gente ficava de castigo na cadeia, quando a direção da cadeia estabelecia punições, coisas assim.

1 – Você lembra de alguém que fizesse parte desse primeiro grupo para a gente entrevistar?

EU – Sebastião Medeiros.

1 – Ele era de que organização? Você lembra?

EU – Se não me engano ele era do MR-8, a mesma do Bocão. Teve um preso que eu não sei se ele chegou a passar pela Ilha Grande, Humberto Medeiros. Acho que ele ficou na Ilha das Flores. Humberto não passou pela Ilha Grande, só tive contato com ele depois. Tinha o Medeiros e o irmão dele que se declarou poeta de profissão diante da polícia. Perguntaram a ele: “qual a sua profissão?” e ele respondeu “poeta”.

1 – Apanhou mais ainda.

2 – Esse também era do MR-8?

EU – Era, o irmão dele era, talvez Lilian lembre, agora não estou conseguindo me lembrar. O que mais eu posso ajudar?

1 – Você disse que tinha essa dissidência, de como tratar. Você se lembra mais desse grupo se misturando com eles na galeria? Descreva essa galeria. O que você lembra? Como eram as celas?

EU – Você quer que descreva as celas? Houve uma reforma na cadeia. No início, eram celas de dois ou feitas para dois presos e que às vezes tinham três. Não lembro de celas com mais de três presos, eventualmente. Eram instalações muito antigas, muito usadas, os colchões eram extremamente desconfortáveis, de um modo geral, até a reforma feita na ala dos presos políticos, que foi uma reforma até, eles fizeram uma coisa mais higiênica. Essa reforma deve ter sido em 1971.

3 – Foi nessa reforma que vocês mudaram de andar?

EU – Boa pergunta. Alguém falou em mudança de andar?

3 – Foi o Néelson.

EU – Foi o filho.

3 – Néelson Lott.

EU – Eu tenho uma vaga lembrança do Néelson Lott. Isso é curioso, eu não me lembro muito bem dele.

3 – Porque ele chega quando você está saindo.

EU – É possível.

1 – Já tinha saído.

EU – Eu saí em dezembro de 1971. Essa reforma, de fato, você tem razão, houve uma mudança de andar. Na minha época, nós estávamos no primeiro e fomos para o segundo andar. E as celas eram do mesmo tamanho das originais, mas mais higiênicas. Era uma coisa mais bem cuidada, enfim, com chuveiro, pia, vaso, etc. E a nossa vista melhorou porque a gente passou a ver o mar em diagonal. As celas normalmente quando não era cana-dura, elas ficavam abertas durante o dia e nós podíamos...

1 – Conversar com os presos, que ficavam soltos na galeria.

EU – Ficavam soltos na galeria. Nós tínhamos banho de sol, em condições normais, sempre que não houvesse um seqüestro ou coisa parecida, uma hora.

1 – Mas como era o regime? Você lembra da rotina? Como era a rotina da cadeia?

EU – A rotina: nós tínhamos café da manhã em torno de 6:30.

1 – Vocês desciam para tomar café?

EU – Descia, tinha um restaurante, um refeitório coletivo e, proibidos de falar, o café era servido naquelas canequinhas de guerra, de soldado.

1 – De alumínio?

EU – É, de alumínio, café com leite, pão, eventualmente uma fruta, alguma coisa assim, e dali nós íamos para o banho de sol em seguida. E depois íamos para as celas, aquilo ficava aberto normalmente e cada um se dedicava as atividades que lhe parecesse mais convenientes, muito trabalho manual, eu mesmo cheguei a fazer alguma coisa.

1 – Fernando falou.

EU – Trabalho manual, artesanato.

1 – Você lembra do que você fazia?

EU – Eu cheguei a fazer, tenho aqui, levei muito tempo fazendo um calendário de palitos de fósforos. Tenho até aqui, não sei onde está guardado, posso mostrar a vocês. Eu dei de presente para Lilian, mandei para ela.

1 – Biblioteca vocês tinham?

EU – Biblioteca, a questão dos livros. Nós não tínhamos propriamente uma biblioteca que eu me lembre, mas nós recebíamos livros e trocávamos entre nós. Eventualmente tínhamos livros na cela, líamos bastante, todos, pelo menos a maioria gostava muito de ler. E tinha uma censura ferrenha em cima dos livros que poderiam entrar lá na cadeia. Por exemplo, aquele livro do Summervill, que era um educador na época famoso. A palavra liberdade eles já encrencavam, era um problema liberar. As cartas também eram censuradas, todas, as cartas que trocávamos com o exterior e com as outras cadeias.

1 – Vocês tinham grupos de discussão política coletiva? Pertenciam às organizações?

EU – Não, não havia isso, essa coisa se dissolveu.

1 – Não tinha contato com o mundo externo...

EU – Essa coisa se dissolveu dentro da cadeia, havia uma organização extraída do próprio coletivo. Lilian, o nome do Cláudio?

LI – Cláudio Torres da ALN?

EU – Não, o Cláudio que tinha problema de fígado, que era da VPR, que a gente conhecia pelo mau humor, depois estivemos com ele...

LI – Cláudio Câmara.

1 – Esse era da comissão também?

EU – Exatamente.

1 – Mas você estava falando que existiam discussões políticas no coletivo. Vocês incorporaram os presos comuns nesse tipo de discussão?

EU – Não, não chegamos a incorporar eles. Na realidade algumas conexões com os presos comuns, principalmente com o grupo que se integrou mais com eles. Agora, nós procurávamos discutir com os presos comuns, mas havia problemas mais imediatos para a gente discutir, por exemplo: a presença da droga na cadeia. Droga na época era maconha, isso foi uma coisa que nós chegamos a discutir com eles e conseguimos, relativamente, chegar a um acordo sobre evitar ao máximo qualquer tipo de exposição nesse sentido, porque nós estávamos convencidos de que essa era uma questão que poderia nos afetar negativamente, do ponto de vista político. Eu, particularmente, não gostava da droga, mas havia outros que estavam raciocinando desse jeito, do ponto de vista político. Isso poderia nos afetar no sentido de dar argumentos ao regime contra os presos políticos contra a esquerda. Nós chegamos a discutir isso com os presos comuns.

1 – E qual foi o resultado?

EU – O resultado foi assim, nunca tivemos dali para a frente muita disposição depois que nós ficamos sabendo que isso estava rolando, nós procuramos discutir isso com os presos comuns e nunca houve muita exposição w não houve problema com relação a isso, não houve problema.

1 – Vocês tinham informação do que estava acontecendo fora enquanto vocês estavam presos?

EU – Nós tínhamos principalmente por parte das visitas, dos familiares, que eram visitas de 21 / 21 dias. Os familiares sempre traziam uma informação nova sobre o que estava acontecendo fora.

1 – E essas visitas eram muito complicadas para eles?

EU – De certo modo sim porque havia, principalmente nas épocas mais duras, em que a repressão endurecia sobre os presos. A questão das visitas dos familiares, das pessoas e a própria viagem, que era uma viagem dura.

2 – Tinha que ir e voltar no mesmo dia.

EU – No mesmo dia, tinha que entrar num caminhão muito desconfortável.

1 – Visitas de 21 / 21 dias durante quantas horas?

EU – Duas horas, a gente ia para o auditório da cadeia e ficávamos lá conversando e era a nossa principal fonte de informação. Quando a coisa apertava as visitas eram suspensas.

1 – Essas visitas eram coletivas? Ficava todo mundo junto?

EU – Coletivas.

1 – Vocês iam para as celas depois do banho de sol, desciam para almoçar, voltavam...

EU – A gente descia para o refeitório e almoçava. Em geral era hora das atividades mais privadas, assim as pessoas descansavam ou mantinham encontros mais

peçoais homobíacos até a hora do lanche da noite, mais ou menos 18:30, se não me engano. A gente separava algumas coisas peçoais para comer, na própria cela, tínhamos as chamadas pererecas.

1 – O que é perereca?

EU – Perereca é um dispositivo feito de lata em que você usa água com uma resistência. Você usa água para esquentar líquidos como leite em pó, essas coisas a gente visava lá.

2 – Como se fosse um fogão.

EU – Aquilo era proibido, de vez em quando tinham batidas e recolhiam as pererecas, a gente fazia outras e assim ia.

2 – A relação que vocês tinham com esses presos políticos de 1964, como era? Partiam da idéia que eles eram revisionistas? “A gente é contra a luta armada”. Teve essa divergência logo que vocês chegaram?

EU – Exatamente, teve a divergência.

1 – Você falou que não tinha muita divergência política, mas tinha também. Você falou no início que era mais uma separação que vinha da diferença de camadas sociais.

EU – É possível que essas duas coisas se confundissem. Isso foi uma constatação que eu fiz. Isso também estabeleceu uma clivagem dentro da própria nova esquerda, por quê? Porque a gente foi aos poucos constatando que eles não eram tão idiotas quanto nós pensávamos que eram. Quando nós começamos a verificar o nível de organização que eles tinham e o fato de que exatamente tinham muito poucos recursos, eles administravam muito rigidamente os seus próprios recursos. Administravam com muito rigor quando nós recebíamos comida, comida aos montes.

Tinha algumas famílias que realmente exageravam nesse aspecto, traziam...Era uma coisa assim.

1 – E vocês dividiam com os outros?

EU – A gente procurava fazer a divisão. Mas ainda assim era um exagero. A própria necessidade de dividir era estabelecida pelo fato de haver um excesso em alguns casos individuais. Havia coisas que pro ambiente da cadeia era um acinte.

1 – Tipo o que? Chocolate suíço?

EU – Chocolate suíço, eu não sei se era suíço, mas uma quantidade monumental de frutas caras, coisas muito caras, coisas assim, isso realmente era muito chocante. Mas eu estava falando de diferenças políticas. De fato, eles eram considerados reformistas e me parece que essa visão um tanto quanto sectária foi mudando na relação direta com eles, até que houve uma unificação, mesmo que temporária, por conta das lutas internas na cadeia contra a direção da cadeia, contra a repressão.

2 – Você participou de uma greve de fome?

1 – Como era a relação com os guardas penitenciários?

EU – Nós tínhamos sempre algum tipo de manifestação contra os maus-tratos sofridos por comuns, aos presos comuns mesmo. Porque conosco a relação era mais cuidadosa, eles se cuidavam mais conosco, mas eles tinham os casos de espancamentos de presos comuns que eram freqüentes.

1 – Vocês ficavam sabendo?

EU – Ficávamos sabendo, inclusive dos casos de morte, mesmo porque na tentativa de fuga eu me lembro claramente de um preso muito baixinho, que era um preso

comum chamado Perereca. Ele era apelidado assim. Ele foi morto numa tentativa de fuga.

1 – Vocês tinham contato no futebol, no pátio, com os outros presos?

EU – Não, nosso horário de banho de sol era diferente. A gente tinha algum contato com esses presos em conversas de janela, eventualmente numa passagem ou outra, uma coisa assim. Para falar a verdade eu nem me lembro como conheci o Perereca, eu não consigo lembrar disso, mas me lembro claramente da figura dele e do fato de que ele foi emboscado, claramente emboscado.

2 – A ordem era matar.

EU – Eles estavam informados sobre a fuga, deixaram o sujeito sair e mataram. De outro modo, eles não teriam essa possibilidade. Nós fomos objeto até de uma aula do Grupo de Operações Especiais da Polícia Militar, uns sujeitos que andavam de boina, passaram, fizeram uma exposição para mostrar a gente que eles estavam sendo treinados, porque Operações Especiais era participou do policiamento da Ilha. Eu conheci um sujeito que até pouco tempo foi presidente do Clube de Oficiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro que, para minha surpresa, se identificou para mim quando eu trabalhava na TVE e ele foi lá dar um depoimento, uma entrevista, qualquer coisa, que ele tinha sido comandante da guarda carcerária da Ilha Grande. Conversamos o nome dele eu tenho que me lembrar, alguém sabe o nome dele, eu estou me lembrando agora. E numa conversa eu estava na posição de jornalista, de diretor de um programa, conversando com ele na TVE e ele disse: “Você esteve na Ilha Grande?”. Eu disse: “sim”. Aí ele: “Eu fui comandante da guarda”. Curiosamente um sujeito que apresenta posições bastante progressistas, se meteu em política.

1 – Você estava falando que vocês estavam fazendo uma manifestação contra os maus-tratos dos presos comuns e que eles tratavam vocês melhor. A gente estava querendo saber de que greves você participou?

EU – Houve uma primeira tentativa de greve que foi frustrada porque não obteve a adesão necessária dos grupos dos marujos, dos chamados reformistas. Isso foi, aliás, um dos primeiros sinais mais fortes dessa divisão no sentido de que eles não aceitavam a liderança pura e simples. Nós nos considerávamos líderes da vanguarda revolucionária e eles lá.

2 – Eles tinham essa coisa de Ter formado o coletivo político lá e com a chegada de vocês, no início não, mas depois, quando foi expandindo o grupo, vocês acabaram tendo uma representatividade que resultou na reformulação da comissão?

EU – Exatamente. Podemos ir por aí: então isso demorou, foi um processo lento até se chegar a segunda greve de fome. Essa segunda foi muita bem sucedida porque houve unidade absoluta dentro da cadeia.

2 – Foi nessa que os guardas fritavam bifês para tentar rachar a greve?

EU – Sim. Eles tentaram sim. Eu me lembro do seguinte...

1 – Você lembra quando foi?

EU – Eu tenho que me situar melhor ainda sobre a data. Saiu na Veja, publicaram matéria sobre a greve que durou 36 dias, se não me engano foi em 1971.

1 – Conseguiu sair então?

EU – Então saiu a greve muito unida.

1 – Qual era o objetivo de vocês?

EU – Era protestar contra maus-tratos, contra a direção que era, na época, a pior direção desse ponto de vista, que nós tivemos. O clima na cadeia ficou muito pesado. Era o Major Manhães o diretor, que comandou a invasão da Ciferal, deu porrada nos trabalhadores da Ciferal. Na Ciferal antes houve uma greve, a Polícia Militar interveio e esse camarada era o comandante.

1 – Era o Mão-Branca ele?

EU – Não me lembro se era o Mão-Branca, ele era preto, o sujeito era bem ruim, ruim mesmo. E tinha um grupo de bandidos do lado dele, quadrilhas de bandidos trabalhando para ele e essa situação de tensão foi a causa da greve de fome, tensão permanente. Naturalmente havia um revestimento de esboço contra a ditadura militar, mas no fundamental o que uniu a galeria de presos políticos foi a situação interna das quadrilhas.

1 – O que vocês reivindicavam de pontual, concreto?

EU – A mudança das condições da prisão.

1 – Vocês conseguiram?

EU – Nós derrubamos.

1 – Vocês derrubaram a direção do presídio?

EU – Porque a greve se estendeu e eles esperavam que a greve se enfraquecesse e ela foi se fortalecendo. Passamos a beber só água e algumas pessoas acabaram socorridas, tomando soro e conseguimos com os presos que saíram para a auditoria militar passar para fora os documentos, manifestações ligadas ao movimento e isso começou a se estender, se irradiou até que chegou uma comissão do Desipe,

chegou lá de helicóptero com pompas e circunstâncias. Uma comissão do Desipe que veio inspecionar nossas condições e pediram vários depoimentos, inclusive na presença de alguns comparsas desse Major Manhães e os depoimentos foram praticamente unânimes com relação as condições da cadeia, a tensão existente, os espancamentos, os castigos, porque dentro da galeria dos presos políticos ele intensificou os castigos, principalmente na solitária. Então qualquer manifestação acabava na solitária, que não era tão solitária assim porque não havia tantas solitárias, então eles tinham que juntar algumas pessoas na chamada solitária.

1 – Era o seguro?

EU – Não, solitária. Nesse caso eu fiquei com mais dois na cela de castigo porque eu escrevi uma carta individual para o diretor protestando e ele me mandou para a solitária. Então esse era o foco: intensificou os castigos, a repressão na galeria dos presos políticos até que nós conseguimos unificar o pessoal. Veio a comissão do Desipe e dias depois, não demorou muito, o diretor foi destituído e substituído por um cidadão chamado Carneiro de Mendonça, não me lembro o primeiro nome dele, mas é uma família até bastante conhecida no Rio e que relaxou todas as condições e estabeleceu diálogo com os presos políticos, melhorou a comida, essas coisas de cadeia.

1 – Melhorou para os presos comuns também?

EU – Melhorou também o clima entre os presos comuns.

2 – Você saiu da Ilha e foi para a Fortaleza de Santa Cruz?

EU – Não, eu saí da Ilha Grande e fui para o Caetano de Farias.

1 – De lá saiu?

EU – Saí.

1 – Desse grupo de marinheiros você lembra algum nome?

EU – Eu falei o Sargento Velloso.

1 – Tem como entrar em contato com ele?

EU – Essa é uma boa questão. Eu acho que ele não mora aqui. O Bira morava em Nova Iguaçu, Ubirajara, ferroviário que te falei. Estive uma vez na casa dele numa festa oferecida por ele.

1 – Talvez o André também ajude.

EU – O André pode ajudar bastante. O Herman que era um alemão alto, comprido também deve morar na Baixada. Havia o Washington que eu encontrava com muita frequência no samba da Casa de Dança Maria Thereza, dona de academia de dança. Ele a namorava, voltamos a nos encontrar. Tem o Felipe que mora em Vila Isabel e tinha uma oficina lá, ficou preso conosco, marinheiro. Em Vila Isabel, na Rua Torres Homem, tinha uma oficina e uma loja de peças de reposição para carros e eu cheguei até a consertar meu carro com ele, mas depois a gente perdeu o contato.

2 – Perto do Noel Rosa?

EU – Perto do Noel Rosa, exatamente. Talvez a Comissão de Anistia dos Marinheiros possa ajudar a localizá-los. Eles têm uma comissão específica que cuida da anistia aos militares, entre eles os marinheiros de 1964, eles podem ajudar bastante a localizá-los.

1 – Você quase não falou claramente dos presos comuns.

EU – Nós tínhamos pouco contato com eles.

1 – Mas eles participaram dessa greve de fome.

EU – Você está falando dos presos comuns de Segurança Nacional.

1 – É.

EU – Participaram.

1 – Você sabe que depois que você saiu houve um racha, uma estória do roubo de um relógio, aí você já não acompanhou.

EU – Houve um racha por causa do roubo de um relógio.

1 – São várias as versões, nós estamos escutando ainda, o Fernando mesmo conta.

Eu – O Luiz Carlos...

1 – Teve um racha, uns dizem que tudo foi provocado pelos presos políticos que queriam fazer o racha mesmo já preparando sua saída. Os presos políticos, Fernando diz, que foi para proteger porque os presos comuns estavam ameaçando a vida deles, roubo, ameaça de morte, parece que ficou mais tenso bem mais tenso.

EU – O Luiz Carlos ficou mais tempo lá, ficou preso mais tempo do que eu, ele pode ter acompanhado isso.

1 – O Bocão?

EU – O Bocão. Criamos até, isso nós me lembro, isso foi depois da minha saída ou perto da minha saída, um supletivo dentro da cadeia, reconhecido como válido. O Bocão sabe disso porque ele deu aula nesse supletivo. Então isso faz parte da relação com presos comuns e talvez essa história ele conheça melhor.

1 – E essa história, só para fechar, a imprensa, você é jornalista também, o que a gente lê é que quando se começou a falar dessa convivência comum, os presos

aprenderam a se organizar e surgiram essas facções criminosas influenciadas. O que você acha disso?

EU – Eu acho que existe mesmo, eu acho que é verdade, uma ironia da história, presos revolucionários se tornaram membros de organizações que, desse ponto de vista, só favorecem os dominadores. A droga é um tentáculo do pensamento... Uma forma de direita... Alguém aqui leu o livro *Abusado*.

1 – Eu li.

EU – Eu gostei muito do livro.

1 – É impressionante ver as cartas da associação deles depois que os presos políticos saíram, “Paz, justiça e liberdade”. O discurso é muito próximo, “companheiros”. Você falou do linguajar dos presos comuns, mas eles também absorveram o linguajar de vocês. Os abaixo-assinados, formação de greves, mas isso dez anos mais tarde.

EU – Eles combinam o discurso político com práticas de direita.

2 – Braço do Estado também, onde qualquer coisa que envolver favela é ligada ao tráfico, aí não tem que investir, não tem porque criar condições daquelas áreas se desenvolverem.

EU – Fiquei impressionado quando houve a ECO 92 e o Exército entrou. A foto de primeira página é uma coisa que, o tanque virado para a favela. Eu fiquei muito impressionado com aquilo. Como é que o Exército foi capaz de permitir uma coisa dessas? Se eu morasse ali, eu ia perguntar: esse sujeito está querendo o que?

1 – Essa proposta do Conde de murar as favelas lembra as “cidades muradas”, barra pesada também.

EU – A proposta dele era murar a Rocinha depois.

2 – O sujeito não deve ser bem visto por lá. Como é que foi você era jornalista na época.

1 – Você trabalha na TVE ainda?

EU – Não, atualmente estou lotado na Fiocruz e trabalho na Secretaria Municipal de Saúde, estou cedido à Prefeitura.

2 – Mas como jornalista?

EU – Assessor de comunicação. Quem me levou para lá foi o Arouca.

1 – Eduardo, quem que você pode ajudar a gente a encontrar?

EU – Vamos ver o Luiz Carlos, ele tem a localização exata do Rui Xavier, isso eu tenho certeza, eles são muito ligados. Eu acho que através do Luiz Carlos a gente possa chegar a outras pessoas. Te falei do Sílvio também.

2 – Ele era do JB?

EU – Não, ele é economista, aliás, o Luiz Carlos também. Deixa-me ver lá, deixa-me dar uma olhada aqui.

(passa os telefones...).

EU – Sorte, se é que se pode falar disso em termos de DOI-CODI porque como eu tinha dito a vocês a maior parte da organização tinha desaparecido.

1 – Eles não estavam querendo mais.

EU – Já tinha muita gente presa, a maior parte da organização estava presa, desbaratada. Então eu tomei choques elétricos, porrada, mas não na mesma proporção que outros que chegaram antes levaram porque eles já estavam mais ou menos familiarizados com toda a dinâmica da organização, que estava praticamente escancarada. Então nesse sentido eu tive alguma dose de sorte. O azar foi ter aquela coincidência de saltar de ônibus, aquilo ali.

2 – De repente vocês estariam longe.

EU – Exato, provavelmente eu iria para São Paulo onde tenho parente. Eu ia para lá para ficar um tempo fora.

2 – De quais ações vocês participaram? Assalto a bancos? Como eram as ações?

EU – Olha, tem coisas que eu não disse até hoje.

1 – Não precisa dizer se você não quiser.

EU – Então tá bom participei de algumas ações, isso eu posso falar de maneira genérica, de propaganda armada. Isso era uma característica das ações do PCBR, muito especificamente: a idéia da propaganda armada, que outras organizações não usaram.

1 – O PCBR acabou nessa época?

EU – Não, não chegou a acabar não, ele continuou. Tanto não chegou a acabar, eu não sei se você se lembra de um nome, Salatiel. Esse homem foi assassinado por justiça depois que todo mundo já estava fora ele foi assassinado porque foi considerado delator, qualquer coisa desse tipo. Eu acho que isso já fazia parte de

uma competição extremamente militarizada da concepção revolucionária, uma concepção militar. Isso era muito específico.

1 – Esse justicamento foi feito pelo PCBR?

EU – Ninguém sabe, mas como ele era do PCBR supõe-se que sim. Não havia muito motivo para ele ser escolhido por órgão de repressão para servir a uma farsa de justicamento, não havia muito motivo para isso, eles poderiam usar o órgão de repressão para matar o cara e dizer que foi um justicamento, não é? Mas eu não vejo muito caminho por aí. Eu acho possível, nem provável, ter sido o PCBR. E ainda se manteve durante muito tempo a mística da organização, de outra forma, para algumas pessoas, sem contar o fato de que até hoje temos ainda vivo um dos grandes líderes da organização, o Apolônio de Carvalho.

1 – Não sabia que Apolônio era do PCBR.

EU – Ele foi dirigente do PCBR.

1 – Pensei que fosse do PC do B.

EU – Não, foi dirigente do PCBR.

2 – Li a entrevista dele e do Álvaro Caldas no Pasquim 21.

EU – O Álvaro Caldas começou um trabalho de um filme que parou e depois veio um vídeo divulgado pela TV Cultura sobre o Apolônio, muito bom, aliás, excelente documentário.

1 – TV Cultura de São Paulo?

EU – É.

1 – Dessa primeira caracterização desse coletivo você foi o que ofereceu o relato mais detalhado.

EU – Também tem uma coisa muito marcante para mim porque eu vim do Partidão. Eu não era agregado novo às organizações de esquerda. Eu saí do Partidão para integrar uma organização mais à esquerda, então eu tinha uma percepção dessa coisa.

1 – E do André Borges? Ele também teve uma passagem pelo Partidão?

EU – Não que eu saiba.

1 – Essa organização que ele conta essa formação política na cadeia, porque ele deu uma entrevista longa para gente onde ele disse que eles eram organizados, mas não cita nenhuma organização.

EU – Me parece que isso começou na penitenciária Lemos de Brito, na fuga. Agora, como essa coisa me rolou não sei direito. Eu conheci o André na Ilha Grande, o conheci lá, nós fizemos até uma boa amizade, estou até em dívida com ele. Convidou-me para ir ao lançamento do livro dele.

1 – Legal você ler, até parece ter certo ressentimento quanto a esse grupo político de vocês por parte deles.

EU – É? Como ele manifesta isso?

1 – Na descrição dele os conflitos aumentam e eu acho que nas últimas greves ele não é considerado preso político pelo coletivo.

EU – É?

1 – Foi isso que eu entendi.

2 – Tanto que ele saiu de lá em 1979, não saiu de lá em 1975.

1 – Fernando me disse isso, por exemplo, que ele era a favor, mas que o coletivo vota a favor da exclusão do André Borges.

EU – É? Essa história eu não conheço direito.

1 – Foi em 1974.

EU – Eu não conheço essa história porque sempre que nos encontramos ele é extremamente amistoso comigo.

1 – Não deve ser nada pessoal.

EU – Certamente não, mas tivemos lá o Lúcio Flávio Vilar Lírio, ele estava lá na Ilha, “passageiro da agonia”.

2 – O André Torres estava lá também? Ele chegou lá em 1971 também.

EU – Torres?

2 – Tem um livro também, mas que era preso comum enquadrado na Lei de Segurança Nacional.

EU – Não é um dos que eu me lembro.

2 – O livro dele é “Exílio na Ilha Grande”.

EU – Já ouvi falar desse livro, mas não me lembro dele.

(e-mail ULUP: ulup@cemtroin.com.br)

EU – Houve um concurso para guarda de presídio e chegou na Ilha Grande uma nova leva de guardas. Os meninos vieram isso eu acho até que foi na época do Carneiro de Mendonça e os meninos chegavam para conversar, dialogar, bater papo, mas o clima na prisão é tal que, não demorou muito tempo, toda essa cordialidade foi embora. Acabou porque eles tinham que se proteger. A coisa com os presos comuns não era brincadeira também. Os presos comuns tinham grupos que

não dava para vacilar ali porque se você amolecasse você estava ferrado. Tinha que dar duro neles porque faz parte da escala de valores comuns aos dois grupos, tanto dos presos comuns quanto dos guardas. Se não endurecer não tem jeito.

1 – Não mantém a ordem.

EU – Não mantém a autoridade, isso inclusive entre os próprios presos comuns também tinham o exercício da autoridade entre eles, uma hierarquia. Então acho que é por aí. Essa sua pergunta me lembra o trabalho de um psicólogo austríaco que escreveu sobre a relação entre os presos e a relação com os soldados, mas aí já era outra coisa porque os soldados, pessoas simples do campo. Era outra relação, os soldados consideravam os intelectuais riquinhos, tinham um profundo ressentimento e ele fala dessa questão, dessa relação. Só que, por sorte, conosco isso não aconteceu porque o clima era outro, obviamente.

1 – Vocês tinham um coletivo forte e eles respeitavam vocês.

EU – E tinha um certo respaldo de algumas famílias importantes, também tem isso.

1 – A intenção é quebrar um pouco essa idéia de que a esquerda formou essas organizações, mais descrever esse encontro ou de que as pessoas se apropriam do que querem então eles se apropriavam de alguma forma. É descrever, é dar mais conteúdo a esse encontro de vocês que tem sido meio estigmatizado.

